

Lula-Alckmin teve palpite de marqueteiros e coincidência

Tida como improvável, a união entre Lula (PT) e Geraldo Alckmin (PSB) começou a ser articulada no começo de 2021, teve diversos envolvidos e se formou diante de sugestões de marqueteiros, coincidências e conversas em elevador. A chapa será lançada amanhã. **Política A10**

SABATINA FOLHA/UOL

Tarcísio diz se opor a presidente sobre as vacinas

Pré-candidato ao governo de São Paulo e apoiado por Jair Bolsonaro, Tarcísio de Freitas (Republicanos) disse em sabatina Folha/UOL ter discordado do presidente sobre a questão das vacinas. **Política A11**

Gabriel Colombo quer desmilitarizar polícia paulista

Política A11

Caso Jacarezinho tem 24 de 28 mortes arquivadas
Investigações sobre a operação policial mais letal da história do Rio, que faz um ano, chegam ao fim sem elementos suficientes. **B4**

Petrobras lucra R\$ 44,5 bilhões no primeiro trimestre

Mercado p. 1

EDITORIAIS A2

Na incerteza, aperto
Sobre aumento dos juros do Banco Central e do Fed.

Rascunho do retrocesso
Acerca de possível fim do direito ao aborto nos EUA.

ATMOSFERA

São Paulo hoje
21° 14°
0h 6h 12h 18h 24h

Fonte: www.climatempo.com.br

ISSN 1678-0772
9 771414 572063 34001



Matheus Lobo, 22, joga games pelo celular e quase não usa seu console. Nay Ziberti/Folhapress

Mercado 14

Cellular se isola como a principal plataforma de gamers no Brasil

Esporte B7

Racismo convive com classismo e xenofobia nos estádios argentinos

Guia C11

Tradicional rodas de samba voltam a tocar nas periferias de São Paulo



Alberto Pizzoli/AFIP

PAPA APARECE EM CADEIRA DE RODAS PELA PRIMEIRA VEZ

Assessor empurra Francisco, que sofre de dores no joelho, em audiência no Vaticano. **Mundo A14**

Bolsonaro e Defesa fazem nova ofensiva contra o TSE

Ministro pede que tribunal publique perguntas de militares; presidente quer que empresa audite eleição

O governo Bolsonaro redobrou seus ataques ao sistema eleitoral em duas frentes nesta quinta-feira (5). Primeiro, o ministro da Defesa, general Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira, pediu ao Tribunal Superior Eleitoral que divulgue questionamentos das Forças Armadas sobre as eleições deste ano.

Horas depois, durante sua live semanal, Jair Bolsonaro declarou que seu partido, o PL, contratará uma empresa para auditar o processo eleitoral. Em tom de ameaça, disse que "o TSE pode ficar em situação complicada" se a auditoria se mostrar impossível.

Em segundo lugar em pesquisas de intenção de voto, o presidente tem alimentado os suspeitos sobre a lisura do sistema eleitoral — desde a adoção das urnas eletrônicas, em 1996, nunca houve registro de fraude.

Ele nega que busque minar o processo: "A gente vê nas republicanas o chefe do Executivo conspirar para ficar no poder, cooptar órgãos para fraudar eleições. Aqui é o contrário".

O TSE não se manifestou a respeito até a conclusão desta edição. **Política A8**

Fachin relata corrida de jovens de 16 a 18 anos por título eleitoral **A8**

Em Brasília, diretor da CIA pediu fim de críticas a urnas

O diretor da CIA (Agência Central de Inteligência dos EUA) afirmou a integrantes do alto escalão do governo brasileiro em 2021 que Jair Bolsonaro deveria parar de questionar o sistema de votação antes das eleições, segundo agência Reuters.

As declarações de William Burns, maior autoridade dos EUA a se reunir com o governo brasileiro desde a posse de Joe Biden, ocorreram em reunião fechada, segundo pessoas familiarizadas. O Platanillo nega que a mensagem tenha sido dada. **Política A7**

Câmara posterga e pode nem analisar cassação de Silveira

O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), e deputados do centrão trabalham para retardar ao máximo a análise sobre o caso Daniel Silveira (PTB-RJ). A tendência é que, se ocorrer, a punição só deve vir perto da eleição. **Política A6**

Troca de chefe da PF em AL é barrada por ingerência

Ocorrência inédita na história recente da Polícia Federal, uma ingerência política sob o governo Jair Bolsonaro barrou a tentativa da cúpula do órgão de trocar o superintendente em Alagoas, delegado Sandro Valle Pereira. **Política A4**

Djamil Ribeiro

O fetiche da branquitude salvadora

Interessa ao poder que negros sejam retratados como vulneráveis, violentados, desesperançados e carentes. **C9**

PARA NÓS, O MAIOR RECONHECIMENTO DE TODOS É TER VOCÊ COMO CLIENTE.

A VOCÊ, O NOSSO MUITO OBRIGADO.

Nossa principal missão é a satisfação total dos nossos clientes. Por isso, queremos agradecer a todos que escolheram a Honda nessa conquista, de ser a melhor rede de concessionárias da cidade de São Paulo. Pode ter certeza: para nós da Honda a maior conquista é ver você sempre satisfeito.

Brasil Jornais

Entre em nosso Grupo no Telegram!

Acesse t.me/BrasilJornais



Tenha acesso aos principais
jornais do Brasil.

Distribuição gratuita, venda proibida!

opinião

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Publicado desde 1921 - Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Fries
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, José Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patrícia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Fries e Sérgio Dávila (secretário)
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA EXECUTIVA Paulo Nacêllo Simões Amaral (financeiro), Engenheiro e novo nome: Marcelo Benet (comercial), Anderson Demian (mercado livre e estratégias digitais) e Everton Fonseca (tecnologia)

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Na incerteza, aberto

Juros sobem no Brasil e nos EUA; aqui, setor exportador dá algum alento à atividade

Com a inflação em alta, sem sinais de reversão próxima, e riscos recessivos, os principais bancos centrais do mundo enfrentam o maior desafio das últimas décadas.

O cenário, já difícil, foi agravado pelo novo choque de preços de matérias-primas provocado pela guerra na Ucrânia e pela política de controle da Covid-19, que acenou a escassez de suprimentos em várias cadeias produtivas.

A reação das autoridades monetárias tem sido elevar os juros, num contexto em que crescem os perigos para a atividade econômica. É uma mudança em relação ao padrão observado desde os anos 1990, quando a ameaça mais evidente era de uma deflação e havia espaço para estímulos monetários.

O dilema fica evidente no caso do Fed, o banco central americano. Na reunião deste mês, a instituição elevou sua taxa básica em 0,5 ponto percentual, para o intervalo de 2,75% a 3% ao ano.

Longe de significar um ajuste pontual, a sinalização é que será necessária uma sequência de aumentos, que poderia levar rapidamente o custo do dinheiro nos EUA para mais de 3% anuais.

Além da inflação, que já chegou a 8,5% nos últimos 12 meses, o Fed se defronta com um possível aquecimento excessivo do mercado de trabalho, como legado dos estímulos adotados durante a pandemia.

Com alta de 6,6% dos salários em

12 meses, a ameaça é de um processo inflacionário mais duradouro. Os mercados financeiros internacionais sentem o golpe, apresentando a maior retração desde a crise financeira de 2008.

Tal como no resto do mundo, a inflação tampouco dá sinais de arrefecimento no Brasil. Com os choques em combustíveis e alimentos, além da retomada dos serviços, as projeções para o IPCA, índice de referência do Banco Central, em 2022 continuam a subir — de 5% no início do ano para 7,9% hoje.

Dai a decisão do Banco Central de elevar a Selic em 1 ponto percentual, para 13,75% ao ano. A instituição indica que o ciclo de aperto está avançado, mas ainda há pressões pela frente. Não se descarta que a taxa básica se aproxime de 13,5% até meados do ano.

O arrocho não impediu uma ligeira melhora das expectativas para o crescimento econômico neste 2022, hoje em torno de 0,7%, em boa parte devido às vantagens do setor exportador — que tem proporcionado expressivos saldos comerciais. Ademais, o dólar em patamares menos elevados tende a facilitar o controle da inflação.

Permanece, porém, a incerteza em relação à política econômica deste e do próximo governo, uma vez que as manifestações de Jair Bolsonaro (PL) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT), até agora, não são claras nem animadoras.

Rascunho do retrocesso

Possível reversão do direito ao aborto nos EUA é mau exemplo do debate para o mundo

"A Constituição não faz referência ao aborto, e tal direito não é implicitamente protegido por qualquer dispositivo constitucional", escreveu o juiz conservador Samuel Alito, que chegou à Suprema Corte dos Estados Unidos em 2006 indicado por George W. Bush.

Não em rascunho, porém divulgado pelo site oficial, o magistrado indicou a tendência de reverter o direito reconhecido no país desde 1973, no julgamento *Roe versus Wade*. O presidente do tribunal, John Roberts, classificou o vazar como uma "flagrante quebra de confiança", mas reconheceu a autenticidade do texto. No caso ora em debate, analisa-se a constitucionalidade de uma lei aprovada no estado sulista do Mississippi que proíbe o aborto após 15 semanas de gestação.

Embora seja uma praxe da corte que rascunhos de decisões circulem entre seus integrantes e estejam sujeitos a mudanças, o vazamento expôs animos políticos acirrados em torno do tema. Curiosamente, a decisão *Roe vs. Wade* também acabou sendo divulgada pelo primeiro pela imprensa na época, por questão de horas.

Nos EUA, o tema é tratado nas esferas federal e estadual. Em 1973, a Suprema Corte garantiu a prote-

ção constitucional e nacional ao direito ao, que foi confirmado em sua essência por outra decisão de 1992 (*Planned Parenthood vs. Casey*).

Com base nessas decisões, ora em perigo, autoridades não podem hoje impor um "obstáculo substancial no caminho de uma mulher que busca um aborto antes que o feto atinja a viabilidade".

Retirada a norma, por uma Suprema Corte de maioria conservadora (6 votos de 9), os estados estariam livres para impor restrições locais. Estimativas apontam que ao menos 24 estados dos 50 governos estaduais assim procederão.

Não se pode subestimar o impacto desta decisão. No plano doméstico, as mais prejudicadas serão provavelmente mulheres de baixa renda, que já têm um filho, solteiras e na faixa de 20 anos — o grupo estatisticamente mais propenso a fazer abortos nos EUA.

A necessidade de viajar a outro estado tende a resultar em procedimentos inseguros, comprometendo a saúde pública — que é como a questão deve ser encarada, no entender desta Folha.

Quanto ao panorama global, trata-se de retrocesso de grande peso em tema já pacificado na enorme maioria das democracias desenvolvidas do Ocidente.



Momento de loucura

Jacques Constantino

Neil Parish, deputado britânico do Partido Conservador, anunciou no sábado (30) que renunciaria ao cargo após admitir ter assistido a vídeos pornográficos nas dependências do Parlamento. E em duas ocasiões, a BBC o corrigiu: o deputado não Boris Johnson disse que, na primeira vez, viu os filmes por acidente, em quanto fazia pesquisas sobre questões agrícolas na internet. Depois, confessou, os vídeos deliberadamente, num "momento de loucura".

Duas colegas de Parlamento que estavam sentadas ao lado de Parish o haviam denunciado por ver os filmes no celular. Em entrevista ao jornal *The Times*, a mulher do parlamentar, Sue Parish, disse achar compreensível que as deputadas tivessem sentido constrangidas, mas ressaltou que o marido é uma pessoa legal e amável. "Se toda mulher fosse ficar brava com maridos que assistem a pornografia, não sobriam muitas esposas no mundo", afirmou Sue. Quando lhe perguntaram por que assistia aos vídeos, o deputado, 12 anos de mandato, respondeu que

perdera o senso de decência. "Provavelmente tenho uma das melhores reputações da Casa — ou tinha".

No Brasil, um deputado estadual foi flagrado pelas câmeras apalpando uma colega. Para ele, foi um abraço "fuga", não um momento de loucura. Não renunciou como o britânico. Foi expulso do partido, suspenso por seis meses e virou réu. Um membro do Conselho de Ética disse que a deputada teve "sorte" por ter sido apalpada, pois deveria ser reelegida em razão da repercussão do caso.

Um deputado da mesma Assembleia teve vazados dados em que escaivava as ucranianas como "fáceis" de pegar porque são pobres. Só renews depois de iniciado processo de cassação por falta de decoro.

Um vereador se desculpa — "se alguém se sentiu ofendido" — por um "E coisa de preto, né".

Um deputado cassado e condenado pelo Supremo por atacar contra a democracia foi indultado pelo presidente que costuma zombar do Estado de Direito.

Que loucura.

O tamanho dos passos de Lula

Rinaldo Boghossian

Aliados de Lula reconhecem há tempos que uma vitória neste ano dependa da expansão de sua base em direção ao centro. O ex-presidente emitiu sinais precoces a esse eleitorado e venceu resistências para escolher um vice notadamente conservador. Em conversas internas, também admitiu que não pretende fazer um governo só do PT.

Ao lançar essas cartas na mesa tão cedo, o petista frustrou quem esperava uma espécie de troca completa de figurino ainda na fase inicial da disputa. Depois do compromisso firmado com Geraldo Alckmin, a campanha do ex-presidente demonstra uma certa hesitação sobre a natureza dos movimentos que devem ser feitos para conquistar os votos necessários fora da esquerda.

A cúpula petista desce a escada do eixo tucano para a chaga comum um passo largo e defende medidas dos próximos movimentos com cautela. Ainda que haja cobranças por concessões na campanha e o programa de governo, os aliados sabem que esses acenos serão controlados.

Nem turista, nem aprendiz

Ruy Castro

Não é uma data a justificar abas-obas oficiais. É muito mais. No dia 22 de julho, por exemplo, serão comemorados os 100 anos da fundação da cidade de Rio de Janeiro, o centenario de Edgar Roquette-Pinto (1884-1954) à Amazônia, a convite do general Cândido Rondon, em mais uma expedição para desbravar o interior, combater tribos e demarcar fronteiras. Em cada viagem, Rondon levava um perito para cada disciplina. Ao chamar Roquette-Pinto, levou um homem-equipe. Na sua expedição, Roquette foi cartógrafo, etnógrafo, sociólogo, geógrafo, arqueólogo, botânico, zoólogo, médico, farmacêutico, leiga, linguista, desenhista, fotógrafo, sonoplasta e folclorista. Registou toda a aparência da região: floresta, árvore, floresta, composição dos solos, contorno dos rios, variedade da fauna. Nas visitas às tribos já contatadas, mediou o crânio de seus membros, comparou pesos e alturas, analisou suas endemias e descreveu seus conhecimentos, formas de produção, comércio e transporte, relações familiares, língua, hábitos religiosos e

coreografias. Anotou musicalmente seus cantos e gravou os em cilindros de cera. Roquette realizou até a primeira antropometria de um indígena — por acaso, uma mulher.

A morte estava sempre ao lado: dias e dias de caminhada sem vilas, sem comércio de cabos, animais, flechas, armadilhas, varais, beribéri, malícia. De volta ao Rio em dezembro, doou ao Museu Nacional uma tonelada e meia de objetos, que transportou em carro de boia pela selva. As anotações musicais foram entregues ao jovem Villa-Lobos para serem harmonizadas.

Em 1916, Roquette condensou tudo em sua obra-prima, "Rondônia", um tratado multidisciplinar sobre aquele Brasil recém-revelado e um libelo contra a tese, então corrente, de que nossas mazelas se deviam à composição étnica.

Roquette Pinto não foi à Amazônia em trem de luxo, com lençóis levados de casa e em companhia de grá-finas. Não foi como turista, muito menos aprendiz.

Reimaginar o futuro

Claudia Costin

Diretora do Centro de Excelência e Inovação em Políticas Educacionais da FGV. Escreve às sextas

Um conceito recentemente lançado pela Unesco nos Brasil, "Reimaginar nossos futuros juntos", fruto do trabalho da Comissão Internacional sobre os Futuros da Educação, parte da constatação de que os sistemas educacionais não estão conseguindo lidar com as principais ameaças enfrentadas pelo mundo no século 21. Entre elas, estão a sobrecarga sobre o ambiente — que inclui o surgimento de pandemias como a da Covid, a transformação digital disruptiva, as guerras e os riscos à democracia.

Nesse contexto, a possibilidade de um futuro pacífico, justo e sustentável coloca-se bem à frente. Não tanto, de acordo com o relatório, quanto por alguns dos mais importantes pensadores da educação do planeta, é justamente esta a tarefa da educação hoje: repensar nosso futuro coletivo. E isso não é apenas uma ideia poética para organizar textos assinados por acadêmicos internacionais, trata-se de propostas factíveis, ao alcance de governantes que não pretendem destruir a grande promessa da educação, que é permitir a todos o acesso ao saber e a oportunidades futuras.

Sem isso não há coesão social possível nem crescimento econômico de longo prazo, como bem pontua Eric Hanushek. Também o haver instituições sólidas, importantes para frear o risco de populismos.

Mas o documento não adota um tom catastrófico ao identificar eventuais futuros distópicos. Evidencia que, embora o planeta esteja em perigo, uma mobilização da juventude por uma economia sustentável e por estilos de vida menos predatórios está em curso. Mostra igualmente que retrocessos em governança democrática encontram resistências na sociedade que busca a realidade e o que precisa ser feito.

Aldeia, por enquanto, é buscar esses votos por um alinhamento ao eixo direita-esquerda, ligado à economia. "Eu não tenho que ser um presidente mais à esquerda, direita ou ao centro", disse Lula, no fim de semana, quando falou da realidade e o que precisa ser feito.

Aldeia, por enquanto, é buscar esses votos por um alinhamento ao eixo direita-esquerda, ligado à economia. "Eu não tenho que ser um presidente mais à esquerda, direita ou ao centro", disse Lula, no fim de semana, quando falou da realidade e o que precisa ser feito.

Numa leitura superficial, isso soa genérico, mas inclui a profunda transformação necessária para que se construa um outro mundo possível.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br

Os artigos publicados sob assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br

Cartas para o Al. Barão de Lima, 425, São Paulo, CEP 07302-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Para que serve uma passeata virtual?

Vamos mostrar, pela internet, a realidade da violência sexual contra menores

Luciana Temeir

Adverga, professora da Faculdade de Direito da PUC-SP e presidente do Instituto Liberta

Tenho feito uma provocação com as pessoas com quem converso: pense rápido, sem filtro, qual a primeira palavra que vem à sua cabeça se te perguntar qual é a vítima de estupro no Brasil? Quase todos os respondentes responderam: mulher, provavelmente pensou: a mulher.

O problema é que a resposta está errada. O último Anuário Brasileiro de Segurança Pública, de 2021, aponta que 62,6% de todos os estupros registrados no país foram contra meninas de menos de 13 anos de idade. Ora, se esse dado existe, por que não pensamos em meninas?

Posso elencar aqui uma série de razões pelas quais mulheres, não meninas, estão no nosso registro mental. Mas, sem dúvida nenhuma, a principal delas é que os movimentos feministas, por meio da sociedade civil organizada, colocaram a violência contra a mulher na pauta da sociedade, o que foi de fundamental importância para o seu enfrentamento.

Sei disso porque, quando fui delegada de polícia e atuei na Delegacia de Defesa da Mulher no estado de São Paulo, há mais de 30 anos, essa violência não tinha sido uma pauta que lhe é doado hoje. Nem pela legislação (imagino que não havia lei específica para violência doméstica), nem pela política pública (como a existência da Casa da Mulher Brasileira), nem pelas pesquisas (como de forma alguma associavam sua marca a esta causa); e tampouco pelas mídias em geral, que falavam eventualmente sobre o assunto.

Evoluímos muito, e hoje temos leis como a Maria da Penha, os crimes de feminicídio, de importunação sexual, de violência política contra a mulher e outras tantas ações não só de enfrentamento da violência, como de busca por igualdade entre homens e mulheres, como é o caso da

lei de cotas para mulheres candidatas. Além, é claro, de que toda empresa hoje faz questão de ter seu nome associado à alguma ação de fortalecimento da mulher.

Tudo isso porque conseguimos tirar essa violência (que era contraponto para a vítima e considerada algo da esfera privada e doméstica) da invisibilidade. Iráine se alguma mulher "rica" imagine de qualquer forma que a violência sexual era "coisa de periferia". O fato é que a violência contra a mulher continua a ser um grande desafio para a nossa sociedade, mas estamos em um caminho importante de mudança de cultura.

O Instituto Liberta, junto com muitas outras organizações, está tentando fazer hoje com a violência sexual contra crianças e adolescentes exatamente o que foi feito com a violência contra a mulher: tirar da invisibilidade para iniciar um processo de enfrentamento.

[...]

O Instituto Liberta, junto com muitas outras organizações, está tentando fazer hoje com a violência sexual contra crianças e adolescentes exatamente o que foi feito com a violência contra a mulher: tirar da invisibilidade para iniciar um processo de enfrentamento

Voltando à questão inicial, sobre quem é a vítima de estupro no Brasil, algumas pessoas me falam: "Ah, mas mulher e menina são a mesma coisa". Não, não são! Quando o assunto é violência contra a mulher, fala-se basicamente de enfrentamentos ligados à repressão dessas crimes — basta ver as leis que citei. Quando a sociedade finalmente enxergar que a maior parte da violência sexual é contra meninas, iremos começar a falar de políticas públicas de prevenção.

Vamos começar a falar de educação, de escola e de como ensinar crianças a se protegerem dessas violências e adolescentes a construírem relações sexuais saudáveis. E para isso que vai servir a primeira passeata virtual do mundo! Para romper com o silêncio, com a normalidade e encerrar que o problema existe — porque este é o primeiro passo para que ele acabe.

Bom, mas como ninguém sabe o que é uma passeata virtual, gravamos uma simulação de como ela será no dia 18 de maio. É só entrar no site www.agoracsb.com.br para ver e entender que a passeata não é sobre a história de alguma, mas sobre a força do coletivo. Cada pessoa que gravar passará apenas uma vez pela tela, junto com outros rostos e vozes, falando o grito da passeata: "Violência sexual contra crianças e adolescentes é uma realidade. Eu fui vítima. E agora você sabe".

Se você tem dúvida se já sofreu alguma violência sexual, clique no "Eu fui vítima?". Talvez se surpreenda ao perceber que já foi vítima e não tinha se dado conta; isso porque nossa sociedade minimiza as violências sutis. Nem toda violência sexual é traumática, mas toda violência sexual é crime e é inadmissível! Venha nos ajudar a mudar essa realidade. Agora você sabe.



Charge de João Montanaro publicada na Folha em agosto de 2021

O golpe

O excelente artigo da professora Maria Hermínia Tavares ("O golpe pode dar errado", Opinião, 5/5) nos dá um fio de esperança contra o golpe que vem se arquetizando diariamente pela insanidade e pelo autoritarismo do #desgoverno a que estamos submetidos.

Moacyr da Silva

(São Paulo, SP)

Sintomático e preocupante! Entre quarta e quinta-feira (4/5 e 5/5), a Folha trouxe análises incisivas de Marilize Pereira Jorge, Maria Hermínia Tavares e Ruy Castro sobre o risco de golpe por Bolsonaro nas eleições deste ano. O Congresso, dominado pelo centro, cumpre o Planoalto, e o STF, às voltas com a desobediência do deputado condenado, não reagem como instituições republicanas.

João Nilson da Matta

(São Paulo, SP)

De uns tempos para cá, convivo com uma sensação desagradável, mas que não posso definir o que é. Pensei em "unheimlich", conceito freudiano que em português pode ser traduzido como "inquietante" e que a Wikipedia define como "algo que não é propriamente misterioso, mas estranhamente familiar, suscitando uma sensação de angústia, confusão ou mesmo terror, que remonta aquilo que é desconhecido e não lido". Ao ler a última coluna de Bruno Bighiossian ("O golpe de Bolsonaro é militar", Opinião, 5/5), ficou claro de onde vem essa sensação.

Alexandre Effert de Mello

(Rio de Janeiro, RJ)

É absurdo imaginar que os que estão no Palácio do Planalto e cativeram a tenham capacidade intelectual para dar um golpe. Aliás, o seu preguiçoso líder provavelmente querera assistir ao golpe do sofá, pois não teria disposição laborativa para ir ao lugar de fato; o cara é um come-dorme. Aliás, o verdadeiro golpe já foi dado em 2018, não pela caricatura do Planoalto, mas por 52 milhões de eleitores, que tiram da cara da nação ao eleger um conhecido ocioso.

Anísio Francis Cláudio

(São Paulo, SP)

A ONU e Lula O artigo de Hussein Kalout ("Decisão da ONU sobre Lula é lição para o Brasil", Tendências / Debates, 5/5) é magnífico da primeira à última linha. É dos conhecimentos do trabalho sobre a diplomacia brasileira (leia-se, Bolsonaro) ao tentar impedir a análise da ONU.

Oney Prieto Leite

(Belo Horizonte, SP)

Hussein Kalout tem razão quanto ao reflexo da mensagem que o Brasil provocou. Cientistas que, nos tempos, de justificar a cada encontro com colegas estrangeiros o que aqui se passa, pedindo desculpas pelo desgoverno em curso. A capa da Time dá um resumo dessa situação, pelo menos.

Adailton Roberto Gonçalves

pesquisador da Unesp (Campinas, SP)

Marginal "Ministros do STF se referem a Silveira como 'marginal'" (Mônica Bergamo, 5/5). Isso está parecendo conversa de comadre. Mas como qualificar esse sujeito como Daniel Silveira? Marginal é o termo apropriado.

Maria Izabel Lima

(Foz de Iguaçu, CE)

Marginal, sim! O mais triste é que foi eleito pelo povo. A que ponto chegamos... Sandra de Aro

(São Paulo, SP)

O Daniel "Sujeira" merece que se fale com ele à mesma altura, ou não? Eloisa Giancoli Tironi

(São Paulo, SP)

Um elemento que possui em seus assentos funcionais 60 sanções disciplinares, registro de mau comportamento, além de ter cumprido 26 dias de prisão e 54 de detenção, quando ativo na PM, merece ser chamado de herói? Cecilia Bengel

(Brasília, DF)

Aborto Diferentemente de Thiago Amparo ("A revolução antiaborto nos EUA", Opinião, 5/5), eu não diria que as investidas antiaborto nos EUA servem de alerta para o Brasil, haja vista que nós já não garantimos direitos sexuais e reprodutivos às mulheres. Historicamente e sobretudo neste governo, pautas relacionadas ao direito à saúde são direcionadas para o campo da falsa moral de rebato que movimenta a psicologia de massas. Esse deve ser o alerta.

Emily Saas

(São Paulo, SP)

Lula e a guerra É notável como setores da esquerda brasileira não admitem criticar a Rússia, baluarte de sua ideologia. A visão democrática não admite invadir um país autônomo para impor sua influência, como o fizeram Napoleão, Hitler e outros. A democracia deve ser exercida por qualquer ideologia, seja de direita, seja de esquerda, seja uma de suas variações. Lula precisa ver de perto as cidades destruídas e os mortos espalhados pelo insano czar contemporâneo.

José Jorge de Morais Zacharias

(São Paulo, SP)

Tarcsio de Freitas "Em abril, Tarcsio de Freitas afirmou que 'Brasil faz um pacto com o crime organizado'. Na sabatina desta quinta-feira na Folha, repetiu a afirmação e disse que a rejeição da proposta de lei sobre o crime do PCC e o Mundo do Crime no Brasil". É mentira do candidato. Isso não está em livro. Nele, devemos crer como a política de segurança pública baseada no policiamento ostensivo e no encarceramento em massa, fortaleceu o PCC, erros que sua candidatura promete reverter.

Bruno Pires e Camila Nunes

Dias, autores do livro (São Paulo, SP)

ERRAMOS erramos@grupofolha.com.br

POLÍTICA (5.MAI, PÁG. A10) Em parte dos exemplares, o termo Banco Central foi grafado incorretamente no subtítulo do texto "Daniel Silveira recusa intimidação e diz que não usará tonzeleira".

COTIDIANO (5.MAI, PÁG. B3) A reportagem "Limpesa nos túneis do metrô de São Paulo" concluiu após acidente "afirmou incorretamente que a tuneladora atingiu a rede de esgoto. A causa do rompimento ainda está sendo investigada."

O Judiciário e os bloqueios de aplicativos

Riscos e desafios à credibilidade e coerência do sistema de Justiça continuam

Guilherme Forma Klafke e João Pedro Favareto Salvador

Professor da pós-graduação lato sensu da FGV Direito SP e líder de pesquisa no Ceji (Centro de Ensino e Pesquisa em Inovação) - FGV Direito SP

Mestrando em graduação lato sensu (GPD) e líder de pesquisa do Ceji - FGV Direito SP

Depois de ganhar usuários com os bloqueios no WhatsApp, o Telegram quis passar pela mesma experiência. Recentemente, o aplicativo sofreu em 18 de março, o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, reconheceu que a empresa responsável pelo aplicativo bloqueia a decisão judicial e impede a realização das cortes nos inquéritos que está conduzindo. A decisão de bloqueio gerou uma rápida resposta do Telegram. Dois dias depois, a empresa revogou a decisão e se comprometeu a atender às ordens judiciais.

Apesar da solução do problema, o debate sobre o poder das autoridades na internet não terminou com a revogação. A situação pode se repetir. O bloqueio de aplicativos como o Telegram pode trazer enormes desafios ao próprio Judiciário, colocando em risco sua credibilidade e coerência, ainda que possa garantir a autoridade das decisões judiciais e da legislação brasileira.

O primeiro trauma da efetividade da decisão. Não é a primeira vez que o Telegram foi banido em um país. Por decisão judicial, o aplicativo foi banido na Rússia, em 2018, quando contava provavelmente com 14 milhões de usuários. O motivo também foi falta de colaboração com o governo, daquela vez no combate ao terrorismo. Em 2022, o bloqueio foi suspenso por inefetividade da medida. O Telegram passou a usar proxies (servidores intermediários de outras empresas) para estabelecer conexão com seus usuários. Se esses servidores intermediários não forem bloqueados, isso não afeta apenas o Telegram, mas todos os

serviços que usam esse ponto de conexão na internet.

As autoridades não impediriam o crescimento do aplicativo, que chegou a 38 milhões de usuários ativos em 2021. O bloqueio brasileiro poderia ter um destino parecido, pois vários usuários do Telegram se organizaram para buscar meios de contorná-lo. Multar quem usasse VPN (rede privada virtual) conduziria, no mínimo, a dificuldades operacionais.

O segundo desafio é compatibilizar os bloqueios com o resultado do caso WhatsApp. A Meta (ex-Facebook) sempre alegou impossibilidade técnica decorrente da criptografia ponta a ponta para cumprir decisões judiciais. Foi a mesma alegação do Telegram no caso do ba-

nimento russo. O julgamento dessa questão jurídica pelo STF foi suspenso por pedido de vista de Moraes após a decisão favorável ao bloqueio do WhatsApp (ADI 5242 e ADPF 423). Os votos, inclusive, questionam se esse bloqueio é possível em nossa legislação. Assim como a Meta optou pela criptografia ponta a ponta no modelo de negócio do WhatsApp, o Telegram decidiu pela não colaboração com governos como parte de seu modelo de negócio, afirmando que priorizava a proteção dos usuários. O que faz um modelo ser ilegal e o outro não?

O terceiro desafio é lidar com as consequências do argumento de "resguardo das decisões judiciais". Qualquer juiz, em qualquer lugar do Brasil, poderá alegar que um provedor de aplicativo não cumpre suas decisões e, sob o mesmo entendimento, determinar o seu bloqueio? Isso poderá não transportar de volta aos bloqueios que levaram às ações que hoje estão paradas no Supremo.

O último desafio é entender se esse tipo de decisão faz sentido no Brasil. O desfecho do Judiciário e os órgãos de investigação continuariam com dificuldades para combater grupos coordenados, ainda que eles deixem de usar o aplicativo bloqueado. Sempre existirão outros aplicativos que, assim como ocorreu no passado, tentariam capitalizar sobre os obstáculos da concorrência.

O caso ressalta a importância de que os ministros se manifestem sobre a questão de bloqueio de aplicativos e firmem uma posição da corte sobre o tema. E esses desafios deverão ser levados em consideração.

[...]

O Judiciário e os órgãos de investigação continuariam com dificuldades para combater grupos coordenados, ainda que eles deixem de usar o aplicativo bloqueado. Sempre existirão outros aplicativos que, assim como ocorreu no passado, tentariam capitalizar sobre os obstáculos da concorrência

política

PAINEL

Fábio Zanini
painel@grupofolha.com.br

Vinde a mim

A Marcha para Jesus, que reúne milhares de fiéis em SP, recebeu emendas de vereadores evangélicos nos últimos anos. Em 2019, Gilberto Nascimento Júnior (PSC) destinou R\$ 1,1 milhão ao evento. Na ocasião, Jair Bolsonaro (PL) discursou. No ano seguinte, Eduardo Tuma (então no PSDB) direcionou R\$ 400 mil a um evento menor, por causa da pandemia. O tema entrou em evidência após o uso de emendas para custear evento das centrais no Dia do Trabalhador, com Lula (PT).

DESAPINOU 1 A controladoria da Prefeitura de SP suspendeu o pagamento do cachê para Daniela Mercury por sua apresentação no evento de centrais sindicais. A verba de R\$ 166 mil veio dos cofres municipais, a partir de emendas de vereadores. A artista já recebeu da agência que a contratou, que espera ser reembolsada pela prefeitura.

DESAPINOU 2 Em ofício, o controlador Daniel Falcão diz que a suspensão deve durar "até o final de procedimento de apuração dos fatos e eventuais responsabilidades funcionais e empresariais".

PRECAUÇÃO O vereador paulistano Fernando Holiday (Novo) pediu proteção pessoal após ter gravado o ex-colega Zé Turin relatando suposto esquema de desvio de emendas, como revelou a Folha. A Câmara de SP destacou um guarda civil metropolitano para escoltá-lo e recomendou o uso de colete à prova de balas.

RINGUE 1 Aliados de Jair Bolsonaro (PL) comemoraram a sinalização da Suprema Corte dos EUA de rever a posição sobre liberação do aborto. Para eles, o episódio pode servir para chamar a atenção do eleitorado conservador para a necessidade de a direita ter representantes no STF. O próximo presidente nomeará dois membros da corte.

RINGUE 2 "Quem planta colhe. A esquerda, quando perde na política, usa as supremacias para impor suas políticas de assassinato de bebês no útero. Agora a colheita chegou", diz Sôstenes Cavalcante (PL-RI), presidente da banca da evangélica.

EXPLOSIVO 1 O juiz federal de 1ª Região Paulo Máximo de Castro determinou que a Força Nacional permaneça no município de Novo Repartimento (PA) para evitar conflito na reserva indígena Parakanã, e estabeleceu multa diária de R\$ 5.000 à União em caso de descumprimento.

EXPLOSIVO 2 Desde 24 de abril, os indígenas estão em estado de tensão com moradores do município em razão do desaparecimento de três homens que haviam entrado na reserva para caçar. Familiares deles acusavam os índios de os terem sequestrado. Os corpos foram encontrados no último sábado (3).

com Guilherme Seto e Juliana Braga

GRUPO FOLHA

FOLHA DE SP PAULO ★★

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo

Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elísios | 01202-900 | (11) 3224-3222

Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-075-8080

Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080

Assine a Folha assin@folha.com.br | 0800-015-8080

Edição Digital

DO 1º AO 31º MÊS

DO 1º AO 12º MÊS

A PARTIR DO 13º MÊS

Digital Ilimitado

R\$ 1,90

R\$ 9,90

R\$ 29,90

Digital Premium

R\$ 1,90

R\$ 9,90

R\$ 39,90

MG, PR, RJ, SP

DF, SC

ES, GO, MT, MS, RS

AL, BA, PE, SE

Outros estados

Venda avulsa

R\$ 5,50

R\$ 8,50

R\$ 9,25

R\$ 10

dom.

R\$ 11

R\$ 13

R\$ 15

R\$ 17

Assinatura semestral*

R\$ 87,90

R\$ 1.044,90

R\$ 1.318,90

R\$ 1.420,90

R\$ 1.764,90

* taxa com entrega domiciliar diária. Cargo tributário 3,65%



Sandro Valle Pereira, superintendente da PF em Alagoas, em sua posse. Edson Ferreira/Divulgação Prefeitura de Maceió

Troca de chefe da Polícia Federal em AL é barrada por ingerência política

Diretor-geral da PF chegou a convidar novo superintendente para o estado, mas nomeação não foi autorizada pelo governo Bolsonaro

Camilla Matosso e
Fábio Scarpino

BRASÍLIA Ocorrência inédita na história recente da Polícia Federal, uma ingerência política sob o governo do presidente Jair Bolsonaro (PL) barrou a tentativa da cúpula do órgão de trocar o superintendente em Alagoas, o delegado Sandro Valle Pereira.

A gestão do atual diretor-geral da corporação, Márcio Nunes, chegou a abrir formalmente o processo interno de substituição do atual superintendente de Alagoas pelo delegado Marcelo Werner.

Segundo pessoas que acompanharam o caso, porém, o ministro Anderson Torres (Justiça) foi o responsável por informar que a mudança havia sido vetada.

Em nota, a assessoria da PF não respondeu sobre as questionamentos sobre as razões de a substituição ter sido suspensa nem de quem partiu a ordem. Disse apenas que a alteração da direção-geral do órgão leva a mudanças naturais, com análise de nomes e cenários.

"Com relação ao Dr. Werner, informamos tratar-se de um excelente profissional, que tem demonstrado qualificação e qualidades que o habilitam a exercer atividades de direção, motivo pelo qual se o levasse a ser convidado a compor a gestão da SR/BA, local de sua lotação", diz a nota, que ainda acrescenta: "os processos de indicação e convite para as funções de superintendentes regionais são atribuições do diretor-geral".

Questionado, o Ministério da Justiça não se manifestou. Como mostrou a Folha, a troca de comando em Alagoas era uma das mudanças em chefias de superintendências previstas após Nunes assumir a PF, em 25 de fevereiro.

Nunes é o quarto diretor-geral da PF em menos de quatro anos do governo de Jair Bolsonaro e substituiu o delegado Paulo Malurino, cuja curta gestão de dez meses foi marcada por crises internas.

A dança de cadeiras teve início com a demissão de Mauri-

BOLSONARO AGORA DIZ QUE NÃO HÁ 'DENÚNCIA CONSISTENTE' DE CORRUPÇÃO NO SEU GOVERNO

Diante de uma série de suspeitas de corrupção em seu governo, o presidente Jair Bolsonaro (PL) decidiu adaptar seu discurso sobre o tema. Ele fala agora em nenhuma "denúncia consistente" de casos em

corrupção — antes afirmava que não havia nenhum caso desde que tomou posse. "Nosso governo até o momento não tem apresentado provas de recursos, não tem denúncias consistentes sobre corrupção", disse o chefe de governo.

De acordo com o chefe de governo, o presidente não tem apresentado provas de recursos, não tem denúncias consistentes sobre corrupção, disse o chefe de governo.

Segundo o diretor-geral da PF, Valle Pereira procurou delegados em cargos de chefia na superintendência em busca de informações sobre a apuração.

Se não fosse isso, o superintendente teria acionado diretamente o delegado responsável pela investigação para alcançar seu objetivo.

Nesse momento, Nunes decidiu pela substituição de Valle Pereira por Marcelo Werner, delegado que ocupava um cargo de chefia na superintendência da Bahia. Werner foi convidado e aceitou assumir o comando em Alagoas.

Segundo relatos de integrantes da PF, porém, Valle

Pereira começou a se movimentar para evitar a substituição. Em uma das tentativas, o delegado, sem autorização, se comunicou com o diretor-geral, esteve em Brasília.

De acordo com delegados da PF, há precedente de casos em que houve veto ao nome indicado para o comando do estado ou de cargo de direção, mas nunca o impedimento de uma troca decidida pelo diretor-geral para manter alguém.

Valle Pereira é casado com uma alagoana, filha de um conhecido ex-policial civil chamado Flávio Saraiva. O sogro do superintendente é conhecido por ter excelente trânsito entre a classe política alagoana e já ocupou cargos por indicação política no governo estadual e na capital Maceió.

O policial civil aposentado também foi apresentador do programa Segurança em Foco, da TV Mar de Alagoas. A emissora é de Grupo Arnon de Mello, da família do senador e ex-presidente Fernando Collor de Mello (PT-BR), hoje aliado de Bolsonaro.

Não pedi para ficar, afirma chefe da PF mantido no cargo

BRASÍLIA Chefe da Polícia Federal de Alagoas, o delegado Sandro Valle Pereira disse à Folha não saber o que aconteceu com o superintendente em cargo. Afirmou ainda não ter feito pedido para ficar, mas que não pode dizer se alguém pediu por ele.

O nome do substituto estava escolhido, e o processo para nomeação havia iniciado, mas foi paralisado após ingerência política. O veto, segundo pessoas que acompanharam o caso, foi informado ao diretor-geral da PF, Márcio Nunes, pelo ministro da Justiça, Anderson Torres.

A assessoria da PF não respondeu aos questionamentos sobre as razões de a substituição ter sido suspensa nem de quem partiu a ordem política.

Continua no pág. A3

Continuação da pág. A4

"Não sei por que eu fui mantido. Eu reputo isso tudo a uma questão política ou a uma questão gerencial, de insatisfação. Jamais eu pediria para ficar aqui. Não sei dizer se outros gostam do meu trabalho e pediriam por mim", afirma Valle Pereira.

O delegado foi escolhido na gestão do diretor-geral Paulo Maiurino. Na sua posse, o presidente do STJ (Superior Tribunal de Justiça), Humberto Martins, esteve presente. Valle Pereira diz ter sido avisado da exoneração no dia 24 de março. Em seguida, foi a Brasília sem comunicar superiores sobre sua viagem.

"Fui tentar contato com alguém na direção [da PF], mas não consegui. Foi logo depois do tsunami da minha saída", conta. Afirma ter ficado a maior parte do tempo dentro de um hotel e que não saiu para encontrar políticos.

Em nota, a PF afirma que não há registro de agendas dele não atendidas.

A troca iria ocorrer em meio a supostos problemas e reclamações de delegados em relação à gestão de Valle Pereira em Alagoas.

Um dos relatos que chegaram à equipe do diretor geral em Brasília foi sobre uma suposta tentativa do chefe de Alagoas de obter informações de um inquérito sigiloso em andamento no estado que resvalava em um político alagoano. Ele nega.

"Não seria republicano eu pedir para ficar nessa cadeira. Foi colocado no precipício, e aí levaram para o lado que eu tinha contatos com Ilanilo, beltrano, que eu tinha pegado o inquérito sigiloso. Nunca existiu isso", afirma.

Sobre a suposta tentativa de obter dados da apuração sigilosa, o delegado disse nunca

ter buscado informações sobre casos desse tipo, mas que conversou com dois delegados subordinados a ele, um deles responsável pelo inquérito.

Ele afirma ter procurado o delegado regional de combate à corrupção da superintendência pouco antes da deflagração da operação realizada com base no inquérito sigiloso e confirma ter conversado com o delegado do caso dias após o cumprimento das medidas cautelares solicitadas pela Polícia Federal.

O superintendente diz ter acionado o policial do inquérito para questionar se a investigação deveria permanecer na Polícia Federal uma vez que, segundo ele, não envolvia desvio de verbas federais.

Como o investigador respondeu ter preferência pela manutenção do caso na esfera federal, Valle Pereira diz ter concordado e parabenizado pela condução da operação.

"Depois que foi delatada, eu perguntei para ele. Me causou preocupação de questão política, porque como é que esse trabalho chegou aqui, porque em essência não é nosso. Não tem desvio de verba federal, aquela coisa toda", disse.

A Polícia Federal, que é a polícia judiciária da União, atua em casos de desvios que envolvem verbas federais. Quando se trata de dinheiro estadual, as apurações são conduzidas pela Polícia Civil, que é a polícia judiciária estadual.

"Para mim é tudo motivado por questões políticas, eu estou com a consciência tranquila. Em nenhuma hora interferei. Acho assim, você flagra uma operação nessa moeda e o superintendente não sabe de nada? Ele é o primeiro a ser cobrado pela imprensa e pela direção. Então a gente tem que saber o mínimo", afirma.

Braço forte e mão amiga do golpismo

Até a CIA conhece esforço para impedir posse de Lula

Renaldo Azevedo

Jornalista, autor de "O País dos Pretais"

Ninguém mais tem o direito de duvidar de que setores das Forças Armadas, em concerto com o presidente Jair Bolsonaro, estão empenhados em impedir a posse de Luiz Inácio Lula da Silva caso este vença as eleições de outubro. Chega de fingir normalidade! Chamemos as coisas pelo nome enquanto é tempo. Queremos impor uma democracia tutelada, em que generais atuem como cabos e soldados de um capitão arrua-ceiro. Sem nem um jipe.

Será que devemos nos tranquilizar com a informação de que William Burns, diretor-geral da CIA, deixou claro a Bolsonaro e a assessores, em julho do ano passado, que o rompimento da ordem por aqui seria inaceitável para os EUA, convidando a não pôr em dúvida o sistema eleitoral? Ao contrário. Como a Inteligência americana não costuma enviar mensagens com esse teor, tem-se a evidência de que a turma detectou risco real de baunilha.

Um mês depois, no dia 5 de agosto de 2021, Bolsonaro recebeu a visita de Jake Sullivan, assessor especial de Joe Biden. Este estava acompa-

nhado de Juan Gonzalez e Ricardo Zúñiga, altos funcionários do Conselho de Segurança Nacional para o Hemisfério Ocidental. É o que fez o guia genial do golpismo? Disse ao trio que tinha a firme convicção de que Donald Trump fora vítima de fraude. E atacou as urnas eletrônicas. Vale dizer: pôs em dúvida a legitimidade de Biden e do sistema eleitoral nativo.

No dia seguinte à visita, a embaixada americana no Brasil emitiu uma nota em que afirmava: "Sobre a questão das eleições brasileiras, a delegação afirmou ter grande confiança na capacidade das instituições brasileiras de realizar uma eleição justa em

2022. Também ressaltou a importância de preservar a confiança no processo eleitoral que tem longa história de legitimidade no Brasil". Dá para imaginar como foi a conversa.

É preciso anunciar "arbitral", aos próximos e aos distantes, que a democracia está sob ataque. Se um golpe teria ou não condições de ser "bem-sucedido" e o que se entenderia por isso, eis uma matéria controversa. Eu até acho que acabariam todos na cadeia. Mas teríamos de arcar com um custo terrível decorrente do desatino. É preciso que tentemos evitar o desastre.

"Mas a pinima é só com Lula", é sim! Até agora, não se vê no horizonte um outro candidato viável, e sempre que a extrema direita, com ou sem uniforme, evoca a questão da "segurança das urnas eletrônicas", refere-se à possibilidade de o petista vencer a disputa.

Meteu-se, e foi de boa fé, um representante das Forças Armadas na Comissão de Transparência Eleitoral do TSE. Foi um erro, registrado por mim precocemente aqui e em outra parte. O fardado nunca pensou em direito de voto. Logo entendeu que participava do

grupo com direito de veto.

Li no Estadão, sem contestação, que o general Heber Garcia Portella, o escalado para a tarefa, "cobrou da Corte que adotasse com urgência medidas para prevenir e divulgar antecipadamente as consequências para o processo eleitoral, caso seja identificada alguma irregularidade".

Não sei o que isso quer dizer. Nem ele. O TSE sempre foi eficaz em, por exemplo, substituir urnas eletrônicas com problemas, e não se tem notícia de pessoas que deixaram de votar em razão de dificuldades criadas pelo voto eletrônico.

Portella está a exigir do tribunal um similar do que, no direito penal, se chama "prova negativa" ou "sluabólica". Os militares, que obviamente cruzaram o Rubicão também nesse caso, querem que o tribunal tenha resposta para elucubrâncias as mais exóticas. No universo em que tudo seria possível, existe remédio para o impossível. E aí desafiam a corte eleitoral: "No caso imprevisto, aconteceria o quê?" É a insanidade metódica. Não há resposta certa para pergunta errada.

Desde as conversas com emissários de Biden, Bolsonaro radicalizou a pregação e a prática golpistas. É o único postulante à Presidência assumidamente subversivo, que fala abertamente em luta armada. Transformou a Presidência da República num aparelho golpista. E parte das Forças Armadas se mostra, sim, disposta a lhe emprestar o braço forte e a mão amiga. Contra a democracia.

Até — ou sobretudo — a CIA já sabe.

BRASIL JORNAIS

PARA NÓS, O MAIOR
RECONHECIMENTO DE TODOS
É TER VOCÊ COMO CLIENTE.

A VOCÊ, O NOSSO MUITO OBRIGADO.



Nossa principal missão é a satisfação total dos nossos clientes. Por isso, queremos agradecer a todos que escolheram a Honda nessa conquista, de ser a melhor rede de concessionárias da cidade de São Paulo. Pode ter certeza: para nós da Honda a maior conquista é ver você sempre satisfeito.



política

Racismo e antirracismo

Tem sido frequente a indignação em situações de racismo pelas próprias vítimas

Angela Alonso

Professora de sociologia da USP e pesquisadora do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento

O aniversário da Abolição é daqui a uma semana, mas o racismo não carrega de data festiva. É cotidiano. Depois de um século, a desilusão só tem prosperado na base dos sapatos dos anos Bolsonaro.

A nova autogestão do Brasil — desigual, violento, racis-

ta — não se fixou de todo. Nem para o mundo. Alterações de percepção e de costumes tendem a começar em pequenos círculos da elite cultural, antes de se espalhar por suas irmãs — social, política, econômica — e, aos poucos, se infiltram na sociedade inteira.

Mudança incompleta porque há resistências. A explicitação é dos que combatem a nova sensibilidade como exagero ou bobagem. A velada é de que a contornam com um bom-bocismo protocolar. O vereador paulistano Camilo Cris-

tofo, que de cristão só tem uma pedação no nome, adotou o seguinte adereço.

No conforto casaca, comentou: "Não lavar a calçada... É coisa de preto, né?" Opinião da porta para dentro, onde corações e bocas coincidem e se escancaram. Não era para ir a público. Mas se ouviu no microfone da Câmara. Cristófofo é prova de carne, osso e língua solta de que a igualdade entre os humanos está longe de ponto pacífico nos estratos altos.

Mas mudanças de costumes

não acontecem só de cima para baixo. Ocorre também o inverso, a pressão dos estratos baixos pode alterar comportamentos da turma de cima. A legislação trabalhista, essencialmente celebrada no domingo passado, atesta a eficácia do procedimento. O antirracismo popular vai indo por essa trilha. Tem sido frequente a indignação em situações cotidianas de racismo, não por brancos bem-intencionados, mas pelas próprias vítimas. E com consequências.

Isso se viu em episódio simul-

tâneo ao de Cristófofo, mas, em vez de racismo doméstico, foi um racismo de importância. A Europa colhia de gente que quer ver pelas costas, e fora de suas costas, quem tem outra cor. Agnês Vajda trouxe a intolerância húngara para o metrô de São Paulo. Na altura da estação Ana Rosa, incomodou-se com as madeiras de Wélica Ribeiro, vizinha de assento, a quem disse: "uma cuidada com o seu cabelo porque estou a gostar do meu rosto e não me causo doença".

A resposta mostrou o quanto a hierarquia racial se tornou inatenuável para certos meios e baixos — ao menos para a parte usária do metrô. A fênix, sua irmã e várias passagens de bate-pronto chamaram o ato pelo seu nome: racismo. Filmaram e atribuíram ao "incidente" o status de caso de polícia.

Os dois casos documentam tendências contrárias e potentes: de um lado, a persistência tangível do racismo, de outro, a disseminação do antirracismo em setores altos e baixos da estrutura social.

Ambas encontram guarida na política nacional. No governo, nega-se o racismo e se reafirmam as desigualdades racistas. No extremo oposto, políticos antirracistas conformam um nicho minúsculo. A maioria dos profissionais da área, contudo, se situa a meio caminho, no antirracismo protocolar que acoberta um racismo enrustido. Por isso, pouco lhes incomoda a ausência de candidatos negros à presidência e à vice-presidente da República. Equivocando o problema chule na sociedade em direções opostas e potencialmente conflitantes, a política gaudia figura que ele mesmo existe.

[Jorn. Elío Gaspari, Janio de Freitas] [Soc. Celso R. de Barros] [Ter. Joel P. da Fonseca] [Jorn. Elío Gaspari] [Jorn. Conrado H. Mendes] [Sex. Reinaldo Azevedo, Silvio Almeida, Angela Alonso] [Soc. Demétrio Magnoli]

Câmara retarda caso Silveira e pode nem analisar cassação

Tendência é que, se acontecer, punição só deve ser efetivada perto da eleição

Julia Chailb, Marcelo Rocha e Daniel Brant

BRASÍLIA O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), e deputados do centro trabalharam para retardar o máximo a análise sobre o destino na Casa do deputado Daniel Silveira (PTB-RJ) — condenado pelo STF (Supremo Tribunal Federal), e indultado pelo presidente Jair Bolsonaro (PL).

O argumento de Lira e aliados é de que a necessidade de "esfriar" a crise entre os Poderes. Para isso, bastaria deixar o caso do bolsonarista em banho-maria, adiando a análise de ações que possam levar à sua punição.

Dessa forma, a tendência é que eventuais processos de cassação ou suspensão do mandato de Silveira só devem ser avaliados no segundo semestre, perto da eleição.

Líderes próximos ao governo vão além: dizem que o assunto está morto e que talvez a Câmara nem entre na questão. O mandato de Silveira na Câmara vai até janeiro de 2023. O STF (Supremo Tribunal Federal) condenou o parlamentar a oito anos e nove meses de prisão, além de impor a ele a perda do mandato e dos chamados direitos políticos, tornando-o, em tese, inelegível. No dia seguinte, Bolsonaro as-

sinou decreto de perdão da pena, o que, para o parlamentar, anula toda a decisão do STF.

Lira entrou com uma cortesia para que se estabeleça o que o Congresso a última palavra sobre cassação de mandato parlamentar. O tema está sob relatoria do ministro Luís Roberto Barroso, que ainda não fez nenhum despacho, e enfrenta divisão entre ministros.

Além disso, há duas recomendações aprovadas há quase um ano pelo conselho de ética da Câmara que, somadas, representariam suspensão de

oito meses do mandato de Silveira. A decisão de pautar a votação em plenário cabe a Lira. Ele tem dito a aliados que, primeiro, o assunto precisa ser resolvido pelo STF.

Enquanto o caso não transitar em julgamento na corte — isto é, quando tiver cessado a análise de todos os recursos — Silveira segue com o mandato. A análise de parlamentares, se a suspensão ou a cassação fossem hoje ao plenário da Câmara, a decisão seria favorável ao parlamentar.

Isso significaria reformar

uma decisão do STF o que tem potencial de reativar um atrito entre Legislativo e Judiciário. E não vale comprar essa brigaria por causa de Silveira, avaliam parlamentares do centro.

O presidente do STF, Luiz Fux, tem dito a interlocutores que concorda com a ideia de deixar o caso decantar. Adesão sobre quando ele deve ser levado à análise dos ministros, porém, depende de atos de Rosane e Alexandre de Moraes, relatores de ações ligadas ao deputado do PTB.

A questão da ilegitimidade corre em paralelo à discussão sobre o mandato.

Lira indicou aliados acreditar que a palavra final sobre a elegibilidade deve ser dada pelo STF (Tribunal Superior Eleitoral) e isso será enfrentado se ele pedir registro para ser candidato ao Senado pelo PTB em janeiro, como deseja.

O ideal, aviam deputados do centro, é só se debruchar sobre a questão do mandato de Silveira depois que a dúvida sobre a elegibilidade do parlamentar for esclarecida.

Assim, a Câmara analisaria o caso nos meses pressuroso que se decidisse devolver o mandato, isso ocorreria num contexto diferente do atual.

Deputados da oposição criticam a demora de Lira em

pautar as suspensões do mandato determinadas pelo conselho de ética.

Para o deputado Paulo Teixeira (PT-SP), é dever do presidente da Câmara colocar os pareceres do colegiado. "A demora de um ano para colocar em votação em plenário não é um tempo razoável", afirmou.

Líder do PSOL na Câmara, a deputada Sâmia Bomfim (SP) também lamenta esse demora. "Se se extrapolou em cinco meses o prazo para o plenário votar a definição do conselho de ética sobre Daniel Silveira, que foi pelo seu afastamento por um semestre", disse.

"Enquanto isso, Silveira e Bolsonaro insistem nas ameaças, provocações e descumprimento da parte da condenação. A omissão da Câmara 'alimenta o autoritarismo dos bolsonaristas'.

Na terça-feira (3), bolsonaristas próximos de Silveira se reuniram com o presidente da Câmara.

Segundo a deputada Carla Zambelli (PL-SP), Lira se comprometeu a apresentar o plano para ampliar "anistia" a quem, entre 1º de janeiro de 2019 e 1º de abril de 2022, tiver "praticado atos que sejam investigados ou processados sob a forma de crimes de natureza política" ou relacionados caso consigam o número mínimo de assinaturas para pedir urgência.

Nesta quarta-feira (4), Silveira se recusou a ser indultado pelo STF, segundo a oficial de justiça encarregada da tarefa.

De acordo com o relato da servidora, o parlamentar afirmou que não iria mais usar a torção eletrônica determinada pelo Supremo. "pois está cumprindo o decreto do presidente da República".

Sem liberdade de imprensa, Constituição é apenas um papel, diz Fux

BRASÍLIA O presidente do Supremo Tribunal Federal, Luiz Fux, afirmou nesta quinta-feira (5) que em um país sem imprensa livre a Constituição não passaria de "folha de papel". A fala ocorreu na abertura da exposição "Liberdade & Imprensa: O Papel do Jornalismo na Democracia Brasileira", no Museu do STF.

"Num país onde a imprensa não é livre, é intimidada, é amordaçada, é regulada, sendo a imprensa um dos pilares da democracia, nesse país, a democracia é uma mentira, e a Constituição é uma mera folha de papel", afirmou. Fux rechaçou qualquer tentativa de descredibilizar a política ou qualificar a imprensa e destacou seu papel no combate à desinformação. "Devemos ter cuidado com a mídia, porque o desinformismo e impedem, dentre outros aspectos, que o cidadão possa ser bem informado, criar sua agenda e agir de acordo com o movimento em que nós estamos vivendo, proferir aquele seu voto consciente e bem informado no momento das eleições", afirmou.

A exposição é parte da agenda comemorativa do Dia Mundial da Liberdade de Imprensa, celebrada em 6 de maio. O movimento contou com a presença do presidente do STF (Superior Tribunal de Justiça), Humberto Martins, e representantes de veículos de comunicação.

Fruto de parceria do Supremo Tribunal Federal com a ANI (Associação Nacional de Imprensa), o evento estará aberto para visitação de 6 de maio a 4 de julho, às segundas e sextas, das 14h às 18h. A entrada é gratuita. O presidente do ANI, Marcello Rêth, afirmou que a liberdade de imprensa "não é da imprensa; é da sociedade". "É a essa sociedade que compete a tarefa de garantir, por ela é mantida a par a ela exerce seu essencial e constante papel de vigilância para os desdobramentos, desvios, injustiças, falhas e descasos, propostos ou cometidos por poderes, governos, empresas, partidos, organizações, instituições", afirmou.

A exibição é composta por textos, propostas e debates sobre a importância do jornalismo na preservação e fortalecimento dos princípios democráticos. MR



O deputado federal Daniel Silveira Eduardo Knapp - 2.mai.22/Folhapress

Entenda os possíveis desdobramentos do caso Daniel Silveira

O que diz a lei sobre a perda de mandato? A Constituição diz que a perda do mandato, para os casos nela previstos, ocorre quando o parlamentar, ou pelo Senado, por maioria absoluta de votos, mediante provocação da respectiva Mesa ou de partido político registrado no Congresso Nacional, assenhouar ampla defesa. Uma das previsões é a condenação criminal, desde que esgotadas as possibilidades de recursos.

Qual a controvérsia? Parte dos integrantes do STF avalia que compete ao Legislativo autorizar a cassação em caso de condenação pela corte, segundo casos julgados recentemente pelo tribunal. Outra ala, entende que a perda da cadeira é automática, cabendo ao Legislativo apenas cumpri-

Por que o Supremo vai analisar o tema? O

presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), recorreu à corte para que se estabeleça o que o Congresso a última palavra sobre a cassação de um mandato parlamentar. O tema está sob relatoria do ministro Luís Roberto Barroso. Na terça-feira (3), em reunião com o presidente da corte, Luiz Fux, o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, reforçou a tese de que cassação de mandato é atribuição do Parlamento.

O indulto concedido pelo presidente Jair Bolsonaro pode levar o aliado político da cassação de mandato? Na avaliação do Palácio do Planalto, o perdão concedido a Silveira é amplo, zerando não apenas a pena privativa de liberdade (oito anos e nove meses de prisão), mas também outras punições impostas ao deputado, incluindo a perda de direitos políticos. Sob a ótica de

Bolsonaro e seus aliados, portanto, Silveira segue deputado e poderá concorrer nas eleições de outubro. No Judiciário há precedentes no sentido de alcance limitado do indulto, não repercutindo sobre as penas secundárias.

O que a PGR (Procuradoria-Geral da República), que denunciou Silveira e pediu a condenação do deputado, diz? Em 2019, a PGR foi contra um pedido que buscava dar ao Parlamento a palavra final sobre a cassação de mandato. Quanto ao indulto, a Procuradoria-geral da República, Lindara Araujo, afirmou que opinaria sobre o indulto no âmbito das ações dos partidos de oposição que questionam o perdão. Os adversários

defenderam a suspensão imediata do decreto. Essas ações estão sob a relatoria da ministra Rosa Weber.

Quais as providências iniciais de Rosa Weber nas ações dos partidos? Em 25 de abril, a ministra solicitou informações sobre o caso ao presidente Jair Bolsonaro. Weber estipulou dez dias de prazo para que o chefe do Executivo se manifeste. Após a resposta, as ações serão enviadas à Advocacia-Geral da União e a PGR, para que cada instituição também opine em prazo de cinco dias. A ministra adotou rito processual para levar a controvérsia diretamente ao plenário.

O que o Supremo decidirá? Os ministros vão avaliar o alcance do indulto. Não existe dúvida quanto à prerrogativa do presidente em conceder o benefício. A lei, inclusive, confere ao chefe

do Executivo amplos poderes para avaliar conveniência, oportunidade e requisitos. Porém, não há clareza sobre o que os ministros vão avaliar. Há uma tese segundo a qual o ato de Bolsonaro tem repercussão limitada, valendo apenas sobre a pena de privação de liberdade.

A análise abordará a inelegibilidade? A inelegibilidade é assunto do STF (Tribunal Superior Eleitoral), que avalia, por ocasião do registro de candidaturas, se o postulante a cargo eletivo se enquadra nas restrições previstas na lei. Há um entendimento de que Silveira não poderá concorrer em outubro, uma vez que a Lei da Ficha Limpa determina que, para a perda de direitos políticos, basta condenação por decisão colegiada. No STF, segundo precedentes, é ponto pacífico que o indulto não afasta a inelegibilidade.

CIA disse ao governo que Bolsonaro não deveria questionar as eleições

Comentários do diretor da agência, William Burns, foram feitos em uma reunião em julho de 2021

Gabriel Stargardier
e Matt Spetalnick

RIO DE JANEIRO E WASHINGTON | Reuters O diretor da Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos (CIA) disse a autoridades de alto escalão do Brasil no ano passado que o presidente Jair Bolsonaro deveria parar de lançar dúvidas sobre o sistema de votação de seu país antes das eleições de outubro, disseram fontes à agência Reuters.

Os comentários do diretor da CIA, William Burns, que não haviam sido divulgados, foram feitos em reunião fechada em julho de 2021, segundo duas pessoas familiarizadas com o tema, que falaram sob a condição de anonimato.

Burns foi, e continua sendo, a mais alta autoridade dos EUA a se reunir em Brasília com o governo Bolsonaro desde a eleição do presidente americano Joe Biden.

Uma terceira pessoa, em Washington, confirmou que uma delegação liderada por Burns disse aos principais assessores de Bolsonaro que ele deveria parar de minar a confiança no sistema eleitoral do Brasil.

Essa fonte não tinha certeza se o próprio diretor da CIA havia expressado a mensagem. A CIA não quis comentar. Na noite desta quinta (5), Bolsonaro e o ministro Augusto Heleno (Segurança Institucional) negaram que o assunto tenha sido tratado com Burns.

"Seria extremamente desleal a CIA ir a outro país, vir ao Brasil, para dar recado. Agente vê que é uma mentira, uma fake news", declarou Bolsonaro, durante sua live semanal.

Burns chegou a Brasília seis meses após o ataque ao Capitólio, em 6 de janeiro, após a derrota eleitoral do ex-presidente americano Donald Trump. Bolsonaro, que idolatra Trump, ecoou as alegações infundadas de fraude do ex-líder americano nas eleições de 2020 nos EUA. Também lançou dúvidas semelhantes sobre o sistema de votação eletrônica do Brasil, chamando-o de passível de fraude, sem apresentar evidências.

Isso levantou temores entre seus adversários de que Bolsonaro, que está atrás do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva nas pesquisas, esteja semeando dúvidas para seguir o exemplo de Trump, rejeitando uma possível derrota na votação em 2 de outubro.

Em várias ocasiões, Bolsonaro aventou não aceitar os resultados e atacou repetidamente o Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Na semana passada, sugeriu que militares deveriam fazer contagem de votos paralela.

Das fontes alertaram para uma potencial crise institucional se Bolsonaro perder por margem estreita, focando o papel das Forças Armadas, que governaram o país no regime militar de 1964 a 1985, elogiado por Bolsonaro.

Na viagem, Burns, diplomata nomeado por Biden, encontrou-se no Palácio do Planalto com Bolsonaro e dois assessores de inteligência — Heleno e então chefe da Agência Brasileira de Inteligência (Abin), Alexandre Ramagem.

Burns também juntou na residência do embaixador dos EUA com Heleno e então ministro da Casa Civil, Luiz Eduardo Ramos, ambos ex-generais. As Forças Armadas do Brasil historicamente mantiveram laços estreitos com a CIA e outros serviços de inteligência dos Estados Unidos.

No jantar, segundo uma fonte, Heleno e Ramos procuraram minimizar a importância

das falas de Bolsonaro. Burns disse que o processo democrático é sagrado e que Bolsonaro não deveria estar falando dessa maneira.

"Burns deixou claro que as eleições não eram assunto com o qual eles deveriam mexer", disse a fonte, não autorizada

a falar publicamente. "Não foi palestra, foi uma conversa."

Em encomenda de diretores da CIA transmitiram mensagens políticas, disseram as fontes. Mas Biden deu a Burns o poder de ser seu porta-voz discreto.

No mês passado, Burns revelou que em novembro Biden

o despatchou a Moscou "para transmitir ao presidente russo Vladimir Putin e assessores próximos a profundidade da preocupação com seus planos de guerra e as consequências para a Rússia".

O teor de seus comentários em Brasília foi reforçado no

mês seguinte, quando o conselheiro de Segurança Nacional dos EUA, Jake Sullivan, visitou Bolsonaro e levantou preocupações semelhantes.

Mas a mensagem de Burns foi mais forte que a de Sullivan, disse a fonte de Washington. "É importante que os brasi-

leiros tenham confiança em seu sistema eleitoral", disse um funcionário do Departamento de Estado dos EUA em comunicado quando solicitado a comentar, acrescentando que os EUA confiam nas instituições brasileiras, incluindo eleições livres, justas e transparentes.

No sábado, em novo sinal de inquietação entre figuras da política externa em Washington, o ex-ônibus dos EUA no Rio de Janeiro escreveu em um jornal brasileiro que os EUA deveriam deixar claro para Bolsonaro que qualquer esforço para minar as eleições desencadearia sanções multilaterais. Biden e Bolsonaro ainda não comentaram.

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2021

#AGORA
VCSABE

BRASIL JORNAIS

86,9%

das vítimas de violência
sexual no Brasil
são meninas



ACESSE

AGORAVCSABE.COM.BR

E GRAVE O GRITO
DA PASSEATA

política

Bolsonaro diz que PL não tratará auditoria privada das eleições

Presidente adota tom de ameaça ao TSE e afirma que análise pode mostrar que auditoria eleitoral é impossível

Mateus Vargas e Ricardo Della Coletta

BRASILIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) disse nesta quinta-feira (5) que uma empresa contratada pelo seu partido irá fazer uma auditoria privada das eleições deste ano. No momento em que amplia os questionamentos ao processo eleitoral e faz insinuações golpistas, Bolsonaro sugeriu, em tom de ameaça, que os resultados da análise podem complicar o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) se a empresa constatar que é "impossível auditar o processo". "A [empresa] pode daqui a alguns dias, chegar com uma conclusão que, dada a documentação que tem na mão, dado o que já foi feito até o momento para melhor termos eleições livres de qualquer suspeita de ingerência externa, pode falar que é impossível auditar e não aceitar fazer o trabalho", disse Bolsonaro durante sua transmissão semanal nas redes sociais.

Depois, Bolsonaro disse que "estamos vendo o TSE", além de os ministros da corte, "ficarem numa situação bastante complicada". Ele citou o presidente do tribunal, Edson Fachin, além de Alexandre de Moraes, Luis Roberto Barroso e Ricardo Lewandowski. "Uma vez contratada, a empresa começa a trabalhar, a empresa vai pedir ao TSE, com toda certeza, quantidade grande de informações. Ela vai pedir às Forças Armadas o trabalho que fez até agora", disse o presidente. Bolsonaro não afirmou qual empresa será contratada. Disse apenas que se trata de firma que faz este serviço "no mundo todo". afirmou ainda que pode "pedir socorro" a outros partidos para pagar a análise, se ficar muito caro". Os partidos políticos podem indicar técnicos para acompanhar as fases de especificação e de desenvolvimento de todos os programas de computador do TSE utilizados nas urnas eletrônicas e

para o processo de votação. Pelas normas, os códigos-fonte usados nas urnas precisam estar disponíveis para verificação da sociedade civil e partidos um ano antes da realização do primeiro turno. O advogado da campanha de Bolsonaro, o ex-ministro do TSE Tarcísio Vieira de Carvalho Neto, disse desconhecer informações sobre a contratação da empresa mencionada pelo presidente. A assessoria do PL afirmou não ter detalhes sobre o tema. "É o momento para o TSE mostrar para o mundo, a partir dessa empresa que vai fazer auditoria, que temos sistema mais confiável no mundo no tocante às eleições", declarou o presidente. Ele afirmou duas vezes durante a transmissão que não deseja dar um golpe. "Ninguém quer dar golpe. Alguns dizem que quero dar golpe. Como quero dar golpe se já sou presidente". Em tom irônico, Bolsonaro afirmou que o trabalho da au-

ditoria externa pode garantir a vitória do ex-presidente Lula Inácio Lula da Silva (PT), líder das pesquisas ao Planalto. "A gente vê no mundo, nas repúblicas, o chefe do Executivo conspirar para ficar no poder, cooptar órgãos para fraudar eleições. Aqui é exatamente o contrário", disse. "Já que pesquisas dizem que o senhor Lula tem 40%, o Lula vai ganhar, quero garantir a eleição do Lula com esse processo aqui [de auditoria]". "Ninguém precisa fazer campanha pro Lula, não precisa, por exemplo, uma autoridade ou outra, que a gente vê acontecendo, ficar desmoralizando páginas de pessoas que nos apoiam, retirando páginas de pessoas que nos apoiam, ameaçando ou prendendo pessoas que nos apoiam", afirmou ainda, referindo-se a decisões do TSE e STF que atingiram seus apoiadores. No ano passado, a integrar a CTE (Comissão de Transparência das Eleições). Em fevereiro, o TSE publicou documento com respostas a questionamentos das Forças Armadas feitos em dezembro. Um novo documento foi enviado, mas este seguiu sob sigilo e deve ser divulgado após análise da corte. O pedido de divulgação ocorreu após o presidente Jair Bolsonaro (PL) ter levantado dúvidas sobre a lisura das eleições e feito insinuações golpistas. No ofício, o ministro sugere que sejam divulgados os documentos ostensivos (não sigilosos) relacionados à CTE. Afirma, também, que a ideia é dar maior transparência aos atos da gestão pública. E diz que o pedido foi feito "em face da impossibilidade de ser concretizada a reunião solicitada por este ministro a Vossa Excelência".

Defesa pede que TSE divulgue questões de militares sobre eleição

BRASILIA O ministro da Defesa, general Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira, pediu nesta quinta-feira (5) ao TSE (Tribunal Superior Eleitoral) que divulgue os questionamentos feitos por Forças Armadas sobre o pleito deste ano. O ofício foi enviado ao presidente do TSE e ministro do STF (Supremo Tribunal Federal), Edson Fachin. As Forças Armadas têm cobrado mudanças no sistema eleitoral desde que foram convidadas,

em 2010, a integrar a CTE (Comissão de Transparência das Eleições). Em fevereiro, o TSE publicou documento com respostas a questionamentos das Forças Armadas feitos em dezembro. Um novo documento foi enviado, mas este seguiu sob sigilo e deve ser divulgado após análise da corte. O pedido de divulgação ocorreu após o presidente Jair Bolsonaro (PL) ter levantado dúvidas sobre a lisura das eleições e feito insinuações golpistas. No ofício, o ministro sugere que sejam divulgados os documentos ostensivos (não sigilosos) relacionados à CTE. Afirma, também, que a ideia é dar maior transparência aos atos da gestão pública. E diz que o pedido foi feito "em face da impossibilidade de ser concretizada a reunião solicitada por este ministro a Vossa Excelência". Procurada, a Defesa não se manifestou sobre essa agenda que não teria sido realizada. A agenda oficial de Fachin registra três reuniões com o ministro da Defesa nos últimos meses. Uma com o ministro Walter Braga Netto, em março, e duas com Nogueira, o atual titular da pasta. Interlocutores do TSE disseram que, na quarta (4), o gabinete da Defesa fez novo contato pedindo um encontro para o mesmo dia. O magistrado informou que não seria possível porque outros compromissos estavam agendados. O tribunal ainda não informou se irá atender o ofício dos militares. Em transmissão nas redes sociais nesta quinta, Bolsonaro voltou a levantar dúvidas so-

bre a segurança das urnas e disse que há "um tempo bastante longo" o TSE não se manifesta sobre os pedidos dos militares. "No primeiro momento, o TSE, pelo que consta, contribuiu de confidencial as sugestões que foram propostas pelas Forças Armadas para que se reduzissem os riscos de possibilidade de fraude", disse o presidente. "Por que esconder esse documento?", questionou. Bolsonaro disse que o ministro da Defesa terá de divulgar o documento por causa de pedidos de parlamentares. "Está na cara que ele vai cumprir a Constituição [de divulgar os pedidos], não o parece, sugestão ou seja lá o que for, resolução do TSE", declarou. Nogueira também disse que os documentos com as propostas das Forças Armadas para o processo eleitoral têm sido solicitados por Lei de Acesso à Informação também por jornalistas e parlamentares. Bolsonaro disse que o ministro da Defesa terá de divulgar uma série de medidas para ampliar a transparência do sistema eletrônico de votação para esvaziar o discurso do chefe do Exército de que os urnas são passíveis de fraudes. Em mais de uma ocasião, Bolsonaro cobrou que o TSE aceite as sugestões das Forças Armadas para o processo. Uma das sugestões, segundo o presidente, seria que militares acompanhassem a apuração. O presidente do Senado, Roberto Jefferson (PSD-MG), disse nesta quinta que a última palavra sobre eleições cabe ao STF. Ele disse desconhecer os ofícios encaminhados pela Defesa, mas que mediará a transparência "sem ben-vindas". MV

2 milhões de jovens fizeram título de eleitor entre janeiro e abril

Mateus Teixeira

BRASILIA A Justiça Eleitoral informou nesta quinta (5) que, entre janeiro e abril, 2.042.817 jovens de 16 a 18 anos entraram juntos para participar do pleito de outubro. O número representa cerca de 24% dos jovens nessa faixa etária no país. De acordo com o TSE (Tribunal Superior Eleitoral), a transmissão de dados para esse público, na comparação com o mesmo período dos dois últimos anos em que houve eleição presidencial no país, ocorre indica uma corrida de última hora para o registro. A corrida se deu em meio ao acirramento do cenário polí-

tico do país, com ataques do presidente Jair Bolsonaro (PL) ao sistema eletrônico de votação, e a campanha de celebridades para incentivar jovens a emitir o título de eleitor. O volume de inscritos de janeiro a abril também não significa uma adesão geral dos jovens. Mais à frente o TSE deve divulgar o total de jovens aptos a votar neste ano, em comparação com eleições anteriores. O anúncio desta quinta ainda é de um balanço parcial do período de regularização dos títulos. A divulgação dos dados foi feita pelo presidente do TSE, ministro Edson Fachin. Não foram disponibilizados também dados referentes aos

quatro dias do mês de maio em que ainda era possível pedir a emissão ou regularização do título. O prazo para regularizar ou emitir novos títulos para poder votar nas eleições se encerrou na quarta-feira (4). O total de brasileiros aptos a votar em outubro, bem como o perfil do eleitorado, tampouco foi divulgado nesta quinta. Esse dado deve ser conhecido na primeira quinzena de julho. Em 2018, o número de eleitores entre 16 e 18 anos no Brasil representou cerca de 2,53% do total do eleitorado, segundo dados do TSE. Os novos registros de jovens eleitores neste ano representam um aumento de 47% e 57% em relação aos

mesmos meses de 2018 e 2014, respectivamente. Em 2018, segundo o TSE, foram 1.387.705 novos eleitores jovens inscritos nos quatro primeiros meses do ano. O número foi de 1.267.130 no pleito presidencial de 2014. Fachin anunciou ainda que a Justiça Eleitoral realizou, no último mês, 8,9 milhões de atendimentos a eleitores para serviços diversos relacionados ao título de eleitor, o que também representa um recorde em relação a anos anteriores. O magistrado exaltou a mobilização da sociedade para incentivar pessoas próximas a participarem do pleito. "Vimos, como há muito não

se via, um país unido pelo bem e fortalecimento da democracia. Por isso, agradeço a cada um, influenciador ou não, famoso ou não, brasileiro ou não, jovem ou não, que criou conteúdos nas redes sociais para chamar a atenção de todos para a regularização do título", disse Fachin. O ministro também elogiou o papel dos veículos de comunicação na propagação de notícias sobre o assunto e agradeceu o "trabalho incansável dos profissionais da imprensa, fundamentais na divulgação do tema". Segundo o ministro, o que se viu neste ano foi uma sociedade mobilizada pela demo-

cracia. "A juventude brasileira foi convocada a participar das eleições em outubro e a resposta foi impressionante". Em março, foram emitidos 522 mil novos títulos de eleitor. Em abril, o dado saltou para 809 mil, um crescimento de 96% em relação ao mês anterior. "A Justiça Eleitoral mostrou toda a força que tem nessa reta final do cadastro eleitoral para a eleição de outubro e de novembro", disse Fachin. Ele também estimulou os brasileiros acima de 70 anos, que assim como os menores de 18 anos, não foram obrigados, a participar do pleito deste ano. "Não deixem de fazer valer a sua vontade pelo voto".

PGR pede a STF que inquérito de Ribeiro vá à 1ª instância

BRASILIA A PGR (Procuradoria-Geral da República) pediu a remessa do inquérito aberto no STF (Supremo Tribunal Federal) para investigar o ex-ministro da Educação Milton Ribeiro à primeira instância da Justiça Federal em Brasília. A manifestação foi enviada nesta quinta-feira (5) à ministra Cármen Lúcia, relatora da apuração, pela vice-procuradora-geral da República, Lindorja Araújo. A representante da PGR afirmou que o tribunal deixou de ter atribuição para tocar a apuração pedida pela exoneração de Ribeiro do cargo, publicada no Diário Oficial do dia 28 de março. "Ante a exoneração de Milton Ribeiro do cargo de Ministro da Educação, o inquérito investigado que era detentor de foro por prerrogativa de função, há de se reconhecer a cessação da competência do Supremo Tribunal Federal para a supervisão da investigação instaurada", disse Lindorja.



LULA VISITA ASSENTAMENTO COM HADDAD

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), pré-candidato à Presidência da República, abraça seguidores durante visita realizada, nesta quinta-feira (5), ao assentamento residencial Vila Sousa, localizado na cidade de Sumaré (SP). Ele estava acompanhado do pré-candidato ao governo de São Paulo do PT, Fernando Haddad

Mariana Borges/Folhapress

STJ autoriza transferência de Cabral de Bangü

BRASILIA O Superior Tribunal de Justiça (STJ) autorizou a transferência do ex-governador do Rio de Janeiro Sérgio Cabral de Bangü para o CBME-RJ (Grupo Especial Prisional do Corpo de Bombeiros). Com a decisão do desembargador convocado Olindo de Menezes, Cabral ficará no grupamento até o julgamento do pedido de habeas corpus apresentado pela defesa ao Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. O magistrado considerou imprudente a manutenção do ex-governador na unidade, levando em consideração a decisão do STF que determinou a remoção de Cabral do estabelecimento prisional. Por ter delatado, Cabral, na avaliação de Menezes, tem direito a cumprir pena ou prisão cautelar em estabelecimento penal diferente dos demais. Há também fatos ligados a pessoas da mesma unidade prisional que foram objeto de delação do ex-governador. A transferência se deve a indícios achados pela Vara de Execuções Penais de que a unidade permitia regulares detenções. O relatório também indicou irregularidades na cela de Cabral, a não ser uma prateleira com fundo falso, supostamente para esconder um celular.

coleção **FOLHA** **GRANDES** **PINTORES**

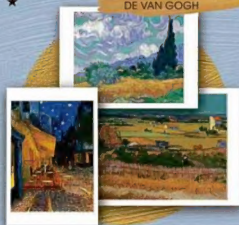
Descubra
a beleza
e o talento
por trás das
obras dos
maiores
pintores

VAN GOGH (A Noite Estrelada)

FOLHA
ALÉM DO PREÇO DO LITRO

NA COMPRA
DO VOLUME 1
grátis
3 PÔSTERES
COM OBRAS
DE VAN GOGH

APENAS
R\$22,90
CADA LIVRO



Já disponível no site
e 15/5, nas bancas.

A genialidade e a beleza das pinceladas dos maiores artistas de todos os tempos estão reunidas na **Coleção Folha Grandes Pintores**. São 30 livros que revelam centenas de obras de arte de grandes nomes como Tarsila do Amaral, Munch, Paul Klee, Michelangelo e muitos outros em textos leves, de fácil compreensão e gostosos de ler. Não tem como não se apaixonar.

Peça sua coleção completa

Ligue 11 3224 3090
(Grande São Paulo)
ou 0800 775 8080
(outras localidades)
DE SEGUNDA A SÁBADO, EXCETO
FERIADOS, DAS 8h AS 18h

FRETE GRÁTIS*

PAGUE EM
até
12x
sem juros
no cartão*

Compre por aqui
ESCANEE O QR CODE



folha.com.br/grandes pintores

*DISPONÍVEL NAS BANCAS DE SP, RJ, MG, PA, SC E DF. PARA DEMAIS ESTADOS, A VENDA SERÁ VIA SITE OU TELEFONE.
PREÇO SUGERIDO PARA OS ESTADOS DE SP, RJ, MG E PA PARA OUTRAS LOCALIDADES, CONSULTAR INDICADOR EM: FOLHA.GRANDESPINTORES.
CONFIRMA AS DATAS DE ENTREGA NO SITE. PARCELAMENTO VÁLIDO PARA TODOS OS ITENS DESTA COLEÇÃO.

política



Ex-presidente Lula conversa com o ex-governador Geraldo Alckmin em encontro com sindicalistas

Coincidências, papo de elevador e palpites uniram Lula-Alckmin

Tida como improvável, chapa articulada desde 2021 será lançada neste sábado (7)

Carolina Linhares
e Victoria Azevedo

SÃO PAULO Não foi em que a oposição ao presidente Jair Bolsonaro (PL) foi às ruas pela terceira vez seguido para pedir seu impeachment, o ex-deputado federal Gabriel Chailita (sem partido) ligou para o ex-prefeito Fernando Haddad (PT) para avisar que a articulação da chapa Lula-Alckmin estava madura o suficiente para um encontro entre os dois políticos.

Era 3 de julho de 2021, e os protestos se repetiam com maior pressão sobre Bolsonaro, alvo de um superpelo de impeachment e tragado pelas acusações da CPI da Covid.

O desafio da esquerda era ampliar as manifestações rumo ao centro — movimento que seria frustrado nas ruas, mas que segue em construção nas urnas.

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o ex-governador Geraldo Alckmin (PSB, na época no PSDB) juntaram juntos pela primeira vez, em 14 de julho, com Haddad e o afilhado Chailita, no bairro de Higienópolis, em São Paulo.

Os dois já tinham sido consultados sobre a formação da chapa e haviam decidido prosseguir, mas o tema não foi mencionado, segundo Chailita contou à GloboNews.

A postura política avançou rápida e discretamente.

A primeira vez que Haddad havia ouvido o palpite sobre Alckmin concorreu com candidato a presidente de Lula no dia em que o ex-prefeito Bruno Covas (PSDB) morreu, em 6 de maio de 2021 — uma das coincidências na vida de Lula e Alckmin.

E uma saga não só de acasos e datas simbólicas, mas de jantares, gestos públicos e, sobretudo, desprestígio dos participantes, de acordo com personagens envolvidos.

Quase um ano depois, a chapa Lula-Alckmin será lançada neste sábado (7), em ato com expectativa de reunir 1.000 convidados em São Paulo.

Em 6 de maio, quem soprou a ideia foi o marqueteiro Felipe Soutello, responsável pela campanha eleitoral de Covas em 2020 e atualmente na pré-campanha de Simone Tebet (MDB). Os dois juntaram na época o empresário Márcio Toledo, marido da ex-prefeita Marta Suplicy (sem partido) — ela não participou.

No mundo político, as elições de 2022 já estavam em curso. Haddad se encontrava com marqueteiros em busca de nomes para sua campanha ao governo estadual. Tudo articulava uma reaproximação de Marta com o PT e fomentava uma frente anti-papo contra Bolsonaro.

A ideia era expressar a defesa da democracia unindo rivais PT e PSDB. A percepção de que Lula e Alckmin eram complementares logo se espalhou. As críticas à chapa também.

Entre maio e junho, Haddad acionou Chailita, que funcionava como ponte entre o ex-prefeito e Alckmin, por ter sido secretário de ambos. Chailita levou a ideia ao então tucano, que não a recusou de pronto.

Diante da abertura, Haddad conversou com Lula. Tampouco houve veto do petista — Alckmin seria sua nova versão da Carta aos Brasileiros.

Alckmin? Alem de Chailita, Alckmin ouviu a sugestão de se aliar a Lula do próprio Soutello, em junho, e do ex-governador Márcio França (PSB), de quem é um aliado próximo, em agosto.

França e Alckmin discutiram o cenário eleitoral — ambos amparavam o Palácio dos Bandeirantes. Soutello ainda compartilhava a ideia com tucanos do entorno de Alckmin, que torceram o nariz.

Mas o acordo já ganhava forma e novos aliados. Em julho, ainda na busca por marqueteiros, Haddad alçou com Luiz Gonzales, responsável por campanhas tucanas durante o governo de Fernando Collor, no bairro dos Jardins.

O assunto só surgiu depois que Gonzales e Haddad já haviam descido este andar de elevador e conversado sobre o assunto. Ele ventou a ideia em Haddad. Haddad falou sobre o posto de vice de Lula, o que Gonzales rebateu: "É Alckmin?". Embora não tenha esboçado reação, Haddad ficou intrigado. No início deste ano, chegou a perguntar a Gonzales, por curiosidade, se ele e Soutello, que são próximos, haviam conversado antes sobre o assunto ou se fora uma coincidência. Gonzales não se lembrou.

A epifania também atingiu França, que notava o tom nacional nos discursos de Alckmin. Ele ventou a ideia em Alckmin, como candidato em São Paulo, apoiar Lula.

Depois de concluir que havia adesão do PT, França tomou coragem para abordar Alckmin em uma de muitas reuniões nos escritórios do advogado Anderson Pomin, nos Jardins.

Mas foi só em 25 de setembro, num encontro da juventude do PSB e do PSD, em Cajamar (SP), que França teve a clareza de que, sim, Alckmin tornaria ser vice de Lula.

O evento marcou o nascimento de uma frente eleitoral contra João Doria (PSDB), com Alckmin, França, Paulo Skaf (República), à época no MDB) e Gilberto Kassab (PSD). França teve ainda uma sinalização positiva de Lula ao trazar do assunto em uma visita a sua casa, em outubro, quando lhe apresentou uma garrafa de vinho. O petista logo lhe pediu o telefone de Alckmin.

O leão da engrenagem foram as boas relações que os personagens mantinham entre si, apesar de politicamente distantes. Alckmin e Haddad, por exemplo, viveram juntos a crise de junho de 2013 e se aproximaram. Ainda nos primeiros meses de 2022, como Haddad contou a Veja, eles vinham conversando, sempre na casa de Chailita, sobre a possibilidade de Alckmin, como candidato em São Paulo, apoiar Lula.

O futuro do ex-tucano "Por que o senhor quer ser governador pela quinta vez?", questionou um dos filhos de Soutello, em um jantar com França e Kassab na casa do ex-presidente da Fiesp. O evento em Cajamar seria da luta a alguns dias. Essa pergunta ecoou na cabeça de Alckmin, segundo seus aliados.

Em setembro, quando Bolsonaro inflou atos de raiz golpista, Lula e Alckmin juntaram pela segunda vez no apartamento de Chailita, na praça de Haddad. O ex-secretário declarou à GloboNews que a luta condiciona a concretização da chapa aos partidos e ex-cabeça da democracia dominaram o assunto.

A construção da chapa se tornaria pública em 3 de novembro em reportagem exclusiva da Folha. "Uma costura delicada entre lideranças do PT e do PSB tenta viabilizar uma chapa que a Lula como candidato a presidente e o governador de São Paulo Geraldo Alckmin como vice", publicou a colunista Mônica Bergamo.

Um jantar e uma foto Um evento anual de confraternização do grupo jurídico Perograssat se tornaria cenário da primeira aparição pública de Lula-Alckmin, que, desde setembro, se falavam com certa frequência ao telefone.

Com a previsão de receber 500 convidados, pelo preço de R\$ 500 reais o convite, e

uma lista de espera com o dobro de pessoas, o jantar ocorreu no restaurante A Figueira Robaiyat, na capital paulista, na noite de 19 de dezembro.

Para atender a Lula, o evento teve uma contrapartida social: mais de R\$ 500 mil em doações foram revertidos para uma campanha de arrecadação de alimentos.

Responsável por organizar a disposição dos convidados, a pedido de Lula, Marco Aurélio de Carvalho, coordenador do Prerrogativas, elaborou um critério que juntaria Lula e Alckmin na mesma mesa, dedicada ao petista e a ex-governadores e ex-prefeitos.

Os políticos, no entanto, ficaram em espaço reservado e com entrada controlada. O jantar cumpriu o objetivo de proporcionar a tão esperada foto da dupla, usada como um recado ao país sobre a necessidade de ampliar alianças para derrotar Bolsonaro.

Passado o encontro, era preciso entender como as pessoas se iriam reagir. Segundo os entusiastas, o mérito do evento foi possibilitar a aprovação da opinião pública e decentação das críticas que vinham de parte do PT e também de tucanos.

Companheiro Alckmin

"Daqui pra frente, você não pode mais ser tratado de ex-governador e eu não posso ser tratado de ex-presidente. Você é chamado de companheiro Lula e eu chamo você de companheiro Alckmin".

Foi com esse pedido que Lula discursou em 8 de abril, em reunião que oficializou a indicação de Alckmin para a chapa — uma de ao menos sete vezes em que os dois estiveram juntos em 2022.

Outra foi em 1 de fevereiro, no caso da indicação de Chailita, num jantar com Lula, Alckmin e Chailita. Saram ali o acordo da chapa, mesmo sabendo que teriam dificuldades para viabilizá-la. França não foi convidado, mas soube do jantar por um dos donos do restaurante Aiyah, que lhe contou sobre o cordeiro que seria servido ao ex-presidente. O ex-governador, por coincidência, foi almoçar no local, próximo da casa de Haddad.

Estrategistas que acompanharam a construção da chapa já têm dúvidas, no entanto, se ela cumprirá o papel de representar uma frente ampla.

A escolha de Alckmin como um aceitável representante dos servidores e na tentativa de ampliar alianças para além da esquerda não estaria trazendo o resultado. Sem um grupo político no legislativo, o ex-tucano não atraiu mais deputados, partidos ou eleitores.

Ironicamente, na avaliação de alguns políticos, o desfecho se deu ao campo da esquerda. Um ano, Filadelfo de Alckmin em 23 de março, Alckmin não teria reposicionado Lula ao centro, mas, sim, sim, sim, levado pelo petista ao campo da esquerda.

Dois cenários exemplificam esse movimento. Em 14 de maio, Alckmin chamou a atenção ao exaltar o petista.

Ele subiu a voz para dizer que a "luta sindical dele ao Brasil o maior líder popular deste país". Em seguida, jorrou, repetiu: "Lula é o maior líder, o maior líder dos trabalhadores do Brasil".

No dia 28, no congresso do PSB, Alckmin afirmou ter ficado à vontade ao ouvir o hino da Internacional Socialista, coligação de partidos socialistas e social democratas de vários países, que é associada a siglas de esquerda.

Após o petista entrar na chapa no sábado, a dupla seguiu em viagem pelo país. A quem interpelou Alckmin sobre sua mudança de posição, ele deu pista de sua resposta em discurso no ato de filiação.

"Tenho que ter os olhos abertos para enxergar, a humildade para entender que ele [Lula] é hoje o que melhor representa a luta do povo brasileiro. Além, ele representa a própria democracia porque ele é fruto da democracia".

Quem é quem na articulação da chapa Lula-Alckmin



Fernando Haddad
O ex-prefeito petista ouviu a sugestão da chapa e levou a ideia para Gabriel Chailita e para Lula



Gabriel Chailita
O ex-deputado Gabriel Chailita ouviu a ideia de Haddad e acionou Geraldo Alckmin sobre sua viabilidade, tendo sinal positivo



Márcio França
O ex-governador de SP teve a ideia de unir Lula e Alckmin ao ouvir o discurso nacional do ex-tucano



Luiz Gonzales
O marqueteiro também sugeriu a seus interlocutores que Lula poderia se unir a Alckmin



Felipe Soutello
O marqueteiro discutia a possibilidade da chapa Lula-Alckmin em conversas com amigos e políticos



Marco Aurélio de Carvalho
O advogado, coordenador do Prerrogativas, organizou o jantar que marcou a primeira aparição pública de Lula e Alckmin



Márcio Toledo
O empresário foi anfitrião de jantares nos quais o tema foi discutido e entusiasmado de uma frente ampla

**Tarcísio de Freitas, 46**

Tarcísio Gomes de Freitas nasceu no Rio de Janeiro, em junho de 1975. Foi ministro da Infraestrutura no governo de Jair Bolsonaro. Tem bacharelado em ciências militares pela Academia Militar de Agulhas Negras

Próximas sabinatas com pré-candidatos ao Governo de SP

6.mai

• 10h Altino Junior (PSTU)
• 16h Fernando Haddad (PT)

**Gabriel Colombo, 31**

Nascido no Rio de Janeiro, cresceu em Minas Gerais e em 2009 mudou-se para Piracicaba (SP) para cursar engenharia agrônoma na Escola Superior de Agricultura Luis de Queiroz, da USP

Tarcísio defende a concessão de vias e diz ter atitude paulista

Ex-ministro discorda de Bolsonaro sobre vacinação e admite não ter a mesma aptidão política do ex-chefe

Artur Rodrigues

SÃO PAULO O ex-ministro da Infraestrutura e pré-candidato governista de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), disse nesta quinta (5) ter discordado do presidente Jair Bolsonaro (PL) sobre a questão da vacina e que se considera paulista em atitude.

As afirmações foram feitas na manifestação realizada por Folha e UOL, com postulantes ao Palácio dos Bandeirantes.

Tarcísio é o candidato do presidente em São Paulo e está em terceiro lugar na disputa, segundo o Datafolha, com 12% dos votos, empatado no limite da margem de erro com o governador Rodrigo Garcia (PSDB), com 6%. O ex-prefeito Fernando Haddad lidera a corrida com 29%, seguido por Márcio França, com 26%. Embora elogiando o presidente e seu governo, Tarcísio afirmou discordar de Bolsonaro em relação à vacinação contra a covid-19.

“Mas afirmo que o governo de uma determinada posição com relação à vacina. Eu me vacinei, vacinei minha família e achava que estava fazendo a coisa certa”, disse Tarcísio.

“Mas afirmo que o governo não acertou ao comprar com Bolsonaro”. Não posso me comparar com o presidente porque não tenho os mesmos dons que o presidente. Não tenho a mesma aptidão política do presidente, eu não sou um fenômeno como o presidente. Eu tenho é que aprender com ele as coisas boas”, disse o ex-ministro, que se considerou conservador nos costumes e liberal na economia.

Sem repetir os ataques de Bolsonaro ao STF (Supremo Tribunal Federal) e ao sistema eleitoral, disse que muitas vezes o presidente se defende e isso é considerado um ataque. Defendeu as motivações das quais participou com Bolsonaro

no dia 15 de abril, uma fecho para a rodovia dos Bandeirantes em pleno feriado e custou R\$ 1 milhão aos cofres públicos do estado, segundo o governo paulista.

Alegou que são atos espontâneos e não promovidos pelo presidente. “Obviamente gera algum transtorno, mas é o ônus da democracia quando se promovem eventos, manifestações espontâneas”.

Atacado por ter nascido no Rio de Janeiro e concorrer ao governo paulista, considerou a questão irrelevante e disse ter ligações com a cidade, onde trabalhou e tem família. “Me considero hoje muito paulista em termos de atitude, em termos de estar inserido dentro da cultura do estado de São Paulo”, disse.

Questionado sobre seu time, provocação feita por rivais, ele inicialmente citou o partido da Portuguesa, mas admitiu ser flamenguista.

Também falou de afirmação sua de que o estado paulista fez pacto com o PCC, o que irritou a paulista. Disse ser não mal interpretado e que fez um registro histórico. “O que eu falei na verdade é reprodução que existe em alguns livros, que narram a ascensão do PCC”, disse. Ele citou “A Guerra: a Ascensão do PCC e o Mundo do Crime no Brasil”, de Bruno Paes Manso e Camilla Nunes Dias.

O jornalista e pesquisador Bruno Paes Manso nega que a obra cite tal pacto. “Não nós afirmamos isso no livro nenhum momento. O que nós dissemos, críticas e apontamentos foram os excessos das políticas públicas e os erros das políticas públicas em

São Paulo, como encarceramento massivo sem critério assim como a violência policial acabaram produzindo e fortalecendo as facções”, disse ele.

Tarcísio voltou a se dizer contrário às câmeras corporais nos uniformes de policiais, política que, segundo especialistas, ajudou a reduzir a letalidade policial e as mortes de agentes. “Para mim, é um voto de desconfiança no policial. Eu acredito na polícia, eu acredito no policial”, disse.

Também disse que o equipamento tira privacidade do policial e inibia pessoas a fazer denúncias à polícia. Por isso, afirmou que vai reavaliar a política, retirando as câmeras ou dando ao policial o controle da filmagem.

Entrevistados lembraram que policiais podem desligar as câmeras ao falar com testemunhas e também na hora de ir ao banheiro, por exemplo. Ele também se defendeu de críticas sobre a concessão da via Dutra, dirigidas à previsão de que o novo contrato de concessão de rodovia, que liga São Paulo ao Rio, tenha mais obras e descontos maiores nos pedágios.

Disse que, dos investimentos previstos, metade será em São Paulo e metade no Rio. Sobre o pedágio, afirmou que se a redução fosse maior que a prevista poderia atar motores de um debate programático do que a maioria trabalhadora necessita para poder fazer conciliações com Geraldo Alckmin, com Márcio França, por se aceitar a situação no departamento e quem em seu período não houve operações policiais no dog e que as contas foram pagas regulares.

Tarcísio atuou no órgão nos governos Michel Temer (MDB) e Dilma Rousseff (PT). Afirmou ainda que a geração de empregos deve ser prioridade em eventual governo seu. Para isso, diz apostar em agronegócio, finalização de obras e inovação.

A entrevista foi conduzida pela apresentadora Fabíola Cidral, pelo colunista do UOL, Leonardo Sakamoto e pela jornalista da Folha Carolina Linhares.

Gabriel Colombo quer desmilitarizar PM e critica Lula e Haddad

Pré-candidato do PCB ao Governo de SP afirma em sabinata que candidatos petistas não são de esquerda

Bruno B. Soraggi

SÃO PAULO O pré-candidato ao Governo de São Paulo Gabriel Colombo (PCB) defende desmilitarização da polícia e critica a frente da esquerda que fez aliança “para poder se palatável para a burguesia”. Para ele, as pré-candidaturas do ex-presidente Lula e do ex-ministro Fernando Haddad, ambos do PT, não são de esquerda.

“Nem eles se apresentam [como de esquerda]. Eles se apresentam como uma frente ampla, progressista”, disse, na sabinata de Folha e UOL, na tarde desta quinta-feira (5).

Ele é contrário à aliança de Lula com o ex-governador Geraldo Alckmin, que trocou o PSDB pelo PSB para ocupar o cargo de vice com o petista. “Alckmin foi um dos responsáveis pelo massacre do Pinheirinho [ocupação em São José dos Campos, no interior paulista, que foi desocupada com forte ação policial quando ex-tucano era governador]. E conhecido também pela repressão aos professores e suas manifestações, que reprimiu o movimento secundarista nas escolas. E trouxe figuras do bolsonarismo para o mainstream na política, como o Ricardo Salomoni e a jornalista da Folha Carolina Linhares. Ele afirmou que, eleito, vai atuar “a favor” de ocupações de famílias sem-teto ou sem-teto, e em último caso, para que esses grupos não sejam reprimidos com violência.

O caso do Pinheirinho foi uma das maiores e mais brutais desocupações urbanas da América Latina. Autorizado por Alckmin. No governo do estado e como coman-

deu aqui em São Paulo, e foi Haddad e Alckmin em 2013, nas primeiras manifestações de junho”, disse.

Sobre segurança, defende “repensar a lógica de tratar tudo como militarização”, com “desmilitarização rumando para o fim da Polícia Militar”. “Não é possível realizar isso no âmbito do governo estadual. Mas é possível reduzir os impactos sobre o conjunto das pessoas trabalhadoras que ações repressivas têm”, disse.

“A gente sabe que a PM, os aparelhos de repressão e segurança do estado, carregam vários elementos estruturais da sociedade, entre eles o racismo. Os negros, negras, os brevidos jovens, são as maiorias vítimas dos homicídios cometidos por policiais”, disse.

“A lógica de militarizar é a que foi utilizada até aqui. E ninguém se sente mais seguro andando pelas ruas de São Paulo e de qualquer cidade grande do estado. Então tem que repensar essa lógica”.

Também propõe preparar bases de cidades paulistas para poderem fazer defesas comunitárias de suas áreas.

A entrevista foi conduzida pelo apresentador Diego Sarza, pelo colunista do UOL, Leonardo Sakamoto e a jornalista da Folha Carolina Linhares. Ele afirmou que, eleito, vai atuar “a favor” de ocupações de famílias sem-teto ou sem-teto, e em último caso, para que esses grupos não sejam reprimidos com violência.

O caso do Pinheirinho foi uma das maiores e mais brutais desocupações urbanas da América Latina. Autorizado por Alckmin. No governo do estado e como coman-

dante em chefe da PM, eu não autorizaria tal tipo de ação”, diz Colombo. “Pelo contrário. Uma vez que uma pessoa está ocupando uma área, demonstra ao estado: tamanha negligência na resolução do direito de garantir acesso a moradia digna, nós ocupamos o terreno”.

Sobre o fato de as desocupações obedecerem a ordens judiciais, argumentou que “o judiciário não é neutro, não está imune nem à opinião pública nem à pressão popular”.

“Então, no governo do estado, vou atuar favoravelmente a essas ocupações e contrário às decisões de posse e ordem de despejo. Isso seria o primeiro momento”.

É seguiu: “Num segundo momento, não tendo que fazer, tendo toda a pressão para que isso fosse executado, garantiria áreas de recuo. Uma vez que vai haver repressão, as pessoas que estão demandando a moradia não vão sumir dali. Vou para outro lugar. Então eu, como governo do estado, tendo áreas públicas disponíveis, mediando possibilidades emergenciais, lá buscar uma saída para essas famílias, para que não tenham que sofrer com a repressão policial”.

Não defende a desocupação contra cobrança de mensalidades em universidades públicas. Defende “uma política progressiva de ampliação de vagas das universidades públicas, que quer garantir nas es-taduais”, para que a gente tenha condições de que universidade não seja necessário. O vestibular é a função que expressa a falta de vagas na universidade pública”, avalia.

“Mas não vou disseminar ilusões de que a gente vai acabar com o vestibular, nem promover progressivamente aumento do número de vagas na universidade. É isso tem que acompanhar a capacidade de gestão de investir e contratar professores, para ser feito com qualidade”, afirmou. Como uma das soluções para acabar com a cracolândia, ele propõe “medidas urgentes” como “criar emprego em grande escala, combater a fome, garantir o abastecimento urbano e acesso à moradia”, isso para fechar a torneira dessa condição social que leva tantas pessoas a entrarem nessa situação que chega a cracolândia”.

Vou atuar favoravelmente a essas ocupações e contrário às decisões de posse e ordem de despejo

Gabriel Colombo criticando as reintegrações de posse de ocupações

mundo guerra da ucrânia



Ucraniano caminha ao lado de destroços em área residencial bombardeada em Kramatorsk. Yuryevich/China/Xinhua

Ucrânia projeta ficar na defensiva contra Rússia até o meio de junho

Kiev indica plano de contraofensiva; conferência de doadores arrecada R\$ 31,5 bi em ajuda

Igor Gielow

SÃO PAULO O governo da Ucrânia disse nesta quinta-feira (15) que projeta ficar em modo de defensivo contra a invasão russa de seu território, que entra na sua 11ª semana, pelo menos até o meio de junho. Depois disso, afirmou à agência Reuters o assessor presidencial Oleksii Arstovitch, o influxo de armas pesadas e ajuda do Ocidente poderá mudar o cenário. Ou seja, pela primeira vez Kiev fala abertamente em uma contraofensiva para expulsar as forças do presidente Vladimir Putin de seu território.

Retórica é retórica, claro, e até aqui os ucranianos só conseguiram reconquistar áreas quando os russos desistiram do combate, por falta de recursos humanos, crônicos e problemas logísticos.

Foi o que ocorreu em Kiev e no norte do país e se configura vitória do governo de Volodymyr Zelenski, mas decorreu tanto da resistência quanto da incompetência do invasor.

O que Arstovitch sugere é diferente. Na primeira fase da guerra, o grande fornecimento de armas portáteis antitanque e antiaéreas, somado ao gigantesco compartilhamento de inteligência por parte dos Estados Unidos sobre movimentos russos, permitiu uma guerra assimétrica eficiente para a Ucrânia até aqui.

Agora, com o centro dos combates deslocado de forma mais coerente e menos dispersa por Moscou para o Donbass (leste) e o sul ucraniano, visando neutralizar o núcleo das forças de Kiev no centro-leste do país, Zelenski depende do novo esforço ocidental e de entregar armas adequadas para combates de forças em manobra.

Já estão na Ucrânia dezenas de obscuros americanos e há promessa de muitos mais, incluindo talvez caças e tanques pesados — a Polónia já doou 200 modelos antiaéreos soviéticos T-72 ao vizinho, numericamente equivalentes a um quarto da força ucraniana anterior à guerra.

71º dia de incursões da Rússia na Ucrânia

Revindicado por separatistas, mas sob domínio da Ucrânia
Controlado por separatistas e reconhecido como independente por Moscou
Ocupado por tropas russas



⬢ Cidades tomadas pela Rússia
⬢ Contra-ataque ucraniano
⬢ Anexada pela Rússia em 2014
⬢ Ataques intensos
⬢ Ataques relatados

Belgorod: Autoridade local diz que duas aldeias foram bombardeadas por Kiev, não há vítimas

Kharkiv: Forças ucranianas recuperaram várias aldeias ao redor da cidade, dizem autoridades americanas

Mariupol: Acusa Rússia de desastres: cessar-fogo; Kremlin nega

Fonte: Grapher, News

Inteligência dos EUA ajuda Kiev a matar generais de Moscou, afirmam autoridades

WASHINGTON [THE NEW YORK TIMES] Os Estados Unidos forneceram informações que permitiram que os ucranianos atacassem e matassem seis generais russos na Guerra da Ucrânia, afirmaram autoridades americanas.

A colaboração faz parte de um esforço secreto do governo de Joe Biden para fornecer à Ucrânia dados de inteligência em tempo real sobre o campo de batalha. As informações — obtidas a partir do acesso recente dos EUA ao plano de batalha secreto de Moscou para combates na região de Donbass, no leste ucraniano — incluem a antecipação de movimentos das tropas russas.

Ucranianos afirmaram ter matado 12 generais nas últimas 24 horas, número que surpreendeu analistas militares. As fontes, que falaram ao New York Times sob a condição de anonimato por apresentarem detalhes de intel-

igência sigilosa que está sendo compartilhada com a Ucrânia, não quiseram especificar quantas informações foram fornecidas pela assistência de Washington.

Os EUA se concentraram em fornecer a localização e outros detalhes sobre o quartel-general dos generais russos, que se deslocam com frequência. Autoridades ucranianas combinaram essas informações geográficas com as de sua própria inteligência — incluindo comunicações interceptadas que alertam os militares ucranianos sobre a presença de oficiais russos — para escalar ataques de artilharia que mataram oficiais de Moscou.

O compartilhamento de inteligência faz parte de um fluxo mais intenso de ajuda dos EUA, que inclui armas mais pesadas e dezenas de bilhões de dólares, demonstrando que as restrições iniciais de Biden a apoiar a Ucrânia mudaram

rapidamente à medida que a guerra entra em uma nova etapa que pode durar meses.

Os americanos tiveram um efeito decisivo no campo de batalha, confirmando alvos identificados por militares ucranianos e apontando novos alvos. Na noite de quinta (15), a rede NBC News noticiou que a operação que terminou com o naufrágio do navio de guerra russo Moskva, no último dia 14, teve participação da inteligência dos EUA.

O relatório de Washington teria apenas identificado o navio e sua localização, com o ordem de lançar os mísseis tendo partido de Kiev — Moscou alega que o afundamento se deu devido a um incêndio, não por um ataque ucraniano.

Desde que não conseguia avançar sobre Kiev, a capital, no início da guerra, a Rússia tentou se reagrupar, com um esforço mais concentrado no leste da Ucrânia, que até agora avan-

çou de forma lenta e desigual.

O governo Biden tem procurado manter em segredo grande parte das informações do campo de batalha, com medo que a operação seje vista como uma escalada e leve o presidente russo, Vladimir Putin, a ampliar o escopo da guerra.

As autoridades americanas entrevistadas não descreveram como adquiriram informações sobre o quartel-general das tropas russas, por meio de colares comerciais e sigilosos, para rastrear os movimentos das tropas russas.

O secretário da Defesa, Lloyd Austin, chegou a dizer no mês passado que os EUA querem “ver a Rússia enfraquecida a ponto de que não possa fazer o tipo de coisa que fez ao invadir a Ucrânia”.

Assessor de Zelenski critica declarações de Lula sobre guerra

Assessor da Presidência da Ucrânia e representante do país nas negociações com a Rússia, Mikhalo Podoliak criticou, nesta quinta (15), declarações do ex-presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva (PT) sobre a guerra no Leste Europeu. A revista Time o petista afirmou que Volodymyr Zelenski é tão responsável pelo conflito quanto o Vladimir Putin. A entrevista, publicada na quarta (14), foi a reportagem de capa da semana americana. Para Podoliak, as falas de Lula configuram tentativas russas de distorcer a verdade. “É simples: a Rússia atacou traiçoeiramente a Ucrânia, a guerra e apenas no território da Ucrânia e a Rússia mata civis de forma maciça. Essa é uma guerra clássica de destruição e ocupação”, escreveu no Twitter.

O governo de Joe Biden conseguiu do Congresso americano autorização para enviar até US\$ 25 bilhões (R\$ 120 bilhões) em ajuda militar, cinco vezes o orçamento anual de defesa da Ucrânia em 2021.

Nesta quinta, uma conferência de doadores em Varsovia arrecadou R\$ 6 bilhões (R\$ 31,5 bilhões), mas não foi especificado o quanto disso é ajuda militar pura — que já se aproxima dos US\$ 150 bilhões (R\$ 750 bilhões), se não mais, desde o início da guerra em 24 de fevereiro.

Até a vaquinha online Zelenski já apelou, lançando uma campanha mundial nesta quinta. “Em apenas um clique, você pode doar fundos para ajudar nossos defensores, salvar nossos civis e reconstruir a Ucrânia”, disse em inglês Zelenski no vídeo de apresentação da plataforma United24.

Moscou, claro, observa os movimentos como a comprovação de que sua guerra não é só contra a Ucrânia, mas também um embate direto com as forças da Otan (aliança militar liderada pelos EUA). Isso gera as constantes críticas por autoridades russas, mas também no Ocidente, acerca do risco de uma escalada que leve à Terceira Guerra Mundial, sempre presumida como um embate nuclear.

Por ora, as reações são medidas. Nesta quinta, ao comentar reportagem do jornal The New York Times mostrando que os dez generais russos mortos na guerra até agora, na conta ocidental, o foram com ajuda de dados de inteligência americana, o porta-voz do Kremlin foi flemático.

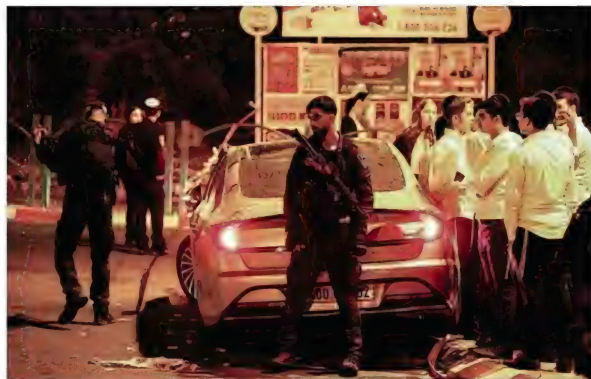
“Nossos militares estão bem cientes de que os Estados Unidos, Reino Unido e a Otan com um todo estão constantemente transmitindo inteligência e outros parâmetros às Forças Armadas ucranianas”, afirmou Dmitri Peskov. Para ele, o fornecimento de armas e dados “não contribui para a rápida conclusão da operação [russa], mas ao mesmo tempo não são capazes de impedir o alcance dos objetivos estratégicos”.

Enquanto isso, o conflito segue acirrado. Houve um aumento da intensidade dos ataques russos na região de Kharkiv, no norte, e em Mariupol, cidade-símbolo da brutalidade da guerra, os russos anunciaram um cessar-fogo de três dias para que os civis possam escapar do complexo siderúrgico de Azovstal saiam do local, enquanto seguem combates não confirmados com as forças ucranianas remanescentes.

Na prática, contudo, o porto no mar de Azov já é russo. Nesta quinta, TVs do país de Putin mostraram as placas de um ucraniano e de uma estradista da região serem trocadas por sinais em russo.

Questionado sobre a inteligência fornecida aos ucranianos, John Kirby, porta-voz do Pentágono, afirmou que não falaria “sobre os detalhes dessa informação”. Mas reconheceu que os EUA fornecem à Ucrânia “informações de inteligência que eles podem usar para se defender”.

Depois que esta reportagem foi publicada, Adrienne Watson, porta-voz do Conselho de Segurança Nacional, disse que não havia nenhuma informação de inteligência do campo de batalha não foi fornecida aos ucranianos “com a intenção de matar generais russos”. “Não sabemos se as informações de inteligência de longa duração militar ocidental também fornecem inteligência aos militares ucranianos. “Claramente, queremos que os russos saibam para qual nível que estamos ajudando os ucranianos e continuaremos a fazê-lo”, disse Evelyn Farkas, ex-funcionária do Departamento de Defesa no governo de Obama. “Vamos dar a eles tudo que precisamos para vencer, e não temos medo da reação de Vladimir Putin”, tradução de Luiz Roberto de Gonçalves.



Policiais isolam local de atentado que deixou três mortos em Elad

Ronen Zuckerman/Reuters

Israel autoriza despejo de mil palestinos na Cisjordânia

Decisão judicial ocorre em meio a tensões crescentes; ataque em Elad mata 3

JERUSALÉM | REUTERS E AFP
A Suprema Corte de Israel, em decisão considerada histórica, decidiu na noite de quarta (4) que cerca de mil palestinos de uma zona rural da Cisjordânia podem ser retilados do local. O veredicto, que abre caminho para a demolição de oito aldeias, coloca fim a um debate judicial que se estendia por duas décadas.

A região de Masfar Yatta, na província de Hebron, no sul da

Cisjordânia, foi declarada uma zona de risco pelo Estado israelense na década de 1980, para ser usada exclusivamente para fins de exercícios militares — a presença de civis ali é proibida. Cidadãos palestinos, no entanto, há muito reivindicam direitos sobre o território.

Os moradores, que recebem apoio de grupos de direitos humanos israelenses, argumentam que muitas das famílias palestinas residem permanen-

temente na área de 3.000 hectares desde antes de Israel ocupar a Cisjordânia durante a Guerra dos Seis Dias, em 1967, e que, portanto, o despejo constituiria uma violação do direito internacional.

De acordo com as convenções de Genebra relativas ao tratamento humanitário na guerra, é ilegal expropriar terras ocupadas para fins que não beneficiem as pessoas que ali vivem ou transferir a força a

população local. A Suprema Corte invalidou o argumento, dizendo que a norma não se aplica a um tribunal doméstico.

A alta corte israelense aceitou o argumento do Estado, segundo o qual os moradores palestinos mantiveram um modo de vida nômade ao longo das gerações, com base na agricultura e no pastoreio, de modo que não resistiriam permanentemente na área quando os mili-

tares israelenses pela primeira vez a declararam uma zona de manobras militares. O tribunal, porém, instou as partes a buscarem um acordo, pedindo que os aldeões concordem com as Forças Armadas de Israel sobre ceder partes da terra para o uso militar, reduzindo a zona de plantio.

A Associação pelos Direitos Civis de Israel — que, junto com moradores de Masfar Yatta, apresentou uma petição contra a expulsão — disse que a decisão terá consequências sem precedentes. “O Supremo Tribunal autorizou oficialmente deixar famílias inteiras, com crianças e idosos, sem teto sobre suas cabeças”, disse a organização em nota.

O prefeito de Masfar Yatta, Nidal Abu Yunus, acusou o tribunal de ser parte da ocupação. “Nós não vamos sair de nossas casas”, afirmou ele à agência de notícias Reuters.

O episódio, que ocorreu na semana em que o país celebra o 74º aniversário da criação do Estado de Israel, vem em meio a um momento de

crescente tensão com os palestinos. E também rememora parte do que Colômbia combateram no conflito de 19 dias entre Israel e Hamas no primeiro semestre de 2021.

A ameaça de despejo de quatro famílias palestinas do bairro de Sheikh Jarrah, à época, contribuiu para o estouro dos conflitos. A disputa central envolvia a retirada dos moradores que, por decisão do tribunal regional de Jerusalém, deviam devolver os terrenos a famílias judias. O caso, à época adiado, segue em avaliação nos tribunais.

Nesta quinta (5), três pessoas morreram e várias ficaram gravemente feridas na cidade israelense de Elad. A polícia disse que, a princípio, considera o episódio um ataque terrorista, que bloqueou as principais estradas enquanto procura os envolvidos.

O prefeito, em entrevista a um canal local, pediu que os residentes não saiam de casa. Segundo relatos de testemunhas oficiais reproduzidos pelo jornal The Israel Times, dois homens teriam realizado o ataque — um portava uma arma de fogo e o outro, um machado ou uma faca grande. Em diferentes declarações, o Hamas e a Jihad Islâmica descreveram o episódio como um ato heroico. “Os golpes de nosso povo atingirão os sionistas e os colonos onde quer que eles estejam”, escreveu o Hamas. Nenhum dos grupos, porém, reivindicou autoria.

Mais cedo, policiais israelenses e manifestantes palestinos voltaram a se enfrentar na Esplanada das Mesquitas, em Jerusalém, no retorno dos fiéis judeus após a pausa da Ramadã. A polícia afirmou, em nota, que um agente ficou ferido. Desde meados de abril, confrontos recorrentes entre policiais israelenses e cidadãos palestinos deixaram quase 300 feridos, segundo contam da agência de notícias AFP, somente no complexo. A maioria é palestina.



Visão sobre Holocausto é ingrediente para construir novas alianças

OPINIÃO

Daniel Douek

Colunista social e diretor do Instituto Brasil israel

Quando o chanceler russo, Serguei Lavrov, disse que acreditava que Adolf Hitler “ti-nha sangue judeu”, colocou mais lenha na fogueira da memória do Holocausto, que incendeia as agendas político-ideológicas contemporâneas.

Anteriormente, o presidente Vladimir Putin havia falado em “desnazificar” a Ucrânia para justificar a invasão ao país vizinho. Mas não só ele. O primeiro-ministro, Vladimir Zelenski, também recorreu ao expediente para apresentar sua versão dos fatos.

Em discurso ao Parlamento israelense, comparou a invasão russa à Alemanha nazista, chamando a atenção para a similaridade dos termos usados

agora e no passado. “Ouçamo que o Kremlin diz. Apenas o cam!...” Exatamente como foi dito 80 anos atrás”, afirmou.

A declaração de Lavrov foi uma resposta a um jornalista italiano que questionava como a Cisjordânia poderia ser nazista sendo o seu presidente, eleito com 70% dos votos, judeu — inclusive com parentes assassinados no Holocausto.

É claro que a diplomacia russa não desconhece a filiação étnico-religiosa de Zelenski e sabia que ela seria acionada na construção de uma contranarrativa ucraniana. Como explicar, então, a insistência nessa ideia?

A decisão foi baseada na consciência de que, para determinados ovidos — e para os ovidos que realmente importavam —, a judeude de Zelenski não serviria de contraponto ao ideário nazista. Ao contrário, talvez

até o reforçasse. Isso porque, a depender do contexto local, variam as simbologias e as memórias em relação ao nazismo e ao Holocausto.

Assim, ao fazer referência à “desnazificação”, no caso de Putin, e do “sangue judeu” de Hitler, no caso de Lavrov, o Kremlin evocou um mito de ampla circulação na sociedade russa e em países da Europa do leste, segundo o qual as verdadeiras vítimas do nazismo foram os russos cristãos, não os judeus.

A memória sobre o passado, como se sabe, está em construção permanente, e atravessada por disputas e mobilização para fins do presente. E não é única. A crença de que Hitler teria anistasiado judeus origina em uma entre as diversas especulações que surgiram diante da ausência de informações sobre seu próprio paterno. Lavrov foi além, ao afirmar,

na mesma entrevista, que “os ódios por judeus já dissecam os antissemitas mais ardentes — são geralmente judeus”.

Ecoando teorias conspiratórias do passado, como a dos Protocolos dos Sabes de Sião, e aquelas vigentes na contemporaneidade, como a de que, caso o Holocausto tenha mesmo existido, os judeus é que teriam sido responsáveis por ele, o chanceler transformou vítimas em algozes, rescrevendo a história a partir de uma narrativa específica que desafia a ocidental hegemônica.

Na geopolítica contemporânea, diferentes memórias do Holocausto podem costurar a identidade dos blocos globais. Se, em linhas gerais, o consenso em relação ao legado do Holocausto unifica as democracias liberais no período pós Segunda Guerra, em especial União Europeia e Es-

tados Unidos, o posicionamento russo — em vista de alianças com uma nova frente geopolítica tradicionalista forjada por Rússia, China e Irã.

Nessa perspectiva, as democracias liberais, com suas pautas identitárias, percebidas como decadentes, são as inimigas e confundem-se com determinada judeude, que nessa “nova” memória do Holocausto é classificada por adversários como “nazista”.

Dado o papel que o nazismo e o Holocausto têm exercido no debate público global, algumas instituições como a Aliança Internacional para a Memória do Holocausto (IHRA), que foram criadas para a salvaguarda da memória, têm alertado contra sua banalização. O importante é não deixar de existir a existência de nazistas de verdade. No caso de Ucrânia, o Brasil não encontra de ambos os lados da fronteira.

TODA MÍDIA

Nelson de Sá

nelson.s@globoinfo.br

Cerco de ‘Otan e amigos’ até aqui fracassou, diz Bloomberg

Anúncio na quarta (4) pela União Europeia, embargo de petróleo da Rússia começou a se dissolver no mesmo dia.

No texto mais longo do Financial Times, a Hungria falou que rejeitaria a Eslováquia, que só cumpriria em dois anos e meio; e a República Tcheca foi a Berlim pedir tempo.

A Reuters despatchou de Tóquio que o ministro da Economia usou que, “dados seus limites em recursos naturais, teria dificuldade” em acompanhar a Europa, no momento.

Quanto à Índia, na manchete do Times of India para a tur-

ne da Narendra Modi pela Europa, “Primeiro-ministro reitera posição sobre a Ucrânia”.

No alto do New York Times, adotando tom agressivo, “Índia considera petróleo russo irrisório, não importa o preço” de europeus e EUA, e o que era “neutralidade sobre a guerra se ampliou para oportunismo econômico”. Para a Bloomberg, mais que os interesses de importadores, o problema está na Arábia Saudita e outros exportadores “hesitantes” em elevar

a produção. Sem aumento na oferta, “os consumidores serão deixados às voltas com preços mais altos, enquanto a Rússia colhe os benefícios”.

Em suma, “até agora os esforços para reunir apoio à campanha para isolar Moscou fracassaram, reforçando a bifurcação da economia global em Otan e seus amigos de um lado; o resto do outro”.

RESISTÊNCIA ASIÁTICA. A rede japonesa NHK e outros destacam que Indonésia, Tailândia e Camboja, respectivamente no comando de G20, Apec (Fórum de Cooperação Econômica Ásia-Pacífico) e Asean (Associação de Nações do Sudeste Asiático), “emitiram declara-

ção conjunta mostrando sua disposição de convidar a Rússia” para as três cúpulas que realizaram em novembro. Com a declaração, diz a TV japonesa, “pretendem conter o movimento de pressão” do EUA.

RELUTÂNCIA ASIÁTICA. Chineses como Guancha e Xinhua China Morning Post, este com nuance, destacaram relatório da Rand Corporação, um centro de estudos militares dos EUA, informando que Washington “não consegue encontrar um lugar para montar bases de mísseis ao redor da China”. O estudo alertou que os aliados relutantes “podem arruinar os planos dos EUA para combater a China”.



PELAS CONTAS DA NBC, 1 MILHÃO

O NYT continua publicando que “as mortes por coronavírus nos EUA devem chegar a 1 milhão nas próximas semanas”, mas a NBC, a principal rede, noticiou que pelas suas contas o país já chegou lá; “num distante segundo lugar está o Brasil, que registrou pouco mais de 660 mil mortes”; acrescentou.

mun

Programa da Unicamp acolhe acadêmicos de países em guerra

Instituição receberá pesquisadores de nações como Afeganistão e Ucrânia

DIAS MELHORES

Flávia Mantovani

SÃO PAULO Neste ano, dois afegãos e duas alemãs que tiveram seus estudos interrompidos pela ascensão do regime fundamentalista Talibã ganharam a chance de recomeçar a vida universitária em uma instituição de ponta no Brasil.

Alunos de cursos de graduação e pós-graduação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), eles são os primeiros participantes de um novo projeto da instituição voltado para acadêmicos em situação de risco.

O programa Refúgio Acadêmico começou em 27 de abril, oferece acolhida humanitária a estudantes e pesquisadores afetados por conflitos ou perseguição em seus países.

Além de ofertar financiamento a esses estrangeiros por meio de bolsas, o programa também os apoia em toda a sua trajetória de migração, da obtenção do visto e da locomoção para o Brasil até as aulas de português na chegada, hospedagem, alimentação, assistência médica e outras etapas da integração deles e de suas famílias.

“É um programa institucional de acolhimento que articula várias frentes da universidade e enfrenta a estrutura que já temos para dar suporte a eles: hospitais, atendimento psicológico, moradia, restaurantes”, explica a professora Ana Carolina Maciel, presidente da Cátedra Sérgio Vieira de Mello na Unicamp. A cátedra, existente em 28

instituições brasileiras e ligada ao Alto Comissariado das Nações Unidas para refugiados (Acnur), é voltada para pesquisa, extensão e ensino vinculados ao tema do refúgio. Um de seus programas é o ingresso especial nas universidades para refugiados, que no caso da Unicamp conta com 15 vagas disponíveis.

O projeto atual, porém, exige uma série de requisitos, como a pessoa já estar no Brasil, com status de refugiado aprovado, dominar o português e ter interrompido um curso superior no país de origem.

“Estamos flexibilizando essas regras e criando um projeto mais ativo, que aceita pedidos, solicitantes de refúgio, pessoas que não necessariamente deixaram um curso em seu país de origem”, diz Maciel. “Vimos a era dos deslocamen-

tos forçados e temos que nos instrumentalizar para receber melhor as pessoas afetadas por essas crises humanitárias”. O projeto começou a ser elaborado em 2021, após o Talibã tomar o poder no Afeganistão. Neste ano, o conflito na Ucrânia, que já levou a um êxodo de mais de 5 milhões de pessoas, reforçou a necessidade de um projeto do tipo. “Todo dia a gente recebe mensagens de pessoas da Rússia e da Ucrânia pedindo socorro, oportunidades, asilo”, conta Maciel.

São elegíveis não apenas pessoas oriundas de regiões de conflito, mas também afetadas por desastres naturais, situações de insegurança alimentar, mudanças climáticas, regimes autoritários e constrangimento por razões étnicas, religiosas, políticas e de gênero. O programa já vai começar a oferecer bolsas por meio de uma nova iniciativa da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) que destinará R\$ 20 milhões, no total, para pesquisadores de países conflagrados como Síria, Ucrânia, Rússia e Afeganistão. O auxílio tem as modalidades de pós-doutorado ou pesquisadores visitantes, ou seja, é voltado para acadêmicos mais experientes. As ins-

crições (bit.ly/3KISYLV) para a seleção vão até 30 de agosto.

A Unicamp agora busca parcerias para que o Refúgio Acadêmico atenda também outros alunos de graduação, mestrado e doutorado. Atualmente, a universidade tem 480 alunos estrangeiros na graduação e 908 na pós-graduação, provenientes de 71 países. Desse total, 15 são refugiados. Segundo o reitor da Unicamp, Antônio José de Almeida Meirelles, a atuação do refúgio “está na origem da Unicamp”. Fundada em 1966, período da ditadura militar, a universidade teve no seu corpo docente original brasileiros vindos do exílio em outros países. A partir da década de 1970, também acolheu pesquisadores assilados políticos da ditadura argentina.

Mais recentemente, a instituição recebeu estudantes haitianos afetados pelo terremoto de 2010, além de sírios que fugiram da guerra civil.

“A vida desses talentos aumenta nossa interação com o mundo. Eles podem dar continuidade aos estudos, ganham um primeiro emprego, reorganizam sua vida e ao mesmo tempo contribuem com a nossa atividade científica e com a nossa comunidade”, afirma.

A vinda desses talentos aumenta nossa interação com o mundo. Eles ganham um fôlego para reorganizar sua vida e contribuem com a nossa atividade científica

Antônio José de Almeida Meirelles
reitor da Unicamp

Papa Francisco aparece em cadeira de rodas pela primeira vez

CIDADE DO VATICANO | REUTERS E AFP

Com dores no joelho de um lado e um ligamento rompido do outro, o papa Francisco apareceu em público em uma cadeira de rodas pela primeira vez nesta quinta-feira (5).

Em audiência com um grupo de freiras no Vaticano, Francisco foi empurrado por um assessor, que depois o ajudou a sair da cadeira e a se sentar.

O pontífice de 85 anos, que sofre com uma osteoartrite que afetou um ligamento do joelho direito, precisou cancelar compromissos várias vezes no mês passado devido às dores no local. Antes desta quinta-feira, ele conseguia caminhar os cerca de 10 metros da entrada lateral do palco até seu assento no centro, ainda que com ajuda de assessores.

Durante o período da Páscoa no mês passado, Francisco deixou de presidir as missas na Basílica de São Pedro várias vezes, delegando a tarefa ao arcebispo ou cardeal enquanto permanecia sentado durante o serviço. Ele também lá a homenagem sentado. “Este joelho demora a melhorar e não posso ficar de pé por muito tempo”, afirmou o pontífice na ocasião.

Na terça-feira, em entrevista ao jornal italiano *Corriere della Sera*, ele disse que ia passar por uma infiltração no joelho para aliviar as dores que sofre devido ao ligamento rompido. A infiltração é um procedimento que com-



O papa Francisco chega em cadeira de rodas para audiência no Vaticano. Alberto Pizzelli/AFR

siste em injetar medicamentos com efeito anti-inflamatório, analgésico ou regenerativo diretamente nas articulações. Francisco, que em março iniciou seu décimo ano de pontificado, pediu desculpas nas últimas semanas aos fiéis que assistem às audiências por dar a bênção sentado, já que não consegue ficar em pé por muito tempo.

Na quarta-feira, durante a audiência geral na praça de São Pedro, o papa teve que ser ajudado a andar e se levantar.

Francisco também tem problemas crônicos no nervo ciático, que costumam causar fortes dores, e foi submetido a uma operação no cólon em julho de 2021.

A cirurgia — uma hemicolectomia esquerd — procedimento em que parte do cólon é removida — foi feita para tratar uma estenose diverticular, doença em que se formam “bolhas” na parede do cólon, tornando-a mais estreita. Trata-se de um diagnóstico mais comum em idosos.

Francisco tem ainda cálculos biliares, condição na qual as substâncias que formam a bile, líquido usado na digestão de alimentos, solidificam-se — e se tornam pedras — no sistema biliar. O papa teve um episódio temporário em 2004, após o estreitamento de uma artéria. Problemas no fígado foram resolvidos ao longo dos últimos anos, mas há uma mudança em sua dieta.

MUNDO OUVIU

Livros, filmes, séries, podcasts e o que mais houver para tentar entender o mundo

Filósofo explica por que Europa unida é uma solução, mas também um problema

João Batista Natali

SÃO PAULO Faz de conta que Marine Le Pen foi eleita no último dia 24. A França e a União Europeia provavelmente experimentarão de ponta cabeça o meio de suas promessas, de reformar o bloco por dentro — seja lá o que isso signifique.

A ultradireitista, antieuropeísta de longa data, buscou atenuar sua imagem radical nesta última campanha e adaptou o que talvez fosse sua bandeira mais radical em outras eleições: tirar o país da UE. A concretização desse plano teria sido infinitamente mais grave do que se deu no Reino Unido pós-brexit, em 2016.

Sem a França, o bloco teria um buraco territorial entre Alemanha e Espanha, com todos os problemas logísticos que essa loucura criaria. E estaria também destruída uma complicadíssima política que Paris e Berlim construíram desde 1957, quando o Tratado de Roma criou o Mercado Comum Europeu, instituição bem mais modesta que a atual União Europeia.

De certo modo, a Europa unida é uma solução, mas também um problema, de acordo com a conclusão de quatro conferências feitas em março do ano passado, em Paris, no Collège de France. O conferencista foi o filósofo

e cientista político holandês Luuk van Middelaar, ex-assessor em Bruxelas do Conselho Europeu (que reúne governantes dos 27 países do bloco) e hoje, aos 40 anos, um dos nomes em ascensão entre intelectuais do continente. As palestras, reunidas sob o título “Da Crise Ucraniana à Pandemia: A Europa, um Thriller Geopolítico”, foram ao ar pela France Culture, emissora pública de rádio. Os podcasts, em francês, estão disponíveis na internet. O filósofo não traz a herança dos construtores da Europa dos anos 1950, que acreditavam estar montando um espaço de paz — algo preciso num

século com décadas de guerras mundiais — em razão da estreita interdependência comercial de suas economias. Middelaar acredita que o propósito da Europa seja hoje a diversidade. Um primeiro exemplo. Ela se dividiu em 2015, quando a Turquia ameaçou escorpar pela Grécia (membros da UE) uma multidão imaginária de refugiados sírios. Ao lado de uma sutil xenofobia da classe média, os governos disputavam para receberem cotas menores de imigrantes. O continente igualmente se dividiu em 2014, quando a primeira guerra na Ucrânia: França e Alemanha acreditavam que suprir aquele país com armas mais sofisticadas significaria aumentar de forma criminoso o número de mortos provocado pela geopolítica russa. Novos arsenais eram defendidos por chance

européias, como a britânica, mais próximas da Rússia.

E nova divisão veio com a Covid-19. No início de 2020, nenhum país membro com partilha com a Itália se viu afetado por milhares de mortos e respiradores. O número de mortos em Bergamo não foi maior porque um produtor europeu, a China, partiu para exportar equipamentos e equipamentos.

A pandemia, diz o filósofo holandês, levou a Europa a abandonar um de seus mais sólidos axiomas, aquele que considerava a fronteira um fator secundário e desprezível. Os europeus seriam “alérgicos” às fronteiras. Vejamos outras vezes europeias que o filósofo holandês expôs: “Sem consciência geopolítica, a Europa não passa de um brinquedo nas mãos das potências”, ele afirma.

A China, diz o filósofo, com a pandemia deu um salto em seus planos de grandeza. O regime de Pequim atrelou-se à Alemanha e sugeriu que o governo da então primeira-ministra Angela Merkel elegiasse seu desmembramento. Foi o que ela fez discretamente, para ajudar uma queda de novas contaminações e o encerramento dos Guardados às proporções, a Alemanha virou por algumas horas o cachorrinho obediente ao lado da poltrona do dirigente chinês Xi Jinping. Não foi bem essa a conclusão feita por Middelaar. Mas ele chegou bem perto do alvo.

Da Crise Ucraniana à Pandemia: A Europa, um Thriller Geopolítico
de Luuk van Middelaar
Duração: quatro episódios, de 58 min cada um. Disponível na France Culture (franceculture.fr), em francês



O carregamento apreendido pela Polícia Federal, em Sorocaba, com os 78 quilos de ouro Divulgação

Ouro apreendido pela PF em avião é de empresário que foi candidato

Material estava sendo escoltado por grupo de PMs, entre eles dois lotados na Casa Militar de SP

Rogério Pagnan
e Fábio Serapiao

SÃO PAULO Os 78 quilos de ouro apreendidos pela Polícia Federal na quarta-feira (4) em Sorocaba, no interior de São Paulo, pertencem à empresa FD Gold, distribuidora de valores (DTVM) do empresário Dirceu Frederico Sobrinho. O carregamento é estimado em cerca de R\$ 23 milhões. Dirceu Sobrinho foi filiado ao PSDB, em 2018, chegou a concorrer como primeiro suplente do senador Flecha Ribeiro, pelo Pará. O PSDB é o mesmo partido do governador de São Paulo, Rodrigo Garcia, e do ex-governador João Doria, ambos em campanhas eleitorais atualmente.

Seis suspeitos foram conduzidos à delegacia da PF em Sorocaba, e instaurado inquérito policial para apurar a possível prática dos crimes de usuração de bens da União e receptação dolosa

Polícia Federal
em nota

Procurado pela Folha, o empresário não respondeu aos questionamentos enviados pela reportagem até a conclusão desta edição. O carregamento de ouro apreendido pela PF estava sendo escoltado por um grupo de policiais militares paulistas, dos dois lotados na Casa Militar, a unidade da Polícia Militar de São Paulo instalada dentro do Palácio dos Bandeirantes e responsável pela segurança dos governadores. Os PMs estavam em dois veículos registrados em nome da FD Gold. Integrantes da cúpula da Segurança Pública de São Paulo ouvidos pela Folha afirmaram que os PMs relaxaram as superiores que estavam a serviço dessa empresa.

Em mensagem enviada aos colegas oficiais, o tenente-coronel Marcelo Tasso, que participou da escolta, disse que estava lá a convite do dono de uma DTVM, "devidamente legal", conhecido (não citou nome) que havia solicitado a ele a indicação de dois policiais para fazer o transporte. "Como a carga é de valor muito elevado, pediram para irmos até a delegacia da PF para conferência, o que foi feito. Mas, devido a existência de mais de mil documentos relativos (notas fiscais, etc), isso demorou demais e também realizaram as oitavas de todos", disse o oficial. De acordo com a PM, ele está afastado das funções desde de dezembro em processo

de ir para reserva. "Foi constatado que tudo estava devidamente documentado, mas por padrão ir para pericla. Nenhum foi indicado, não restando nenhuma consequência para nós. Apenas a empresa que fará as tratativas necessárias com a PF", diz. Em nota divulgada nesta quinta, a PF afirma que agentes monitoravam a aterrissagem de um avião particular King Air (turbohélice) no aeroporto estadual de Sorocaba. Com o apoio da Polícia Militar Rodoviária, eles abordaram dois veículos na rodovia Castelo Branco, próximo ao km 74, sentido capital. Dentro dos carros foram encontradas três malas contendo as barras de ouro e, tam-

bém, uma quarta mala com documentos diversos. Todos apreendidos. "Seis suspeitos foram conduzidos à delegacia da PF em Sorocaba, e instaurado inquérito policial para apurar a possível prática dos crimes de usuração de bens da União e receptação dolosa", diz a nota.

Os documentos apreendidos apontam que o ouro seria proveniente do Mato Grosso e Pará. "O metal foi encaminhado para realização de perícia em laboratório específico da PF. Por tratar-se de ouro, o valor da apreensão soma cerca de R\$ 23 milhões", diz.

O avião foi apreendido porque é objeto de sequestro criminal em outro inquérito policial. "As circunstâncias da utilização proibida da aeronave serão apuradas", diz a PF.

De acordo com a Secretaria de Segurança Pública, foi elaborado um boletim de ocorrência para averiguar a extração irregular de minério. A Corregedoria da Polícia Militar acompanha a investigação.

Em 2018, a PF e o MPF (Ministério Público Federal) realizaram a Operação Levigação, para tentar combater a lavagem de ouro clandestina no Pará, que resultou no bloqueio judicial de R\$ 187 milhões de bens dos investigados.

Um deles era o empresário Dirceu Frederico Sobrinho, proprietário da D'Gold. Na época, a PF cumpriu mandados de busca e apreensão nos escritórios da D'Gold em Itaituba e em São Paulo.

A Secretaria da Segurança Pública de São Paulo disse que os fatos citados foram registrados e são apurados pela Polícia Federal. "A Corregedoria da Polícia Militar acompanha as investigações e, se constatada alguma irregularidade, as medidas cabíveis serão adotadas", diz nota.

A Casa Militar disse que afastou o sargento e que o tenente está afastado desde outubro do ano passado "para cumprir licenças pendentes para a sua aposentadoria".

Ainda segundo a Casa Militar, é de "conhecimento público" que o empresário "mantém relações constantes com a cúpula do governo federal para defender interesses do garimpo e da mineração".

Em nota, o diretório do PSDB de São Paulo afirmou que o empresário Dirceu Frederico Sobrinho não consta nos quadros do partido.

Segurança é oportunidade e risco para discurso de Rodrigo

ANÁLISE

Igor Gielow

SÃO PAULO O governador de São Paulo, Rodrigo Garcia (PSDB), usou um velho palco para se apresentar de fato ao eleitorado que irá às urnas no estado em outubro: a segurança pública. É uma aposta que embute mais oportunidade do que risco.

Com baixos índices de conhecimento, o ex-vice de João Doria (PSDB) passou primeiro mês no cargo estudando variáveis e com baixíssima exposição pública. Foi se tempo das entrevistas coletivas ritualizadas e a presença online ostensiva do antecessor.

Começou também a dar sua cara ao governo, trazendo os nomes consagrados como Zeina Latif (Desenvolvimento Econômico) e Felipe Salvo (Fazenda) e novidades como Iriés Coimbra (Procuradoria-Geral do Estado) e Laura Miller (Desenvolvimento Social). Mas a mudança mais importante veio na cúpula das polícias. Rodrigo escolheu um legado, Ovidio Nico, e um coronel, Ronaldo Vieira, conhecidos por serem próximos do cotidiano dos subordinados. Aqui, a questão operacional encontra a política. No escopo maior, do interesse público, Rodrigo precisava dar uma resposta à crescente sensação de insegurança na capital.

São Paulo vive uma onda de assaltos envolvendo falsos entregadores por aplicativo. Lançou uma operação para lidar com o problema e trouxe para o barco o prefeito Ricardo Nunes, cuja boa vontade é vista no Palácio dos Bandeirantes como um sinal claro da intenção do seu MDB de ser o parceiro de chapa de Rodrigo. O governador, assim, fez sua estreia para valer no noticiário nesta quarta (4). Trouxe uma velha conhecida dos paulistas: a promessa de endurecimento com a criminalidade, algo que de Paulo Maluf ("Nota na rua") a Doria ("Bando que reagir vai acabar no cemitério") sempre deu voto.

Como baixo índice de conhecimento, o ex-vice de João Doria (PSDB) passou primeiro mês no cargo estudando variáveis e com baixíssima exposição pública

[...]

Com baixo índice de conhecimento, o ex-vice de João Doria (PSDB) passou primeiro mês no cargo estudando variáveis e com baixíssima exposição pública

Fiel a seu tom comedido, Rodrigo modulou o que falava-se em seu cheiro. "Bando que levantar arma para polícia vai levar bala", disse, retirando o cadáver da equação. Houve a grita usual de especialistas à esquerda e haverá o editor nesta faixa de frequência, mas não é a eles que Rodrigo fala, e sim ao dito paulista médio. A esquerda tenta caracterizar esse segredo como uma elite, o que é falso. Inclui a elite, claro, mas também uma grande classe média de centros urbanos com medo de assalto e boa parte do eleitorado das franjas metropolitanas empobrecidas, influenciada pelo conservadorismo evangélico.

Cartão de visita na mesa, Rodrigo tem também um alvo secundário não menos importante, o bolsonarismo. Em carnado na figura do ex-ministro Tarcísio de Freitas (República), o movimento vem em força eleitoral em São Paulo, nas contas do Palácio dos Bandeirantes, ainda pode crescer um pouco mais.

Empatados tecnicamente na terceira posição na mais recente pesquisa do Datafolha, Rodrigo e Tarcísio apelam para uma faixa semelhante de eleitorado e miram o segundo turno contra Fernando Haddad (PT), sendo Márcia França (PSB) a incógnita aqui. Ambos trazem uma bagagem de saída parecida.

Eles são desconfiados, portanto pouco rejeitados, e tem problemas, ainda que diferentes, com seu padrinho. Rodrigo pode tentar se descolar do impopular Doria, como já vem fazendo de todo modo, amparado na enorme máquina que o estado e seus R\$ 50 bilhões em investimentos no momento atira 2022-23.

Já Tarcísio é filio Bolsonaro, no sentido de que o voto nele é um voto no presidente, que está melhorando sua posição, mas carrega também enorme rejeição, o que impõe todo o cuidado ao pupilo.

Não por acaso, as inscrições de TV do líder nas pesquisas, Haddad, focam na dupla rejeição, batendo igualmente em Doria e Bolsonaro.

Seja como for, Tarcísio apostou de cara na segurança.

O ex-ministro criticou o elo do programa de câmeras corporais que ajudou a reduzir a letalidade policial e a morte de PMs em serviço. É tão certo: a polícia em São Paulo, particularmente a Militar, é um ente bolsonarista.

No ano passado, Doria teve de punir um coronel que convocava manifestações antide-mocráticas em rede social, e a tropa é muito próxima do discurso bolsonarista. Menos ainda o que precepução eleitoral, há no governo paulista temor da influência na maior força policial do país de um movimento que está em preço de contestação de qual quer resultado não seja a vitória de Bolsonaro.

Assim, a entrevista dada pelo novo chefe da PM à Folha, na qual ele riscou a linha,

Em casa, bom mesmo é relaxar num sofá ou numa rede LAFER

30% de desconto em 12x no cartão

8 080 611 3208 6722 • 8 080 611 3208 6722 • 8 080 611 3208 6722 • 8 080 611 3208 6722

www.lafer.com.br

interdomo LAFER

PF instalará base na Terra Indígena Yanomami até o fim deste mês

Estrutura servirá como ponto de apoio para a fiscalização contra o garimpo ilegal na região

João Gabriel e Fábio Serapiao

SÃO PAULO E BRASÍLIA. A Polícia Federal vai instalar até o fim deste mês uma base na Terra Indígena Yanomami, localizada no estado de Roraima. O objetivo é manter a estrutura por ao menos seis meses no local, que está no meio de uma disputa entre garimpeiros e indígenas.

A base servirá como ponto de apoio para a intensificação do trabalho de fiscalização contra o garimpo ilegal na região. A decisão da corporação ocorre em meio a denúncias de violência contra indígenas no território.

Os detalhes sobre o tamanho do efetivo da PF e como se dará a instalação da base ainda estão sendo definidos. Além dos policiais, também participam das conversas sobre a base integrantes do Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente), Funai (Fundação Nacional do Índio) e Ministério da Defesa.

Na quarta-feira (4), a Câmara dos Deputados aprovou uma diligência e deve se juntar ao Senado em uma viagem a Roraima. O objetivo dos parlamentares é conversar com lideranças indígenas, autoridades locais e forças de segurança para entender melhor o conflito.

A viagem está programada para os próximos dias 11 e 12. Agenda e participantes ainda

não estão definidos.

Como compendia uma região com conflitos e de difícil acesso, a comissão de parlamentares precisará do apoio da Força Aérea e possivelmente de outros órgãos federais para realizar o reconhecimento do local — algo que ainda está sendo negociado.

Se não for possível, vamos tentar com as principais lideranças em Boa Vista [capital do estado] para convencer os senhores, disse o senador Humberto Costa (PT-PE), que está à frente da iniciativa junto com a deputada Joenia Wapichana (Rede-RR).

“Essa é uma resposta do Parlamento. A todos os instantes nós vemos, nos noticiários, cada vez mais se tornar grave a violência nas terras indígenas. Existe um apelo da sociedade brasileira para que responda às denúncias recentes de ‘cadê os yanomamis?’”, disse a deputada.

A parlamentar se refere à campanha que inflou as redes sociais nos últimos dias buscando resposta para o desaparecimento de 24 indígenas da comunidade Araçá.

O episódio é o mais recente da escalada de tensão da violência entre os yanomamis da região e os garimpeiros.

No dia 25 de abril, lideranças indígenas locais denunciaram que integrantes do garimpo ilegal teriam seqüestrado, estuprado e assassinado uma jovem de 12 anos.



A acusação foi feita pelo Condisi YY (Conselho Distrital de Saúde Indígena Yanomami e Ye'kwana), mas nota emitida pelo governo federal afirma que uma investigação feita pelo Ministério Público Federal, pela Funai e pela Secretaria Especial de Saúde Indígena não encontrou indícios de homicídio ou estupro.

Integrantes da Polícia Federal, por sua vez, disseram à Folha que o desaparecimento de indígenas na Terra Yanomami não tem relação com a agressão de garimpeiros.

De acordo com interlocutores, policiais que estiveram na escalada de tensão da violência entre os yanomamis deixaram o local afirmando que a saída teria ocorrido de forma voluntária.

A investigação sobre o caso está em andamento. Quando a força tarefa de órgãos públicos foi à comunidade Araçá

investigar a morte da jovem de 12 anos, encontrou o lugar completamente vazio e algumas casas queimadas.

Ainda não se sabe o que houve. A Condisi YY afirma que é possível tratar-se de uma tradição da aldeia, de queimar suas casas e se mudar para outro lugar após a morte de um parente — termo usado pelos indígenas para se referir aos seus — mas não se descarta que possa ser uma retaliação dos garimpeiros pela denúncia.

“Esses indígenas foram exilados e instruídos a não relatar qualquer ocorrência que tenha acontecido na região, dificultando a investigação da Polícia Federal e Ministério Público Federal, que acabaram relatando não haver qualquer indicio de estupro ou desaparecimento de crianças”, diz uma nota da entidade indígena.

“Alguns indígenas relataram que não poderiam falar, pois teriam recebido 5 gramas de ouro dos garimpeiros para manter o silêncio”, continua. A ministra do Supremo Tribunal Federal Cármen Lúcia afirmou na última quinta-feira (4) que essa “perversidade por parte dos garimpeiros, como dados estatísticos, como fatos normais da vida”.

Um relatório da entidade Hutukara Associação Yanomami aponta ainda que a comunidade Araçá está “em vias de desaparecimento” e que

parte dela não produz a própria comida, o que aumenta a vulnerabilidade dos indígenas. Além disso, a introdução de bebidas alcoólicas e doenças pelo garimpo é outra ameaça. A Araçá fica próxima da região de Palimú onde, em 2021, diversas comunidades indígenas foram atacadas por garimpeiros armados.

Unicef cobra apuração da polícia após denúncias

Rosiane Carvalho

MANAUS. O Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância) pediu que a Polícia Federal e a Polícia Militar de Roraima investiguem sobre a denúncia de que uma adolescente yanomami de 12 anos e uma criança de quatro anos desapareceram da comunidade Araçá, na região de Waikás, na Terra Indígena Yanomami (RR).

A denúncia foi feita pelo presidente do Condisi YY (Conselho Distrital de Saúde Indígena Yanomami e Ye'kwana), Júnior Heikurani Yanomami, há dez dias. Segundo a PF, as investigações não encontraram indícios de estupro e morte da adolescente após inspecção no local da aldeia. O espaço foi encontrado ocupado, sem os yanomamis.

Na nota, a agência da ONU diz lamentar a violência sofrida pelas crianças e pelo povo yanomami e faz um apelo às autoridades brasileiras para que apurem a denúncia, identifiquem e responsabilizem com urgência os responsáveis.

“O Unicef lamenta cada vez a interrupção e expressão de sua solidariedade com o povo yanomami. O presente relatório soma-se a uma série de outros atos de violência contra crianças e adolescentes indígenas, incluindo a violência sexual, cometidos por garimpeiros que atuam de forma ilegal em Terra Yanomami”, diz o comunicado.

O Unicef afirma ainda que é necessário “assegurar a proteção e a prevenção de todos os tipos de violência contra as crianças e adolescentes indígenas” e meios imediatos de proteção dos territórios indígenas.

O vice-presidente da Hutukara Associação Yanomami (HAY), Dario Koppenhagen Yanomami, disse que está buscando formas de investigar a denúncia, mas esbarra nas dificuldades de acesso na região. A Hutukara publicou em abril o relatório “Yanomami Sob Ataque: Garimpo Ilegal na Terra Indígena Yanomami e Propostas para Combate”.

“A Hutukara pediu antes de falar com a imprensa. Nossos parentes fugiram, queimaram as casas e agentes estão tentando achar eles. Temos que investigar e fazer esclarecimentos sobre isso”, disse.

Dario reclama sobre a falta de investigação das autoridades e que as violações contra os yanomamis e as denúncias contra crianças indígenas ocorrem há anos e a sociedade sabe disso. “As invasões se intensificaram há cinco anos no território yanomami”, disse.

Tati Bernardi

A colunista está em férias



Comunidade Araçá, na Terra Indígena Yanomami, é encontrada queimada e vazia após suspeitas de estupro de menina de 12 anos

Jailson Heikurani Yanomami no Twitter

Maconha é discutida na sede da ONU pela primeira vez

Valéria França

NOVA YORK. Pouco mais de um ano após legalizar o uso recreativo da maconha para os cidadãos maiores de 21 anos, Nova York recebeu nesta quinta-feira (5) o primeiro evento de câmbio organizado na ONU. O encontro é uma consequência do impacto da planta na sociedade, especialmente durante a pandemia, quando todos os dispensários médicos da substância nos EUA foram classificados como “serviço essencial”.

Só no ano passado, a venda do setor no país aumentou 43% na comparação com 2020. Batizado de Regenerative Cannabis Live, o fórum foi organizado pelo americano Patrick McCartan, CEO da

Regennabis Ventures, fundo que investe no setor.

Entre outros temas, a governança ambiental, social e corporativa (ESG), na sigla em inglês) estava entre os assuntos debatidos pelos 32 palestrantes do evento. Na plateia, o terapeuta e ativista de direitos humanos, o reconhecimento das drogas de modo substituído por roupas menos suadas.

Uma das pessoas mais importantes do setor, Steve DeAngelis, compareceu ao encontro usando suas tranças tradicionais e com seu chapéu característico. “Esse é um grande passo para o setor da Cannabis, o reconhecimento da importância do segmento”, disse ele, que é fundador da Harborside Help Center, o primeiro dispensário aberto nos

EUA. A empresa hoje é o maior centro medicinal da substância no país, com ações negociadas na Bolsa.

O evento atraiu os maiores nomes do mercado, com representantes de Índia, Canadá, Malta, Panamá, Argentina, Paraguai, Qatar e até do Brasil. “Esse é o sinal do quanto a indústria da Cannabis é pulsante”, disse Alex Lucena, diretor de inovação da The Green Hub, aceleradora de startups do setor.

“O Brasil é dono de um grande potencial. Temos terras e clima para plantar o cânhamo, além de tecnologia”, afirmou ele. Além do óleo medicinal, extraído da flor, o restante da planta pode ser usado para a produção de tecidos e de outros materiais.

“Somos o único país desse continente sem regulamentação, apesar de existir uma indústria nacional de Cannabis”, disse Carlos Villela, palestrante do evento e presidente da Humanitas360, empresa sem fins lucrativos que desenvolve um trabalho social com a população carcerária.

Nos últimos dois anos, a Anvisa (Associação Nacional de Vigilância Sanitária) aprovou a comercialização de ao menos 12 óleos à base de cânhamo. Em seu discurso, Patricia lembrou que o país já foi protagonista neste setor. Há 40 anos, os cientistas Elzaido Carlini e Raphael Mechoulam, de Israel, descobriram o potencial da Cannabis no tratamento de epilepsia — o CBD (canabidiol), substância

que não psicoativa da maconha — pode ser usado como anticonvulsivo.

Desde então, as pesquisas evoluíram e as substâncias derivadas da planta vieram tratar dores do câncer, fibromialgia, insônia e depressão, entre outros. “O mercado de Cannabis, que até recentemente era criminalizado e marginalizado, alimentando o preconceito racial e estigmatização cultural, saiu da ilegalidade pela pesquisa científica, pela advocacia cidadã e pela prática da cidadania”, disse Patricia.

Anvisa só regulou a importação da substância em 2014, depois de muitas manifestações públicas das chamadas mães da Cannabis, mulheres que tinham filhos que sofriam

de síndromes raras e que usavam derivados da maconha no tratamento.

Essa regulação favoreceu o aperfeiçoamento de técnicas para pagar os altos custos da importação dos medicamentos. A outra opção é enviar a justiça para queimá-lo, o que é responsável pelo tratamento. Atualmente, os remédios com derivados de cânhamo comercializados nas farmácias nacionais custam caro, em média.

“A Cannabis faz parte de uma agenda pública e de saúde de efeitos positivos, que abrem oportunidades institucionais, científicas e de recuperação dos biomas degradados”, disse Patricia, durante o evento. “Não é uma questão de religião, mas de fé”.

Racismo na Argentina convive com classismo e xenofobia

Casos em arenas têm raiz cultural, mas não são generalizáveis, dizem especialistas

Sylvia Colombo

Buenos Aires Tarde de sábado no estádio do Boca Juniors, a Bombonera. Vaisas se escutam quando o rival do dia, o Barracas Central, entra em campo. Logo depois, a cantoria festiva acolhe o time local, numa melodia praticamente única que vai até o final da partida, vencida pelo Boca com facilidade por 2 a 0.

Após o jogo, se escutam várias das canções "clássicas" do Boca, da romântica "Boca Mi Buen Amigo" a outras com conteúdo homofóbico (como as que se referem ao adversário como "putos", gíria para homossexuais), clássicas ("villero", habitante das favelas) ou racista ("morrocho", para mestiços e negros). Mesmo a partida não sendo contra o arquirival River Plate, há ameaças constantes a matar seus torcedores ou "incendiar o galinheiro" (torcedores do River são identificados como "galinhas").

Sem um complicado fazer generalizações sobre nacionalidades e torcidas. Mas, assim como nos estádios argentinos convivem a paixão e o insulto, os torcedores se relacionam num ambiente mais pacífico hoje do que no passado, principalmente nas partidas jogadas em casa, desde que deixou-se de permitir a presença da torcida adversária no futebol local. "Isso fez dos estádios, de certa forma, ambientes mais seguros, no sentido em que pela levam filhos pequenos, você vê famílias e ca-



Pelé sofreu ofensas racistas na final da Libertadores de 1963, entre Santos e Boca. Arquivo/Folhapress

rais, como se estivessem indo ao cinema", diz a folha e cronista e estudioso do futebol Ezequiel Fernández Moore. Para Moore, as piadas ou cânticos sexistas vêm desaparecendo, por conta da presença quanto das mulheres nas torcidas e da aceitação do futebol feminino, e do movimento feminista, muito forte na Argentina.

De fato, ao lado da antibanquada em que a reportagem se alocou, sentaram-se um casal com duas crianças bem pequenas, uma delas um bebê de colo, usando um babador

com o escudo do Boca. "Você não se importa de seu filho estar ouvindo todos esses palavrões?", pergunta. A resposta do pai: "ele não entende as palavras, e quando entender, vai saber que é tudo brincadeira, coisa comum de estádio. A gente vem aqui como passeio de família", diz, enquanto tira a chupeta do garoto e o ensina a cantar "dale Bo, dale Bo" (grito de agito mais comum).

Enquanto isso, noanel dear quibancada abaixo, ouvem-se os gritos mais estrondosos e carregados de palavras mais ofensivas da famosa La ra, po-

lêmica torcida organizada que tem vínculos com a política.

A outro torcedor, pergunta-se o que achou da prisão de um apoiador do Boca no Brasil por conta de uma ofensa racial. "Isso não é racismo. São brancadeiras de torcedores. O modo de provocar os brasileiros é chamá-los de 'mocos' (macacos), como os do River são 'galinhas' e assim por diante. É uma tradição", diz outro.

Boca e Corinthians voltam a se enfrentar no próximo dia 17 de maio, pela Libertadores.

Uma tradição que é uma es-

tupidez, é preciso deixar claro que é racismo. Mas não tenho visto que, torcedor que alguém chame um torcedor de macaco, se arme um coro a partir disso, é preciso matar esses episódios", diz o jornalista esportivo Andrés Burgo, que estava no estádio no dia em que episódio similar ocorreu numa partida entre o River Plate e o Fortaleza, no último dia 14, quando um torcedor do clube argentino jogou uma banana na tribuna do time brasileiro. "Alguns riram e aplaudiram, mas tirando esse episódio, era um clima bom entre os dois grupos de torcedores, trocaram-se cartões amistos. Não se pode generalizar".

Segundo dados do Inadi (Instituto Nacional Contra a Discriminação, a Xenofobia e o Racismo), órgão do governo dedicado a denunciar episódios do tipo, na Argentina, a cor da pele é o terceiro tipo de discriminação nos estádios. Os dois primeiros são o nível sócio econômico e a imigração. Quem frequenta os campos de jogo costuma ouvir muitos insultos a torcedores estrangeiros de países da região, especialmente peruanos, bolivianos e paraguaios. Mais de 30% da população das favelas argentinas vêm desses países.

Os torcedores do próprio Boca são alvo de canções xenofóbicas e racistas, pelo fato de sua torcida ser popular e da localização de seu estádio, longe do centro da cidade.

Para o ativista social Javier Bundo, que se dedica a estudar os cantos das canções argentinas, as canções e os gritos de guerra para apoiar os times compõem um ambiente

de "representações estere-

otipadas e valorativas que são censuradas em outros espaços, mas ali são permitidas". Ninguém quer haver uma particularidade essencial das argentinas, onde se revela "a posição entre um enunciadador que se imagina europeu e branco e um sujeito representado como latino americano e mestiço". Essa oposição inicial pode ser bem demonstrada pelos dois estereótipos dos mascotes dos torcedores dos maiores clubes do país. Do lado do Boca está "Peirín, el fairnero", que é moreno e descendente de italianos que se dedica a fazer pizzas; do outro lado, está "El Millonario", que é aristocrata, culto e essencialmente, branco.

Essa dicotomia remonta ao século 19, quando a reduzida elite pós Independência da Argentina passou a promover seguidas e intensas campanhas de imigração de europeus, numa tentativa, como afirmaram os políticos e intelectuais, de "embranquecer o país". Mas, enquanto presidentes como Domingo Faustino Sarriento (1811-1888) esperavam que, com isso, viessem holandeses, ingleses ou alemães, os que mais vieram foram italianos e espanhóis, que eram vistos, pelos olhos e conceitos de então, como europeus de segunda categoria, e que ocupariam postos de trabalho menores, como o comércio e a gastronomia.

Embora não afastado do centro, o certo classismo na sociedade argentina, analisada pelos da atualidade, acredita que a história não pode se prestar a generalizações.

Essa dicotomia do passado, explica Bundo, foi "do cómicô ao trágico": nos anos 1970 e 1980, anos de ditadura e crise no país. "O apelo dos torcedores baseados no apoio ao time passou para o enfrentamento. E os cantos e gritos de guerra mostram como das ironias se passaram aos insultos, das piadas, às ameaças", conta.

A Libra ainda não é real

Racha entre clubes pode desperdiçar chance de transformar futebol brasileiro

Paulo Viciosa Coelho

Jornalista, autor de "Técnicos Brasileiros de Futebol", cobriu seis Copas e oito finais de Champions

O racha entre oito clubes que assinaram o estatuto da nova Liga Brasileira (LIBRA) e os 14 restantes da A, desconcentra a pressão da reunião marcada para a terça-feira (3), pode desperdiçar mais uma vez a chance de transformar o futebol do Brasil.

A justificativa para a pressa, argumento do Flamengo e dos cinco clubes paulistas, liderados pelo presidente da Federação, Renaldo Carneiro Bastos, é que não se pode esperar mais tempo. De fato, existe um "agora ou nunca" no ar. Não há mais uma década assistindo as crianças dando vestidas em casinhas de times europeus e repetindo o clichê "O outro esporte?". O esporte é o mesmo. Os dirigentes é que são diferentes.

Por outro lado, é preciso haver consenso entre os 24 clubes das Séries A e B. Obrigatório partir de princípios empresariais. Qual liga dá mais certo no mundo? A Premier League? Como é a divisão do dinheiro? Metade do valor é dividido igualmente, 25% por desempenho e 25% por visibilidade.

Se esse modelo produzir a menor diferença entre o primeiro e o último em arrecadação e resultado no melhor campeonato do planeta, qual o problema de jogar de cabeça para baixo?

Por que agulha de abacaxiar

12% do valor igualitário e dividir só 12% do dinheiro entre todos?

E por que assinar já no grupo Codajás, representado pelo advogado Flávio Zveiter? Não é preciso acreditar no velho clichê com quem andas e diga quem és. Mas sobre nome Zveiter foi gesto por seu pai e por anos de decisões discutíveis dos surrados tribunais de Justiça Desportiva.

A liga precisa ser dirigida por executivos profissionais, seu estatuto tem de privilegiar o crescimento do produto, mirar quanto o brasileiro pode valer em outros, associar-se a um grupo que troque um investidor capaz de injetar mais de R\$ 2 bilhões, por 20% do total. Não adianta copiar a Inglaterra apenas no nome de sua moeda, LIBRA, e cair na real na primeira reunião rachada. Os 48 clubes das Séries A e B querem iniciar uma nova era. Para isso, não pode nascer um novo cartório, como o foi o Clube dos Treze.

Inevitável não lembrar o falecido Eduardo José Farah. Em sua sala na velha sede da Federação Paulista, na avenida Brigadeiro Luís Antônio, centro de São Paulo, Farah recebia jornalistas e mostrava o livro "História do Futebol Brasileiro", de Thomas Mazzoni.

Farah abria em páginas

marcadas e dizia: "Olha aqui, vocês dizem que as ligas são saudáveis, e Mazzoni mostra a divisão de várias ligas na década de 1930. Era uma confusão desagradável. Farah pegava a divisão entre amadores e profissionais e tentava encontrar a realidade.

Pois foi o próprio Farah quem criou a Liga São Paulo, anos mais tarde. Deu em nada. Porque o que a questão é o profissionalismo. Na Itália, a liga transformou ouro em lixo, e a Série A se tornou o quinto campeonato da Europa em vendas. Profissional, a Premier League é um modelo de modernidade.

Nasceu da revolta de Manchester United, Liverpool, Tottenham, Arsenal e Everton, os cinco grandes da época, em 1991. Eles romperam com a velha liga e construíram um novo modelo. Associaram-se à Sky Sports, subiram o dinheiro de investidores e canais de televisão e começaram em 1992 a construir atual modelo de sucesso. Levou tempo e trabalho.

Talvez seja impossível haver uma liga e construir um novo modelo. Associar-se à Sky Sports, subiram o dinheiro de investidores e canais de televisão e começaram em 1992 a construir atual modelo de sucesso. Levou tempo e trabalho.

Se não der certo desta vez, não vai dar tempo para funcionar nunca mais.

Jesus brincando de Judas

Técnico português quer tomar o emprego do amiguinho no Flamengo

Sandro Macedo

Medalha de ouro no futebol (Empreendedor no gol) e no vídeo do ensino fundamental em 1987, na Falha desde 2001

Deveria ser um dia apenas de repercussão de jogos da Libertadores e da definição da final das Champions League, com a milagrosa classificação do Real Madrid diante do Manchester City de Pep Guardiola, que deve estar sem dormir até agora. Milagre é força de expressão, já que Jesus jogou no City. O que o Real fez foi mais uma prova de que tem um pacto bem amarrado com o demônio.

Mas eis que, em vez do diabo, todos falam de Jesus neste quinta-feira (3). Não o do City, mas o Jorge, aquele mesmo. Depois de curtir o Carnaval em terras brasis, o desempregado Jorge Jesus aproveitou o tempo livre para distribuir seu currículo virtual. Na verdade, entregou só uma cópia mesmo, no Flamengo. Com uma cara de pau poucos vezes vista por aqui, ele prazava para o time do River contratado lá, ou não.

Em entrevista ao colonista do UOL Renato Muricy Prado, confessou: "Quero voltar sim. Mas não dependo de mim. Posso esperar até pelo menos o dia 22. Depois disso, tenho que decidir minha vida".

O Flamengo, como se sabe, contratou outros portu-

gais poucos meses, Paulo Sousa, em detrimento de Jesus.

É verdade que a classe de técnicos de futebol não é exatamente a mais unida do esporte brasileiro. Não foram poucas as vezes em que se ouviram rumores de treinadores negociando com clubes mesmo com outro técnico ainda empregado. Tem até a história de 2009, quando Muricy, comandante do São Paulo, disse que, no Flamengo, ofereceu-se ao presidente tricolor para assumir o clube paulista. Cuca sempre esteve na fila.

Talvez o ponto de virada de Jesus seja normal no futebol português, mas não para aqui. A impressão é apenas a de que I-J não consegue ficar sem trono e quer voltar para onde foi amado. E não se sabe se estiver em seu caminho.

Do ponto de vista ético, alguns tentaram comparar o auto-oferecimento de I-J com a saída do próprio Paulo Sousa da seleção polonesa, quando deixou Lewandowski e companhia na mão para assumir o Flamengo. É completamente diferente. Sousa foi procurado e aceitou uma proposta que provavelmente era mais atrativa, e o cargo estava vago. Já o português Jesus está

dando uma de Judas, traíndo quem tomou o emprego do amiguinho. Marcos Braz, o vice-presidente de futebol, por enquanto está bancando o Pôncio Pilatos e lavando as mãos. Agora é só esperar até o dia 22, prazo de Jesus para reassucitar. O próximo jogo do Flamengo é contra o Botafogo, do português Luís Castro, e imagino os vivas de I-J torcendo para o rival.

Atualização - Round 38

Esta coluna agrada o Atlético-PR por manter a previsão de 20 derrotas na Série A firme e forte. Depois de dispensarem Alberto Valentim no round 1, demitiram Fábio Carille antes do jogo 10 de certo, depois do qual foi o período de 21 dias do professor Carille no emprego. Foi no Taça Árca, programa do SporTV, não deu tempo de pegar o vale-refeição. O contratado para a vaga foi Lado Felipe Scalari. Caio não é certo, depois do dia 20 pode ter mais gente à disposição.

Assim, vamos aos números atualizados. Demitidos: Brasileiros 4 x Estrangeiros. Sobreviventes: Brasileiros 8 x 8 Estrangeiros.

GELO E GIM

Daniel de Mesquita Benevides

folha.com/geleogim

Thomas Pynchon descreve 348 bebidas em seus livros

Em 2004 Thomas Pynchon participou de dois episódios dos "Simpsons". Fiel à famosa reclusão, seu avatar animado aparece com um saco de papel na cabeça, dois furinhos para os olhos e uma interrogação na altura da testa. A voz é dele, mas os cabelos, quanta diferença.

Marge escreve um livro e ele assina um elogio de grego na contracapa. "Thomas Pynchon adora este livro tanto quanto gosta de câmeras". Em seguida grita para os carros indiferentes na rua: "Ei, quem quer uma foto com um autor recluso? A promoção vale até hoje!".

Só existem sete fotos publicadas do escritor, daí a ironia. Em quase todas vemos um sujeito jovial, com sorriso de colchão e ar meio ingênuo. Dificilmente acreditaria que seja um fabulista da paranoia, fechado em seu mundo.

No outro episódio, ele experimenta um salgadinho oferecido por Lisa. Diz: "Que V-lícia, vou colocar no Livro de Revela-



Thomas Pynchon na série Simpsons Reprodução

tas do Arco-Íris da Gravidade!". Nerdos tiveram orgasmos com as menções cifradas a dois de seus romances. O nível dos trocadilhos é de quinta série.

Pynchon faz 85 anos neste domingo. Como o Velho Guerreiro, não está aí pra explicar,

mas pra confundir.

O curioso é que o Frankenstein de Glen Clove, parente distante do Vampiro de Curitiba, criou de fato mil misturebas, a ponto de um ubermed australiano, professor de robótica, dar-se ao trabalho diplomático de listar todas as

bebidas reais e imaginárias citadas em seus caudalosos romances.

O resultado está no blog Drunk Pynchon, lançado dez anos depois da aparição nos Simpsons. São 348 drinks servidos em nove livros.

Deve ser algum tipo de recorde. Faz sentido. A literatura de Pynchon é mesmo um gigantesco coquetel de ingredientes da contracultura, personagens bizarros, tramas loucas, neologismos e narradores de todo tipo. Vai da comédia pastélio ao lirismo ianetico.

Em seu blog, Michael Horn não apenas catalogou as estranhas concoções, como já experimentou cerca de cem delas. Chegou a viajar para o Quênia em busca do kamis, bebida feita com leite de camelo fermentado, tomada por um espão soviético em "O Arco-Íris da Gravidade". É a cerveja da Ásia Central.

Entornou facilmente sazes, old fashioned e tequila sunrises, coquetéis clássi-

cos que fazem pontas nas entranhas pynchonianas. Mas o que dizer da poção de Gwendolyn, outro personagem do "Arco-Íris"? Trata-se de álcool de cereais com "caldo de carne, gresselinha, xarope para tosse, infusões amargas de escutelaia azul que provocam arrotos, raiz de valeriana, agripalma e cipripédo, o que tiver à mão, na verdade" (a tradução hercúlea é do excelente Paulo Henriques Britto). Garântua, que já nasceu pedindo cerveja, teria adorado.

Em "V", por sua vez, os personagens estão diante da última garrafa de vodka, decidindo o que misturar com ela. A festa praticamente acabou, mas não asside: "experimentaram leite, sopa de legumes e o suco de um pedaço de melancia seco que era tudo o que tinha na geladeira. Tente espremer uma melancia em um copo quando seus reflexos não estão muito bons. É quase impossível".

Os gim marshmallows, torpedos de suco e mamujanas provam que nada ou quase nada é impossível no bunker alcoólico de Pynchon.



Adobe Stock

Tequila Sunrise

- 60 ml de tequila branca
- 120 ml de suco fresco de laranja
- 75 ml de grenadine

Coloque primeiro a tequila e o suco num copo highball com gelo e depois o grenadine. O xarope vai se depositar lentamente no fundo, criando um efeito degradê — daí o nome.



TOM CRUISE CHEGA DE HELICÓPTERO À ESTREIA MUNDIAL DE 'TOP GUN: MAVERICK'

Ater — com breve de piloto — volta ao papel de Maverick, aviador da Marinha, 35 anos após primeiro filme; continuação foi adiada com morte do diretor Tony Scott, em 2012. Robyn Beck/AFP

A pandemia sob controle

Usar máscara e evitar aglomerações ainda devem ser práticas

Julio Abramczyk

Médico, vencedor dos prêmios Esso (Informação Científica) e I. Reis de Divulgação Científica (CNPq)

Devemos agradecer aos médicos infectologistas nacionais que enfrentaram os negociantes governamentais por estarmos a cada dia mais próximos do controle total da pandemia de Covid-19.

Segundo dados do Boletim Epidemiológico USP-Covid, divulgado pelo jornal da USP, divulgado de 93% da população do Estado de São Paulo acima dos cinco anos de idade já foi vacinado contra a Covid-19. Igualmente mais da metade (53%) das crianças com até

11 anos já foi vacinada e na população adulta, cerca de dois terços já recebeu a dose de reforço.

Temos atualmente várias e eficientes vacinas e recentemente surgiram medicamentos que realmente tratam e controlam a disseminação do vírus.

Tanto a FDA (Food and Drug Administration) quanto a Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), respectivamente para os Estados Unidos e Brasil, autorizaram tem-

porariamente para uso emergencial o Paxlovid para tratamento antiviral via oral dentro dos primeiros cinco dias do início dos sintomas.

Este antiviral impede que o Sars-CoV-2 se multiplique dentro do organismo humano. Entretanto, não pode ser ministrado a portadores de doença renal ou hepática grave, ou com outros remédios como a amiodarona (antiarritmico), colchicina (para gota) ou as estatinas, empregadas para controle do colesterol.

Existem outros antivirais autorizados, como Veklury (remdesivir), usado para pacientes hospitalizados e próximos de morrer.

No momento, o que tem sido observado com mais frequência é que a maioria das pessoas com Covid-19 apresenta sintomas leves e pode recuperar-se na residência.

Mas as medidas preventivas, com máscara facial, lavar as mãos e evitar aglomerações permanecem.

ACERVO FOLHA | Há 100 anos 6.mai.1922

Trens da SPR para São Bernardo estão sujos e com passagens caras

Quem viaja em um trem de subúrbio da ferrovia São Paulo Railway até São Bernardo (naquela época, a cidade englobava outros atuais municípios do ABC paulista) vê que o serviço de limpeza e manutenção dentro dos vagões está sendo mal executado. Incômodos, sujos, estragados, sem toalhas nos lavatórios, eis os vagões da primeira classe que a Compa-

nhia Inglesa põe a serviço lá. Além disso, é cobrada a exorbitância de 800 réis para o trajeto de 18 km entre a estação da Luz a São Bernardo. Para comparação, a passagem a Mogi das Cruzes (trecho de 34 km), da ferrovia Central do Brasil, custa 900 réis.

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br



Muito reality e pouco show

Terrace House e Solteiros, Ilhados e Desesperados, fenômenos asiáticos, viram receita do BBB do avesso, sem sexo nem brigas e com dramas que podem matar



Cartaz de divulgação de Casamento às Cegas Japão, da Netflix Divulgação

Nathalia Durval
e Pedro Martins

SÃO PAULO Enquanto disputam provas para ter a chance de sair de uma ilha deserta batizada de Inferno e desfrutar de encontros românticos num hotel luxuoso, jovens exibem seus corpos sarados à procura do amor verdadeiro.

Esse poderia ser mais um reality show de pegação como Big Brother Brasil, De Férias com o Ex, The Circle ou Brincando com o Fogo, que premia os que aguentam ficar mais tempo sem transar.

Mas essa é a descrição de Solteiros, Ilhados e Desesperados, produção sul-coreana no catálogo de realities de origem asiática da Netflix que representa o avesso do formato Big Brother consagrado pelo holandês John de Mol, da Endemol, desde a virada do milênio.

Há, ainda, Casamento às Cegas Japão e Terrace House, também nipônico, que foi cancelado depois de uma de suas participantes se suicidar. São programas que refletem o modus operandi de uma sociedade que não tolera vergonha, briga nem qualquer ou-

“
Tem uma expressão japonesa que diz que o prego que se destaca é martelado para baixo. Desde pequenos, os japoneses escutam que têm que ser iguais uns aos outros

Felipe Arantes
pesquisador

tro elemento picante que esculpiu no imaginário popular a imagem de um reality — numa tendência contrária à dos brasileiros, que criticaram o BBB 22 por falta de emoção, isto é, dos quebra-pausa homênicos que marcaram a edição retrasmida com Karol Conká.

Prova disso é que o ponto alto de Solteiros, Ilhados e Desesperados é o beijo que Kang Soyeon, dona de uma academia, de 33 anos, dá na bochecha de Oh Jintae, um empresário de 29 anos. O rapaz pergunta se poderia dividir a mesma cama com a moça,

que noutro momento faz uma massagem nas costas dele.

São atitudes que passariam batidas entre os brasileiros, mas bastaram para que os comentaristas do programa, quatro celebridades sul-coreanas, ficassem constrangidos. Nick Farewell, escritor e roteirista sul-coreano que vive no Brasil desde os 14 anos, diz que o reality é um reflexo realista da sociedade coreana. Ele lembra que certa ingenuidade também é vista nos k-dramas, as novelas sul-coreanas, com “personagens que têm 20 anos nas costas, mas mal

conseguem pegar na mão um do outro”, e o k-pop, universo da indústria musical em que namoros não são bem vistos e acabam até proibidos.

Não que os conflitos não ocorram, diz o roteirista. É que eles ficam escondidos nos bastidores, num reflexo da “moralidade” e da “política de boa convivência e de respeito ao próximo” que ainda imperam na Coreia do Sul. O reality, lançado em dezembro, chegou ao ranking das dez produções de TV mais vistas da Netflix mundo agora.

Continua na pág. C2

ilustrada

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

LOJA VAZIA

O secretário de Comunicação do PT, Jilmar Tatto, diz que sua ex-mulher, Adli Osman, de quem está se separando de forma litigiosa, é uma empresária de sucesso. E coloca em dúvida a realização do bazar de roupas de grife dele que ela estaria colocando à venda para arrecadar recursos que a ajudariam a tratar de um câncer.



Benny Santos / Folhapress

TONPEDO Na quinta (5), a coluna revelou que ela enviou mensagens a "amigos, conhecidos e jornalistas" dizendo que o ex-marido teria "negado o auto" para que ela fizesse tratamento médico.

TONPEDO Diante das dificuldades, Adli anunciou a venda de peças da guarda-roupa de luxo.

LUXO SÓ As fotos divulgadas por ela mostravam casacos, camisas gravatas de grifes de alto luxo como Armani, Hugo Boss, Salvatore Ferragamo, Ermenegildo Zegna e Burberry.

ETIQUETA Um terno Ermenegildo Zegna, por exemplo, custa entre R\$ 10 mil e R\$ 23 mil no site do Iguatemi.

MALA PRONTA Jilmar Tatto, no entanto, diz que as roupas não estão mais em sua antiga casa.

MALA 2 "Quanto às peças de vestuário supostamente anunciadas à venda [por Adli], o Sr. Jilmar Tatto informa que levou suas roupas consigo por ocasião da separação de fato", afirma a nota.

NA MINHA No texto, o advogado Felipe F. Rocha, que representa o petista, afirma ainda que Tatto "tem mantido a discreção que o assunto merece com o propósito de preservar seus filhos e sua imagem de figura pública".

O TEMPO "Ele acredita que o tempo curará as feridas e ambos seguirão suas vidas com respeito recíproco", segue a nota. "Por fim, o processo corre em segredo de justiça, prerrogativa que o Sr. Jilmar Tatto pretende manter em prol da serenidade que o momento exige", finaliza o documento.

TINTA A editora Instante publicará em julho uma antologia com textos assinados por autores como Itamar Vieira Jr. e Christian Dunker. Depois do "Fim: Ensaios sobre Literatura e Antropoceno" é organizado pela crítica Fabiane Secches.

O ator Odilon Wagner se prepara para encenar o espetáculo "A Última Sessão de Freud", em sessão para convidados na segunda (2), no Teatro Vivo, em São Paulo. Com direção de Elias Andreato, a montagem imagina um encontro entre Freud (vivido por Wagner) e C.S. Lewis, interpretado por Claudio Fontana.

PARE 1 Um festival de cultura e direitos humanos, que tem o Instituto Vladimir Herzog entre seus realizadores, foi barrado na Lei Rouanet e corre o risco de não ser realizado. A proposta foi enviada em setembro de 2021. Após seis meses e dez pedidos de adequações, o governo deu dez dias úteis para que os organizadores se adaptassem a uma das mudanças implementadas pela gestão federal na Rouanet.

PARE 2 Segundo as novas regras, o CNPQ do proponente deve ser de natureza exclusivamente cultural. O projeto foi arquivado por falta de tempo para a mudança, diz um dos organizadores do evento, o produtor do coletivo Pandêto Cultural Leandro Pardi. Ele acusa a Secretaria da Cultura de censura. Procurada, a pasta não respondeu à coluna.

RETORNO Será exibida nas tardes da Globo a partir do dia 16. O ator Ary Fontoura lembra de uma das cenas mais marcantes da trama: quando Do Natela (Claudia Rala) descobre que seu mordomo Silveirinha, personagem vivido por ele, é filho de Flora (Patrícia Pillar), sua arqui-inimiga. Durante o embate, ele cospe na cara da patroa, ação que não estava prevista e que surgiu num ensaio entre os atores.

MELODRAMA "É uma cena cruel. Estávamos tomados pela emoção. Começamos a brigar e foi indo, e as coisas aconteceram. A gente não pode perder a razão, mas há cenas que são tão envolventes que temos que tomar cuidado para não ultrapassar limites", diz Fontoura, que contratou o Globo e participará da série "Fim", baseada no livro de Fernando Torres, colunista da Folha.

PONTE AÉREA O Cabiria Festival Audiovisual, que incentiva o protagonismo feminino no setor, será realizado na capital paulista neste ano. Após uma edição no Rio e outras duas virtuais, o evento desembarca no Centro Cultural São Paulo entre 27 de julho e 3 de agosto.



Mulher faz massagem no parceiro em Solteiros, Ilhados e Desesperados, da Netflix Divulgação

Muito reality e pouco show

Continuação da pág. C1

O reality permaneceu na telenovela por três semanas e se tornou o programa sul-coreano de variedades de maior sucesso na plataforma de streaming. É a fórmula que funciona no país, diz Farewell. Change Days, que não foi lançado no Brasil, ouso um pouco mais e foi acusado pelo público de influenciar divórcios. O programa acompanha três casais à beira da separação indo a encontros para decidir se querem romper ou reatar.

O divórcio, que ainda é um tabu em alguns países asiáticos, também é retratado por Casamento às Cegas Japão, lançamento de fevereiro em que parte dos participantes, divorciados, vão ao programa à procura de um novo amor.

O estudante Felipe Arantes, que faz parte da comissão de jovens da Bunkyo, uma entidade de brasileira de cultura japonesa, diz que o reality já é visto com desconfiança por parte dos japoneses, em especial os mais velhos, por quebrar a tradição de que o laço familiar não pode ser rompido.

O programa, se é que é preciso dizer, tampouco tem cenas de sexo ou intrigas. "O Japão é muito bom em varrer as coisas para debaixo do tapete", diz Arantes. "já vi programas japoneses em que os casais estão debaixo dos cobertores, mostram poucos segundos, mas a gente só descobre o que acontece por conversas entre eles depois".

Uma das principais polêmicas do reality girou em torno

do cabelo de um dos participantes, colorido, que levou sua noiva a ter medo de apresentar o rapaz aos pais. "Tem uma expressão japonesa que diz que o prego que se destaca é martelado para baixo. Desde pequenos, os japoneses escutam que têm que ser iguais uns aos outros".

A preocupação em "não ser martelado" também é vista entre os participantes do Terrace House, em que três homens e três mulheres dividem uma casa. A produção, criada há uma década, foi cancelada no ano retrasado depois que uma de suas participantes se suicidou.

Era Hana Kimura, uma lutadora de 22 anos que sucumbiu à enxaurecida de críticas que recebeu nas redes sociais depois de ter brigado com um colega que lavou e estragou uma de suas roupas. O público a cancelou e não a perdoou, diferentemente do que ocorreu com Karol Conkni no BBB, que, no Japão, não seria perdoada e talvez também tivesse cometido suicídio", opina Arantes.

Na Coreia do Sul, não parece ser diferente. A participante mais querida do Solteiros, Ilhados e Desesperados recebeu críticas tão duras quanto Kimura porque usava roupas falsas de marcas de luxo. Mesmo depois de pedir desculpas, ela precisou sair das redes sociais e perdeu o emprego de influenciadora digital.

Episódios como esses lembram que o cyberbullying é um problema grave na Coreia do Sul e no Japão, que estão

entre os países com as maiores taxas de suicídio do mundo, de acordo com a Organização Mundial da Saúde. Em 2019, o Japão registrou uma taxa de mortalidade por suicídio de 15,3 por 100 mil pessoas. Na Coreia do Sul, a taxa foi de 28,6 por 100 mil habitantes. É um número alto se comparado ao Brasil, que ficou em 6,9 a cada 100 mil pessoas.

Terrace House foi cancelado depois de episódio de suicídio, mas os outros programas seguem a todo vapor. A próxima temporada de Solteiros, Ilhados e Desesperados, que levou ao cancelamento da influenciadora, já está confirmada.

É que, embora possam parecer distantes demais de parte do público da Netflix, as diferenças culturais vistas nesses realities são a razão para o sucesso, na avaliação de Fábio Lima, criador da Sofá Digital, uma agregadora de conteúdo sob demanda que trabalha com plataformas de streaming como a Netflix. No Brasil, por exemplo, além de receberem os orlões do BBB que procuram outros realities, esses programas atendem a uma demanda crescente por conteúdo de viés conservador, na esteira dos k-dramas, conta Lima.

"Existe um segmento grande de jovens com uma visão mais conservadora que se vêem nesses programas", ele diz. "No Brasil, isso vem na onda até do gossip, do sertanejo, mais conservadores do que o pop, que são os maiores gêneros musicais do país".

com Blanka Vieira, Karina Matias e Manoella Smith

Jazz, Blues e Brasilidade Internacionais

QR Code

burbonstreet.com.br

Direto de New York

John Pizzarelli

18.maio | Qua

O Blues Rock do Mississippi

Vasti Jackson

20.maio | Sex

A premiada guitarrista mineira de aplauso internacional

Toninho Horta

22.maio | Dom

Ministério do Turismo e MuBE apresentam

FRANS KRAJCBERG:
POR UMA ARQUITETURA DA NATUREZA

curadoria Diego Matos

ABERTURA
SÁB, 07/05/22,
ÀS 11H30

VISITAÇÃO
TER A DOM,
11H ÀS 17H

ATÉ 31/7

ENTRADA
GRATUITA

MUBE - MUSEU BRASILEIRO DA ESCULTURA E ECOLOGIA
Rua Alemanha 221, Jd Europa. São Paulo -SP



Patrocínio Master



biolab
cosmetica



Petrocinio Sinior

instituto
VOTORANTIM

Patrocinio

Machado
Meyer

Apelo Institucional



Parceria

SECRETARIA
DE CULTURA

Realizacio



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA MINISTÉRIO DO TURISMO



ilustrada

Julia Child, a primeira estrela dos programas de receitas, volta à TV

Apresentadora americana é tema de um documentário e de série da HBO Max

Flávia G. Pinho

SÃO PAULO Ela tinha 1,90 metro de altura, o que dava ainda mais visibilidade aos seus gestos atrapalhados. Com a voz esganada e uma franqueza incomum, exibia os dotes culinários em aparelhos de TV em preto e branco, em telas desengonçadas que deixavam o mais bonito dos pratos com aspecto tristonho e acinzentado. Ainda assim, quase seis décadas depois, Julia Child continua na pauta do dia.

Considerada a inventora dos programas de receitas com os conhecidos hoje, ela está no ar em duas produções recentes, ambas com o título "Julia" — um documentário produzido pela CNN e uma série da HBO Max. As duas são um prato cheio para quem gosta de cozinhar ou simples mentes de quem bem — e acabam se complementando.

O documentário reconstitui trechos fundamentais para entender a trajetória profissional da protagonista, da infância abastada no estado americano da Califórnia ao sucesso como estrela da TV, passando pela temporada na França que a levou para a cozinha e a lançou no universo da alta gastronomia — importante considerar que, nos anos 1950, mulheres americanas de classe média desconheciam o fogão.

As diretoras Julie Cohen e

Betsy West são as mesmas de "A Julia", sobre Ruth Bader Ginsburg, indicado ao Oscar de melhor documentário em 2019. Com fotografias antigas, trechos originais dos programas de TV e depoimentos de pessoas próximas a Child, de parentes a chefs de cozinha, a dupla mostra como seu jeito desengonçado acabou por se tornar uma marca registrada.

Se o pudim não saía da forma, a daga de ombros e ria. Se um pedaço de frango escapuliu do garfo e voava pela cozinha, ela transformava a telespectadora em cúmplice. "Se acontecer o mesmo quando você estiver sozinha, quem vai saber?" De improviso em improviso, tudo ao vivo diante das câmeras, Julia Child foi mostrando ao público que cozinhar e comer comida fresca era bem mais gostoso do que jantar refeições congeladas compradas no supermercado.

Quem assiste ao documentário primeiro identifica com mais facilidade as cenas fictícias ensaiadas na série. Com a britânica Sarah Lancashire no papel principal, em excelente caracterização, a primeira temporada se passa em 1962 e 1963. Foi quando de Julia Child, uma consagrada autora de sucesso pelo livro "Mastering the Art of French Cooking", o domínio das artes da cozinha francesa, iniciou a carreira televisiva.

Cenas deliciosas mostram como ela e o marido, o diplomata Paul Child, inventaram truques que até hoje fazem parte dos roteiros de programas de televisão, como iniciar um prato do zero, mas ter outro em estágio mais avançado de preparo, para encurtar o tempo.

Um dos produtores da série ao lado de Daniel Goldfarb, Chris Keyser não estranha o fato de um programa de TV tão datado continuar cultivado tantas décadas depois. Segundo o produtor, a colaboração de Child para a história da gastronomia vai muito além de ter assumido que a informalidade da vida real pode ser mais atraente do que um roteiro impecável.

"Julia influenciou não só os atuais programas de culinária, mas todos os programas de 'faça você mesmo' que dominam nossas telas".

A elaboração do roteiro contou com a colaboração de Todd Schulkin, diretor executivo da fundação ligada a Julia Child em Santa Barbara, na Califórnia. Segundo Schulkin, foi o instituto que sugeriu o recorte de tempo da primeira temporada. "Sentíamos que essa dava muita atenção ao tempo de Julia na França, mas esse período de sua vida [quando ela se tornou uma estrela da TV] era tão inexplorado quanto imponente".

Victima de preconceito na

França, onde era vista como cozinheira de segunda classe por ser americana, e nos próprios Estados Unidos, onde sentiu que seu espaço na TV diminuía à medida que a vida de avançava, Child sempre venceu na base da teimosia.

Também tinha seu lado reservado. Usava termos depreciativos para rotular gays e só mudou de postura quando o advogado e amigo Bob Johnson morreu em decorrência da Aids — em pouco tempo, Child estava liderando eventos beneficentes de apoio à comunidade gay.

Sem empunhar bandeiras nem dar nomes aos bois, ela foi precursora de movimentos que ainda soam atuais. "Nos anos 1960, ela já criticava o sistema global de fornecimento de alimentos em função das práticas de trabalho injustas e da vulnerabilidade nutricional", avalia Schulkin.

As três produções que contam a história de Julia Child — em 2009, o filme "Julia & Julia" teve Marilyn Streep no papel — estão longe de esgotar o assunto. E a segunda temporada da série já está em gestação.

Julia
EUA, 2021. Dir.: Betsy West e Julie Cohen. 85 min. R\$ 14,90.
No Apple TV, Google Play, Microsoft, Now e Claro Video

Julia
EUA, 2022. Dir.: Daniel Goldfarb com Sarah Lancashire, David Hyde Pierce e Bebe Neuwirth. No HBO Max



Crianças japonesas derretem corações em reality no qual fazem atividades de adultos

Hisako Ueno e Mike Ives

TÓQUIO E SEUL [THE NEW YORK TIMES] Yuka, de três anos, desce do meio fio e vai para a faixa de pedestres de uma rua de quatro pistas. "Mesmo o farol estando verde, ela ainda olha para se ver bem", comenta um narrador.

Assim começa uma cena típica de "Crescindo", reality show japonês que chegou à Netflix no final de março. Apesar de ser visto como novidade, já está no ar no Japão há mais de três décadas.

A popularidade da série no país é um reflexo do alto nível de segurança pública por lá, além de uma cultura de educação que enxerga a autonomia das crianças pequenas.

"Essa é uma maneira típica de criar os filhos no Japão e simboliza nossa abordagem cultural", comenta Toshikiyoshi Shiohara, especialista em desenvolvimento infantil.

"Crescindo" é transmitido pela Nippon TV desde 1991, inicialmente como parte de outro programa. Foi inspirado no livro infantil "Miki's First Brand" de 1977, algo como a primeira tarefa de Miki —, de Yoriko Tsutsui, sobre uma menina de cinco anos que precisa comprar leite para um irmão menor.

Os episódios editados de "Crescindo" são curtos e de clima alto-astrol. Crianças que podem ter apenas dois anos de idade são acompanhadas quando tentam fazer compras ou desempenhar outra tarefa pedida por seus pais. Monitores de segurança e cinegrafistas ficam escondidos, ainda que frequentemente apareçam na tela.

Enquanto as crianças se orientam por faixas de pedestres e lugares movimentados, um narrador descreve seu progresso em tom de espanto. E as crianças conversam com os desconhecidos que encontram pelo caminho.

Enquanto compra macarrão adun para uma refeição da família, Yuka, de três anos, diz a uma lojista "mamãe falou que hoje sou eu quem vou ao mercado em vez dela". "Você é uma menina superespecial, não é?", responde a comerciante.

Alguns pais sempre deram errado. Yuka esquece que devia comprar tempero, e outra menina de três anos esquece o que seus pais pediram. Em outros episódios, as crianças deixam as compras cair no chão (num dos casos, era peixe vivo) ou nem saem de casa.

Quando o pai de Ao, de dois anos, pede a seu filho que leve seu avental de sushiman manchado de molho de soja à lavanderia próxima, Ao não quer saber de obedecer. "Não posso". Ao diz a seu pai, em pé do lado de fora da casa.

A mãe de Ao acaba pensando o garoto a ir, subornando o filho com um quitute. "É doloroso, não é?", diz o pai, vendo o menino descer a rua.

Shiohara diz que os pais no Japão procuram ensinar seus filhos a ter um tipo especial de autonomia. "Na cultura japonesa, independência não significa expressar sua opinião", ele afirma. "Significa se adaptar ao grupo e dar conta de tarefas diárias ou de outras pequenas incumbências".

Ele observou que nas escolas japonesas é comum ver os alunos limpando a sala de aula. Em casa, os pais dão mais espaço mesmo a seus filhos pequenos para cobrir os gastos deles e esperam que eles ajudem nas tarefas domésticas. No início dos anos 2000 a princesa Aiko, membro da família real do Japão, já à escola primária sozinha e a pé (sempre era monitorada pela polícia do Palácio Imperial). Na região de Tóquio, a produtora Wagakoto rodou documentários de crianças pequenas realizando algumas tarefas fora de casa. A empresa cobra a partir de US\$ 120

por episódio. Jun Niitsuma, o fundador da produtora, diz que os clientes pagam por que querem ter um registro da autonomia alcançada por seus filhos pequenos. "É um rito de passagem", ele afirma.

Antes de a Netflix adquirir "Crescindo", a série já tinha sido adaptada no Reino Unido, na China, na Itália, em Singapura e no Vietnã.

Para Kaata Sakamoto, vice-presidente de conteúdo japonês na Netflix, "Crescindo" vem nos lembrar que histórias singulares podem derrubar barreiras culturais e linguísticas, aproximando fãs do entretenimento ao nível global.

Há quem critique o programa no Japão. Dizem que as tarefas pedidas às crianças equivalem a coerção, ou que o programa pode incentivar pais a por os seus filhos em risco.

Crimes violentos são raros no Japão. Mesmo assim, acadêmicos dizem que usa métodos de segurança pública como um retrato enganoso da segurança pública. Estudos recentes do Ministério da Justiça indicam que a incidência de crimes no Japão, especialmente os sexuais, tende a ser mais alta do que o que os moradores denunciam aos departamentos de polícia locais.

"Este programa é péssimo", diz Nobuo Komiyama, criminologista na Universidade Ritsmei, em Tóquio. "Na realidade o Japão está cheio de perigos. Esse mito da segurança é manufaturado pela mídia".

Mesmo os defensores de "Crescindo" reconhecem que o programa foi criado para um tempo passado, em que o comportamento das crianças pequenas era regido por normas sociais diferentes. "Eu mandei minha filha ir à quitanda quando tinha três ou quatro anos", disse Shiohara. "Ela conseguiu chegar lá, mas esqueceu o voltar. A quitandeira a trouxe para casa".

Tradução de Clara Allan

BRASIL

TEATRO

Porto

Instagram Facebook

teatroporto

espetáculo teatral

MISSISSIPPI DO TURISMO E PORTO APRESENTA

PÓS-F

ATÉ 26.06

SEX E SÁB | 20H

DOM | 19H

Localiza

Symplic



Julia Child em cena reproduzida no documentário 'Julia', dirigido por Julie Cohen e Betsy West

Bolsonaro veta projeto que previa R\$ 3 bilhões para o setor da cultura

Lei Aldir Blanc, aprovada pelo Senado sem nenhum voto contrário em março, propõe fomento permanente à área

Cristina Camargo

SÃO PAULO O presidente Jair Bolsonaro, do PL, vetou, integralmente, a Lei Aldir Blanc, que criava uma política nacional permanente para o fomento à cultura.

Mesmo diante de apelos da classe artística, cuja grande maioria é de críticos ao governo, a decisão tomada pelo presidente já era esperada.

O veto foi publicado no Diário Oficial da União, o DOU, desta quinta-feira e ainda passará por análise do Congresso, que poderá reverter ou não a determinação do presidente.

A medida previa repasses anuais de R\$ 3 bilhões da União para estados e municípios, por um período de cinco anos, começando em 2023.

O Executivo diz que a lei feria a Lei de Responsabilidade Fiscal e a do teto de gastos, enfraquecendo regras de gestão e transparência ao permitir que estados e municípios gerenciassem recursos do Fundo Nacional de Cultura por meio de editais, chamadas públicas e outros instrumentos de fomento.

Mais além, cita a "situação fiscal delicada" do país devido à pandemia como justifi-

cativa para o veto. "Oportunismo mencionaria que foram expressivos os repasses da União para os entes federativos em decorrência do enfrentamento à pandemia da Covid-19, de maneira que o país encontra-se em situação fiscal delicada, na qual não há espaço para novas transferências financeiras da União para os estados, o Distrito Federal e os municípios", diz o texto no Diário Oficial.

O presidente seguiu as sugestões dos ministérios da Economia, do Turismo, sob o qual fica subordinada a secretaria da Cultura, e da CGU, a Controladoria Geral da União.

A Política Nacional Aldir Blanc é inspirada na lei aprovada pelo Congresso Nacional em 2020 que garantiu auxílio-emergencial e recursos para manutenção de espaços culturais e programas de fomento ao setor cultural durante a pandemia da Covid-19.

"A lei foi um marco na política pública de cultura do Brasil. Por isso, entendemos que ela precisa ser um parâmetro permanente, não pode parar numa visão emergencial", afirmou a deputada Jandira Feghali, do PC do B do Rio

de Janeiro, autora do projeto, ao defender a proposta.

Do total dos R\$ 3 bilhões que a lei pretendia repassar aos entes da federação, 80% seriam destinados para ações de apoio ao setor cultural, por meio de seleção pública ou subsídio mensal para manutenção de espaços culturais. Os outros 20% seriam usados em ações de incentivo direto a projetos culturais.

O veto de Bolsonaro foi publicado no Diário Oficial dois anos após a morte de Aldir Blanc, cantor e compositor que dá nome ao projeto cultural. Um dos mais importantes letrados da música brasileira, autor de clássicos como "O Bêbado e a Equilibrada",

Blanc morreu aos 73 anos, em 4 de maio de 2020, vítima de complicações da Covid-19.

Bolsonaro já havia vetado no início de abril a Lei Paulo Gustavo, de ajuda ao setor cultural. Esta pretendia destinar R\$ 3,86 bilhões de recursos federais para estados e municípios ajudarem o setor cultural a se recuperar da crise causada pela pandemia.

Desse total, R\$ 2,79 bilhões seriam destinados à área audiovisual e R\$ 1,06 bilhão para ações emergenciais.

FM

FÁBIO DE MELO DIA DAS MÃES

O **Pacaembu**, que já foi palco de tantos momentos emocionantes, te convida para viver um **Dia das Mães inesquecível**.

Um espetáculo sobre amor, fé, esperança, amizade e paz. Um show de rara beleza, onde a palavra se mistura à canção. Imperdível!

Data: 08 de Maio

Abertura: 12h

Início do show: 15h

Local: Pavilhão Pacaembu

Garanta seu ingresso em:

pacaembuoficial.com.br



PACAEMBU



ilustrada

Nova série de 'Star Trek' é uma volta às origens

Com estrutura episódica, produção recupera personagens que apareceram em piloto rejeitado há mais de meio século

Salvador Nogueira

SÃO PAULO "Estas são as viagens da nave estelar Enterprise, em sua missão de cinco anos de explorar novos mundos, indo aonde ninguém já mais esteve." A melhor sinopse de "Star Trek: Strange New Worlds", nova série da veneranda franquia de ficção científica, foi escrita há 56 anos. É uma literal volta às origens.

O programa que estreia nesta sexta-feira no Paramount+ vai acompanhar as viagens do capitão Christopher Pike e sua tripulação a bordo da famosa nave, anos antes de James T. Kirk assumir esse posto.

É a equipe de produção, liderada pelos showrunners Akiva Goldsman e Henry Alonso Myers, conseguiu capturar de forma visceral a essência da série clássica, sem os elementos que a deixam datada.

Do contrário de "Star Trek: Discovery", lançada há cinco anos com o propósito de atualizar a linguagem da franquia, essa resgata o formato que sempre cercou a série original criada por Gene Roddenberry.

A começar pela volta de histórias episódicas. "O motor de 'Star Trek' é a grande ideia da semana", disse Anson Mount, ator escolhido para viver o capitão Pike. "Acho que a televisão em seu melhor funciona como uma plataforma metafórica em que podemos falar sobre outras coisas. Quando você faz um programa seriado, não há muito espaço para a grande ideia da semana". Mount se destacou ao aparecer na segunda temporada



Cena da série 'Star Trek: Strange New Worlds', da Paramount+ Divulgação

de "Discovery" como Pike, recuperando um personagem que havia aparecido só no primeiro piloto da série original. Depois, o capitão Pike, vivido então por Jeffrey Hunter, foi substituído pelo Kirk de William Shatner, e a série decolou.

O piloto rejeitado virou um episódio duplo da série antiga, dando margem à ideia de que a Enterprise teve outro capitão antes de Kirk. Em essência, como brinca o produtor executivo Alex Kurtzman, é o maior hiato entre a produção de um piloto e a contratação da série na história da TV — mais de meio século.

"Strange New Worlds" traz de volta personagens do episódio rejeitado, como o misterioso Número Um, agora na pele de Rebecca Romijn, e Spock, imortalizado por Leonard Nimoy e vivido em sua versão mais jovem por Ethan Phillips, neto do astro Gregory Peck.

O programa explora tripulantes que só apareceriam na série original, como o oficial de comunicações Uhura, a enfermeira Chapel e o médico M'Benga, oferecendo substância a esses rostos clássicos.

Para completar, três caras novas — a piloto Arcee Vargas, papel de Melissa Navia, a oficial de segurança La'an, vivida por Christina Chong, e o engenheiro-chefe Hemmer, papel de Bruce Horak. Enquanto a versão dos anos 1960 focava o triunvirato Kirk-Spock-McCoy, "Strange New Worlds" é bem mais igualitária na atenção dada à sua elenco. E a narrativa preserva o que os produtores estão chamando

de "serialização emocional". Embora cada episódio traga uma aventura nova, os personagens lidam com as consequências dessas jornadas.

Este repórter teve acesso aos cinco primeiros episódios, e todas as marcas da versão tradicional estão por lá — a começar pela Enterprise.

Os cenários e a aparência externa da nave foram repaginados, mas o que impressiona é a preservação dos traços marcantes da antiga versão — as cores, a iluminação e o sabor de futurismo de meados de século 20 que marcam o programa sessentista.

O humor das suas aventuras se manifesta nessa encarnação, que trará histórias de todos os matizes vistos nos anos 1960 — inclusive criando prelúdios para segmentos específicos da série clássica.

Há visita a planetas alienígenas, com desenvolvimento paralelo ao da Terra (ideal para fazer crítica social), há lances de "patrulha espacial" e até mesmo comédia de situação (pense numa versão espacial de "Se Eu Fosse Você").

Ao longo das últimas décadas, muitas séries de "Star Trek" foram criadas, mas nenhuma ousou chegar tão perto da clássica. Para a velha guarda, será uma volta ao lar. Para os novos fãs, uma chance de descobrir por que a quintessência não envelheceu tanto.

Star Trek: Strange New Worlds
EUA, 2022. Criação: Akiva Goldsman, Alex Kurtzman e Jenny Lumet. Com: Gai Sandhu, Anson Mount e Rebecca Romijn. Disponível no Paramount+. Novos episódios às sextas

| | | |
|--|--|--|
| CAETANO VELOSO TURNÊ MÚSICA 06, 07 E 08 DE MAIO - ESGOTADOS 25 DE JUNHO - ÚLTIMOS INGRESSOS 26 DE JUNHO - NOVA DATA | DIEGO E VÍCTOR HUGO QUADRUPLO DUO DE ROCK DO BRASIL 12 DE MAIO QUINTA | JULIETTE TURNÊ CANNIBALS 13 DE MAIO SEXTA |
| PÉRICLES TURNÊ C33 LULAS 14 DE MAIO SÁBADO | MCFLY ROCK BRASILEIRO 18 DE MAIO DATA EXTRA: 17 DE MAIO | ONE NIGHT OF TINA 19 DE MAIO QUARTA |
| JOSS STONE 01 DE JUNHO QUARTA | RENAISSANCE + CURVED AIR 02 DE JUNHO QUARTA | WHINDERSSON NUNES 03 E 16 DE JUNHO SEXTA E DOMINGO |
| ANAVITÓRIA TURNÊ DOS TANGARASSUS 09 DE JUNHO QUARTA | ROUPA NOVA ESPECIAL DA SÉRIE TANGARASSUS 10 E 11 DE JUNHO SEXTA E DOMINGO | CHITÃOZINHO & XORORÓ ESPECIAL DA SÉRIE TANGARASSUS 12 DE JUNHO SÁBADO |
| FUTPARÓDIAS 19 DE JUNHO DOMINGO | MANIA THE ABBA TRIBUTE 30 DE JUNHO DOMINGO | ARMANDINHO & MANEIRA 15 DE JUNHO SÁBADO |
| | JOTA QUEST ATRAZ 02 DE JULHO SÁBADO | RAPALIFE DE - MARCELO DUTRA E TATIANA 03 DE JULHO DOMINGO |



ESPAÇO DAS AMÉRICAS

APÓDIO



Azul

ACESSE WWW.ESPACODASAMERICAS.COM.BR E GARANTA JÁ O SEU INGRESSO.

LEMBRE-SE: PARA ACESSO AO LOCAL DO EVENTO, É OBRIGATORIO A APRESENTAÇÃO DO COMPROVANTE DE VACINAÇÃO CONTRA COVID-19, COM DUAS DOSES OU DOSE ÚNICA.

OS INGRESSOS JÁ ADQUIRIDOS PARA OS SHOWS QUE TIVERAM SUAS DATAS ALTERADAS SERÃO VÁLIDOS PARA AS NOVAS DATAS. SEM A NECESSIDADE DE TROCA. CONFIRA OS HORÁRIOS DOS SHOWS EM NOSSO SITE

RUA TAGIPURU, 795 - BARRA FUNDA - SÃO PAULO [f](https://www.facebook.com/espacodasamericas) [i](https://www.instagram.com/espacodasamericas) [t](https://www.tiktok.com/@espacodasamericas) /ESPACODASAMERICAS

Coleção Folha publica obra de Leo Strauss contra o relativismo

Irineu Franco Perpetuo

SÃO PAULO A Coleção Folha Os Pensadores chega ao seu 35º e último volume. Para encerrar, traz uma obra de um nome fundamental do ideário conservador, "Direito Natural e História", de Leo Strauss, em volume traduzido por Bruno Costa Simões.

Filósofo político germano-americano de origem judaica, Leo Strauss, que viveu de 1899 a 1973, era especialista no estudo da filosofia política clássica.

Passou a maior parte de sua carreira como professor de ciência política na Universidade de Chicago, entre 1949 e 1969, onde foi mestre de várias gerações de estudantes. Fundou a escola de pensadores "straussianos" e foi um ferrenho crítico da filosofia moderna.

Versão ampliada de seis conferências ministradas na Universidade de Chicago, em 1949, sob os auspícios da Fundação Charles R. Walgreen, o livro que chega às bancas no domingo é uma defesa do di-

reito natural contra o relativismo, isto é, o ponto de vista que não considera a existência de uma verdade absoluta. "Rejeitar o direito natural é a mesma coisa que dizer que todo direito é direito positivo, e isso significa que aquilo que é certo é determinado exclusivamente pelos legisladores e pelos tribunais dos diversos países", escreve o autor.

"Ora, trata-se de algo obviamente significativo, e por vezes até mesmo necessário, falar de leis 'injustas' ou de

decisões 'injustas'. Emitindo tais juízos, queremos dizer que existe um padrão de certo e errado independente do direito positivo e mais elevado que ele, um padrão por meio do qual somos capazes de julgar o direito positivo."

"Se os princípios estão suficientemente justificados pelo fato de serem aceitos pela sociedade, então os princípios do canibalismo são tão defensáveis ou sólidos quanto os da vida civilizada", ele argumenta. "Desse ponto de vista, aque-

les princípios não podem de modo algum ser rejeitados como simplesmente inferiores", continua o autor. "E, uma vez que se reconhece que o ideal de nossa sociedade está mudando, nada, exceto nossos hábitos malignantes e rançosos, poderia nos impedir de aceitar placidamente uma mudança em direção ao canibalismo."

E, mais adiante, o autor crava que "parece, pois, que a rejeição do direito natural está condenada a produzir consequências desastrosas".

COMO COMPRAR

Site da coleção
pensadores.folha.com.br

Telefone
(11) 3224-3090 (Grande São Paulo) e 0800 775 8080 (outras localidades)

Frete
Grátis para SP, RJ, MG e PR (na compra da coleção completa)

Nas bancas Por R\$ 22,90 o volume. Coleção completa: R\$ 664,10; lote avulso (com cinco volumes): R\$ 132,80

Produzido por Feld Entertainment

Disney ON ICE

Descobrimos AVENTURAS

08 A 19 DE JUNHO

GINÁSIO IBIRAPUERA

INGRESSOS EM uhul.com

PARCERIAS: SBC São Paulo, UOL, CINE, 100, 103, OPUS

ilustrada

‘Teerã’ põe Glenn Close na luta contra aiatolás

Seriado israelense do AppleTV+ fez diva de Hollywood aprender persa e incorporar o véu para incorporar psiquiatra

Tony Goez

SÃO PAULO “Eu nunca havia filmado na Grécia, nem interpretado uma mulher que adota outro país como sua segunda pátria. E tinha o desafio de aprender a língua persa. Pensei: ‘isto vai ser uma aventura’.”

Glenn Close não esconde o seu entusiasmo pela segunda temporada da série israelense “Teerã”, que já tem seus dois primeiros episódios disponíveis nesta sexta-feira na plataforma de streaming Apple TV+. Em entrevista a este repórter, ela dá detalhes de como foi encarnar a espia Marjan Montazeri, uma figura-chave dessa nova safra.

Só dois meses para me preparar. Assim que fui escalada, passei imediatamente a ter aulas de persa por videoconferência com um professor iraniano que mora em San Francisco. Começamos pelo básico, palavras, frases, e só depois trabalhamos na entonação. Ai, chegando ao set de filmagem, eu ainda precisava ajustar o ritmo, para parecer que sou fluente em persa.”

Marjan é uma mulher complexa. Nascida no Reino Unido, ela conhece um rapaz iraniano na faculdade. Depois de se casar com ele e se converter ao ramo xiita do Islã, ela se muda para a capital Teerã e se apaixoa pelo país. Ela e o marido, ambos psiquiatras, abrem uma clínica onde atendem veteranos da guerra Irã-Iraque e depois passam a ter membros da guarda revolucionária entre seus pacientes.

Mas o marido morre numa

demonstração contra a ditadura dos aiatolás. Marjan então decide ficar no Irã e lutar pela queda do regime, se tornando agente do Mossad, o serviço secreto de Israel. Anos mais tarde, tenta ajudar Tamar Rabinian, a jovem espia israelense vivida por Niv Sultan, que precisa cumprir uma última missão em solo iraniano antes de voltar para casa.

O austero chador — o véu negro que as iranianas precisam usar sempre que estão perto de homens — ajudou Glenn Close a compor a personagem. “Eu achei bastante profundo pensar que tudo o que me faz feminina tem que ser coberto. É preciso calcular o tempo todo quanto cabelo você pode mostrar. Felizmente, minha camareira era uma refugiada iraniana, e uma expert em véus.”

Dama numa forma que na primeira temporada, as filmagens da segunda fase aconteceram em Atenas, na Grécia, “maquiada” para se parecer com Teerã. Close passou duas temporadas na cidade, no segundo semestre de 2021, trabalhando com um elenco em que não conhecia ninguém.

“Mas eu adoro atores. Digo que nós somos uma nação de alienígenas. Toda vez que estou com atores, eu me sinto em casa, não importa a língua que eles falem.”

A disponibilidade da atriz surpreendeu seus colegas. “Eu esperava por uma grande estrela de Hollywood, uma diva”, afirma Niv Sultan. “Depois do nosso primeiro dia, fui ao trailer dela



Glenn Close em cena da segunda temporada da série “Teerã”, do Apple TV+ divulgação

para agradecer. Glenn então me puxou para dentro, para ensaiarmos uma cena complicada que rodaremos no dia seguinte. Quando acabou, eu liquei para o meu namorado e disse: ‘acabei de ter uma aula de atuação de três horas com Glenn Close’.”

Ao contrário de muitos de seus colegas de elenco, Sultan não é uma israelense de origem iraniana. Precisou aprender a língua persa e hoje até já percebe quando seu sotaque não está bom.

A ideia original de “Teerã” veio do roteirista Moshe Zonder, um dos criadores da elogiada “Fauda”. A série mostra o Mossad como uma organização ultraeficiente, mas também implacável na hora de eliminar quem não serve mais para a agência.

“Nós tentamos não envolver muito o Mossad quando escrevemos os roteiros”, diz o diretor Daniel Szyrk. “Não queríamos chegar a um ponto em que eles nos proibissem de mostrar alguma coisa. Mas, depois que a primeira temporada fez sucesso, vários ex-agentes nos procuraram, e alguns contaram que o que mostramos na série não é nada perto da realidade.”

“Nunca fomos ameaçados pelo Irã”, acrescenta a produtora Dana Eden. “Mas uma reportagem crítica sobre Teerã saiu num jornal do governo de lá. Sabemos que o regime está de olho em nós.”

Teerã

Dir.: Daniel Szyrk. Com: Niv Sultan, Glenn Close e Shaun Toub. Disponível no Apple TV+

MINISTÉRIO DO TURISMO, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO,
POR MEIO DA SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA,
FUNDACÃO OSESP ALABIN E BANCO PAROBANK APRESENTAM

OSESP CELEBRA O DIA MUNDIAL DO MEIO AMBIENTE

Com obras de Vivaldi, Piazzola, Nielsen e Villa-Lobos

Na Sala São Paulo e também no [vdeososesp](#)

Ingressos à venda osesp.art.br



Linares Souza

O dilema da branquitude fetichista

Interessa ao poder que pessoas negras sejam retratadas no lugar de vulneráveis

Djamila Ribeiro

Mestre em Filosofia política pela Unesp e coordenadora da coleção de livros Feminismos Plurais

Foi com incômodo que vi a entrevista de uma repórter da TV Globo com Madalena Silva, mulher negra que passou sua vida trabalhando em situação análoga à de escravidão para uma família branca na Bahia. Foi uma entrevista cujo destaque nas redes sociais trazia Madalena, aos prantos, manifestando conflitos em tocar na mão da jornalista, uma mulher branca. Ao ser questionada por que

relutava em interagir, Madalena argumentou que achava feio. A repórter, então, passou a dizer que a cor dela era linda e que elas não eram diferentes. Madalena respondeu que tinha diferença, sim, apontando a cor de uma e de outra. O diálogo finaliza com a repórter dizendo que o tom de pele era diferente, mas ambas eram mulheres; disse que os mesmos direitos que todo mundo tinha com ela,

repórter, teriam que ter também com Madalena.

Lamento, mas os apelos da jornalista não transformam a realidade em que elas são, sim, diferentes, tanto no tom de pele quanto em sua humanidade. Fosse assim, numa simples sentença, o problema do racismo já teria sido resolvido há muito tempo. Negar as diferenças evidentes a uma mulher que pass

as condições mais aviltantes de exploração é desafiar a lógica.

E a sentença da jornalista a Madalena igualando as em direitos não muda o fato de que Madalena seguirá com menos direitos, sendo ela uma negra retinta com as consequências de pertencer a esse lugar social. Compreender que elas são diferentes e não têm os mesmos direitos é um exercício necessário de desilusão ao deslumbre que

atravessa um certo discurso alienante de ativismo social.

Mas, além disso, o que perturba no viral de cenas como essa no Brasil, país de profundo cinismo das relações raciais, é o caráter fetichista da cor, moção, divinizada no imaginário da branquitude que se coloca como salvadora, enquanto confina mulheres negras em locais de dor e sofrimento.

Por décadas, Madalena foi discriminada por uma mulher como a repórter. Então, por qual motivo ela não queria tocar em sua mão? Contudo, os traumas são expostos em um espetáculo, um sensacionalismo em cima da dor de uma mulher negra que foi adoecida psicologicamente pelo racismo. Mais uma vez, puno fetiche branco.

Interessa ao poder que pessoas negras sejam retratadas no lugar de vulneráveis, violentadas, desesperançadas e cúmplices de qualquer apoio de pessoas brancas. São representações insistentes: mais chorando em vídeo de filhos assassinados pela polícia, chorando por terem sido vítimas de violência, ou mesmo chorando por receberem presentes em quadros de entretenimento.

No outro polo, laços de solidariedade intra-branquidade, embora muito mais comuns do que aqueles construídos por pessoas brancas, são desproporcionalmente evidenciados. Reforçar a ideia de uma identidade negra em um país de maioria branca não é algo a ser encorajado. Da mesma forma, imagens positivas de pessoas negras altivas e independentes surtem efeitos empoderadores na autoestima da população, o que deve ser destimulado. Por isso, vemos pos

cas pessoas negras destacadas em seus trabalhos.

Em um campo narrativo de transformação social, reportagens costumam se servir de mulheres negras como plataforma de manifestação de moral repúdio moral ao racismo. São escadas para a população que segue nos espaços de poder reforçar o ego heroico, redentor dos fracos e oprimidos.

Em geral, quando finalizadas, essas reportagens são acompanhadas de um olhar de indignação do repertório de apresentadora do telejornal, para então outra reportagem de um assunto qualquer ser anunciada. O mero repúdio moral ao racismo é consumido com uma velocidade voraz, as pessoas retratadas são abandonadas.

Considerando que racismo é uma estrutura, o repúdio moral possui um alcance limitado de atuação. São necessários aprofundamentos críticos nas reportagens, cobrança de políticas públicas e representações positivas da comunidade afro-brasileira. Já caminharíamos o suficiente para que isso não seja novidade, mas para ação efetiva, e de fato, antirracista será preciso compartilhar espaços do poder com pessoas negras. Eis o dilema da branquitude fetichista.

Recentemente, escrevi nesta Folha sobre a violência sexual de meninas e mulheres indígenas, além da invasão de suas terras. A situação tem apenas piorado e agora uma comunidade inteira xanomami está de sapateado depois de denunciar o estupro seguido de assassinato de uma menina. E a barbárie, um genocídio em território brasileiro. Cada um nos manobras?

| SÊC. Luiz Felipe Pondé | TER. João Pereira Coutinho | QUA. Marcelo Coelho | QUA. Fernanda Torres, Drauzio Varella | SÊC. Djamila Ribeiro | SÊC. Mario Sérgio Conti

MÚSICA

Paulinho da Viola e Filhos
Com João Rabello e Beatriz Rabello
06/05, Sexta e sábado, 20h.

Luiz Tatil e Dante Ozetti
Show "Abre e Cortina"
06/05, Sexta, 21h.

Pinheiros

Lurdez da Luz
20 Anos de Música
07/05, Sábado, 21h.

Santa Amara

EXPOSIÇÃO

Xilografia III
As relações entre cordel, xilografia e arte urbana, com obras de artistas e coletivos como Derlon, J. Borges, Lira Nordestina, Atelier Piratininga e Lau Guimarães. Em um ateliê gráfico, o público pode ter contato com máquinas e ferramentas de diversas técnicas de impressão, além de artistas e grupos que produzem suas obras no local.
Curadoria: Baldo Ribeiro.
Até 31/07, Terça a domingo.

Consolação

SESC TV

Amazônia, Arqueologia da Floresta
Episódio 2: Conchas e Ossos
Direção: Tatiana Toffi.
Arqueólogos acompanham os índios Tupari até a antiga aldeia do Laranjal, local em que vivem e do qual tiveram que sair por causa da criação da Reserva Biológica do Guaporé, em 1983.
07/05, Sábado, 20h.

Disponível sob demanda em sesc.org.br/amazonia

TEATRO

Homens Pink (SC)
Com Cia. La Vaca
Até 15/05, Sexta e sábado, 21h30.
Domingo, 18h30.

Belenzinho

Henrique IV
De Luigi Pirandello
Direção: Gabriel Villela
Até 05/06, Quinta a sábado, 21h.
Domingo, 18h.

Vila Mariana

Meus Cabelos de Baobá (RJ)
Direção: Vilma Melo.
Até 07/05, Sexta e sábado, 20h.

Pinheiros

Lady M Macbeth - outros detalhes da peça escocesa
Dir: Marcelo Aurelio e Mara Borba
Com Yara de Novais e Guilherme Leme Garcia
Até 05/06, Sexta e sábado, 21h.
Domingo, 18h.

Consolação

DANÇA

chão
Direção: Marcela Levi e Lucia Russo
08 a 10/05, Sexta, 21h.
Sábado, 20h.
Domingo, 18h.

Santana

CINEMA

Clássicos Restaurados | Fausto Bóris
Direção: David Cronenberg | EUA | 2006 | 108 min | Ficção.
07 a 08/05, Sábado, 19h.
Domingo, 20h.

Marques da Violência
Dir: David Cronenberg | EUA | 2006 | 108 min | Ficção.
07 a 08/05, Sábado, 19h.
Domingo, 20h.

A Rosa
Dir: Mark Rydell | EUA | 1979 | 134 min | Ficção.
07 a 08/05, Sábado, 20h.
Domingo, 17h.

Minha Adorável Lavanderia
Dir: Stephen Frears | Reino Unido, Irlanda do Norte | 1995 | 97 min | Ficção.
08/05, Segunda, 20h.

CineSesc

CRIANÇAS

Canções Para Pequenos Ouidos 2
Com Orquestra Modesta De 08/05 a 05/06.
Domingos, 15h e 17h.

Pinheiros

Cabaré (Des)Equilibrado
Com Cia. Suro
07/05, Sábado, 15h.

Itaquera

Fábrica dos Ventos
Com Trupe Lona Preta
Até 22/05, Sábado e domingo, 12h.

Belenzinho

teatro

Os Filhos de Iauaretê, a Onça Real
Com Cia. Pé do Ouidio
Até 08/05, Domingos, 11h.

Ipiranga

O Menino e a Cerejeira
Com Cia. Borboleta
Até 28/05, Sábado, 11h.

Consolação

AÇÕES PARA CIDADANIA

Modos de Fazer Guarani: São Paulo e Terra Indígena
Instalação com exibição de vídeos, fotos e arte indígena.
Até 22/05.
Quarta a domingo, 09h às 17h.

Interlagos

guiafolha



Chapinha, fundador do Samba da Vela, ao centro, comanda o retorno da roda na segunda-feira, dia 2, na Casa de Cultura de Santo Amaro, zona sul paulistana. Adriano Vazini/Folhapress

Conheça 10 rodas de samba nas periferias de SP

Grupos tradicionais retomam apresentações, muitas delas gratuitas, após pausa de dois anos por causa da Covid-19

Jairo Malta

SÃO PAULO Logo após a música "Acendeu à Vela" ser cantada, uma chama é acesa no centro da roda de samba. O fogo é então protegido por um vidro — não só para evitar que um vento o apague, já que os músicos só entram os sambas enquanto o pavio estiver flamejando, mas por que aquela pequena labare representa também uma pequena esperança.

Foi assim que a Comunidade de Samba da Vela, roda tradicional que toca na Casa de Cultura de Santo Amaro, retomou as atividades na segunda-feira, dia 2, após uma pausa forçada de dois anos por causa da pandemia de coronavírus.

Mas não foi só o Samba da Vela que guardou o cavacalho no armário — nem a única roda que resolveu voltar a ter público presencialmente neste mês de maio. No extremo sul da capital, o Pagode da 27, que retomou as apresentações após dois anos sem festa, algo inédito nos 15 anos em que promove sua música em uma estreita rua na região do Grajaú. O mesmo ocorreu com o Samba da Praça, também no mesmo bairro.

"Foi duro aguentar todo esse tempo, mas agora estamos livres para fazer o samba", comenta Jefferson Santiago, um dos músicos do Pagode da 27. "Aguardamos o uso de máscara ser liberado totalmente em espaços públicos".

Os motivos foram os mesmos citados por José Marilton da Cruz, mais conhecido como Chapinha, que juntou os amigos sambistas para fundar o Samba da Vela.

"O público do samba é sempre mais velho, então pensamos na segurança e na saúde dos visitantes para poder retornar", diz ele, justificando o porquê dessa volta ocorrer apenas em maio, enquanto a cidade vê baladas e blocos de Carnaval cheios há semanas. Quem frequenta o Samba da Vela, que existe há 22 anos, não precisa se preocupar em saber todas as músicas de cor. Logo no início, como em uma

manifestação religiosa, todos recebem um caderninho com as letras que vão ser cantadas durante a noite. No fim, para quem aguentou as quase três horas de duração, tigelas com caldos e sopas são oferecidas aos visitantes.

"Nós aqui de Santo Amaro estávamos com saudade do

samba, da comunidade reunida e, claro, da sopa no fim", conta Adailto Ferreira, que mora próximo à Casa de Cultura. "Agora não preciso mais me preocupar com a janta de segunda", conta Ferreira.

No Samba da Vela, o chapéu panamá, a camisa social e a recepção calorosa dão a impressão de que todos se conhecem por lá — mas quando Chapinha pede que os sambistas de primeira viagem levem teta a mão, bem mais da metade do salão ergue o braço.

"Sempre tem uns 30% de público novo", afirma ele. No evento de Santo Amaro, as pessoas geralmente ficam sentadas e é incomum ver gente dançando. Tampouco são vendidas bebidas no local. Quem quiser se arriscar numa cerveja pode comprar pelas redondezas e entrar na casa com copos plásticos. A entrada é gratuita, mas uma plaquinha na porta sugere a contribuição de R\$ 5 para custear os cadernos com as letras e as sopas.

Esse cenário é completamente diferente no Pagode da 27, por exemplo, que é apresentado na rua aos domingos, de forma gratuita. Ali a roda tem pessoas sambando, com os músicos sentados em frente ao bar que leva o nome do grupo, o que facilita que a cerveja também não de entre todos os presentes.

Já o Samba da Praça, marcado aos sábados, lembra mais um show a céu aberto, próximo a bares e também de graça. Uma tradição dos frequentadores mais antigos é almoçar uma feijoada ou o tradicional churrasco do Bar da Praça, estabelecimento que fica do outro lado da rua, antes de a música começar a rolar.

Já de volta ao Samba da Vela, próximo ao pagar da chama e com o samba mais vazio, Chapinha lembra que a volta da roda serve de comemoração, mas também de reflexão. "Muitos amigos, compositores, sambistas e frequentadores nos deixaram por conta dessa doença terrível nos últimos anos. Este momento é para nos lembrarmos de que o samba não pode parar".

10 lugares para sambar

Bate-Fundo

R. Igará Paraná, 37A, Vila Emir, região sul. Sáb e seg., às 18h. R\$ 15

Pagode da 27

R. Manuel Guilherme dos Reis, 500, Parque Grajaú, região sul. Dom., às 14h. Grátis

Pagode na Disciplina

R. Oldegar Olsen Sapucaia, 433, Jardim Miriam, região sul. Dom., às 14h. Grátis

Projeto Samba no Asfalto

R. Rev. João Euclides Pereira, 308, Ermelino Matarazzo, Seg. e ter., às 20h: sáb e dom., às 14h. Valor mensal de R\$ 20

Quem Samba Fica

R. Augusto Ferreira de Moraes, 259, lgo. do Socorro, região sul. Sáb., às 19h. R\$ 15

Samba do Congo

R. Manoel de Souza Azevedo, 48, Morro Grande, região norte. Ter., às 19h30. Grátis

Samba da Laje

R. Landi, 79, Vila Santa Catarina, região sul. 2º domingo do mês, às 15h. llig de alimento

Samba do Olaria

R. Gaspar Barreto, 387, Vila Alpina, região leste. 2º domingo do mês, às 17h. Grátis

Samba da Praça Grajaú

R. Eduardo Ramos s/nº, Pq. América, região sul. Volta em 7/5. Sáb., às 17h. Grátis

Samba da Vela

Pça. Dr. Francisco Ferreira Lopes, 434, Santo Amaro, região sul. Seg., às 20h30. Grátis

teatro bradesco

administrado por OPUS

teatro físico

CONFIRA A PROGRAMAÇÃO PARA O MÊS DE MAIO

COMPANHIA DE TEATRO DE SÃO PAULO

| | |
|--|--|
| <p>07 MAI TIQUEQUÊ</p> | <p>08 MAI ZIZI E LUIZA POSSI</p> |
| <p>14 MAI RAFAEL PORTUGAL</p> | <p>15 MAI ELVIS THE KING IS BACK</p> |
| <p>19 A 22 MAI 9ª SINFONIA</p> | <p>28 MAI BLITZ</p> |

Confira a programação completa nas redes sociais ou em TEATROBRADESCO.com.br

Benefício de 50% DE DESCONTO* para clientes Bradesco.

*Sujeito a limitação de ingressos.

Patrocínio:

Apóio Cultural:

Administrado por:

CONFIRAR A CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA DE CADA EVENTO. EVITAR O CONSUMO DE ALCOOL E O USO DE DROGAS. RESPEITAR AS REGRAS DE SEGURANÇA. RESPEITAR O AMBIENTE.

Como disparada do preço do petróleo, Petrobras lucra R\$ 44,5 bi no trimestre

Resultado é o 3º melhor de uma empresa aberta no Brasil; estatal distribuirá R\$ 48,5 bi em dividendos

Nicola Pamplona

RIO DE JANEIRO Impulsionada pela escalada do preço do petróleo após o início da Guerra da Ucrânia, a Petrobras fechou o primeiro trimestre de 2022 com lucro de R\$ 44,5 bilhões. O resultado, divulgado nesta quinta (5), é o terceiro melhor já registrado por uma companhia aberta no Brasil.

Os elevados lucros e dividendos da estatal são alvo de críticas na oposição e no próprio governo, diante da alta dos preços dos combustíveis. Após divulgação, o presidente Jair Bolsonaro (PL) classificou o lucro da estatal como "estupro" e pediu a empresa que não faça novos reajustes.

A Petrobras, no entanto, também é alvo de críticas de postos e importadores, que reclamam da falta de reajustes e consequente defasagem em relação aos preços internacionais. Esse cenário está criando um "racionalismo seletivo", ao prejudicar empresas de menor porte, incapazes de importar.

Nova alta do diesel pode deixar cidades sem ônibus, dizem empresas

Quem depende do transporte público pode enfrentar uma falta generalizada de ônibus caso ocorra um novo aumento do diesel, diz a Associação Nacional das Empresas de Transportes Urbanos (NTU). Segundo a entidade, as operadoras serão obrigadas a racionalizar o combustível e a oferecer apenas viagens no horário de pico, entre as 5h e as 8h e entre as 17h e as 19h da noite. No resto do tempo, os ônibus terão de ficar parados na garagem. "As empresas serão obrigadas a adotar essa medida radical, por não suportarem mais os sucessivos aumentos de custos e os prejuízos", disse o presidente da NTU, Francisco Christovam. A entidade representa cerca de 400 empresas, de 2.901 municípios.

A Petrobras também anunciou a distribuição de R\$ 48,5 bilhões em dividendos aos seus acionistas.

A frente do lucro trimestral está apenas outros dois resultados da própria estatal, registrados no quarto trimestre de 2020 e no segundo de 2021, segundo levantamento feito por Einar Rivero com dados da TC/Econômica.

De acordo com a Petrobras, o desempenho no primeiro trimestre de 2022 foi beneficiado pela valorização do petróleo, por maiores exportações e por melhores margens na venda de diesel, compensados negativamente pelo menor volume de vendas de derivados.

No relatório entregue ao mercado, o novo presidente da estatal, José Mauro Coelho, disse que o resultado deve "ao fato de termos agora uma Petrobras saneada, que reduziu encargos com pagamento de dívidas, investiu com responsabilidade e opera com eficiência".

A distribuição dos dividendos, da companhia, está alinhada à sua política de remuneração aos acionistas, que prevê a distribuição de 66% da diferença entre o fluxo de caixa e investimentos caso o endividamento bruto fique menor do que US\$ 65 bilhões no trimestre, ficou em US\$ 58,5 bilhões.

"A aprovação do dividendo proposto é compatível com a sustentabilidade financeira da companhia e está alinhada ao compromisso de geração de valor para a sociedade e para os acionistas, assim como as melhores práticas da indústria mundial de petróleo e gás natural", afirmou a empresa, em nota.

O resultado do primeiro trimestre vem logo depois do maior lucro anual da história da companhia, de R\$ 75,6 bilhões, o que levou a empresa a distribuir R\$ 101,4 bilhões em dividendos a seus acionistas.

Com os mega-aumentos nos preços dos combustíveis anunciados no dia 11 de março, o preço médio dos derivados vendidos pela estatal ficou em R\$ 544,25 por barril, alta de 12% em relação ao último

A Petrobras sob Bolsonaro

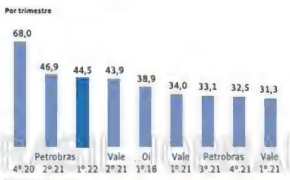
Lucro ou prejuízo, em R\$ bilhões*



Preço médio dos combustíveis vendidos pela empresa, em R\$ por barril*



Maiores lucros trimestrais de companhias abertas brasileiras, em R\$ bilhões*



*Corrigido pelo IPCA. Fonte: Petrobras e I/Econômica

Petrobras, estamos em guerra.

Petrobras, não aumente mais o preço dos combustíveis. O lucro de vocês é um estupro, é um absurdo. Vocês não podem aumentar mais o preço do combustível

Jair Bolsonaro nesta quinta (5), em sua live semanal.

Resultado é um "estupro" e "absurdo", afirma Bolsonaro

Ricardo Della Cetta

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) afirmou nesta quinta-feira (5) que o lucro de R\$ 44,5 bilhões da Petrobras no primeiro trimestre é um "estupro" e um "absurdo". "Petrobras, estamos em guerra. Petrobras, não aumente mais o preço dos combustíveis. O lucro de vocês é um estupro, é um absurdo. Vocês não podem aumentar mais o preço do combustível", declarou o presidente, durante sua live semanal.

"A gente apela para a Petrobras: não reajuste o preço dos combustíveis. Vocês estão tendo um lucro absurdo. Se continuar tendo lucro dessa forma e aumentando o preço dos combustíveis, vai quebrar o Brasil", disse o presidente, em outro momento da transmissão.

Bolsonaro afirmou na live que "não mandaria a Petrobras e seria uma 'irresponsabilidade' interferir na empresa. No entanto, adotou um tom duro contra a empresa ao chamar o resultado também de "crime" e de "inadmissível".

"Eu não posso entender, poder-se que eu esteja equivocada", disse a Petrobras, durante a crise da pandemia e agora a guerra na Ucrânia, fatos que ela considera "horrores". O lucro da Petrobras é maior com a crise, isso é um crime, é inadmissível", afirmou.

Ele argumenta ainda que petroleiros internacionais estão trabalhando com margens de lucro menores por causa da crise internacional desestabilizada com a Guerra da Ucrânia.

"Se tiver mais um aumento de combustível, pode quebrar o Brasil e o pessoal da Petrobras não entende; ou não querem entender, ou só estão de olho no lucro", disse Bolsonaro.

Apesar das reclamações de Bolsonaro, dados apontam que a Petrobras tem operado com valores defasados em relação à cotação internacional.

De acordo com dados da Abicom (Associação Brasileira dos Importadores de Combustíveis), nesta quinta o preço médio do diesel nas refinarias brasileiras estava R\$ 1,59 abaixo da paridade internacional, conceito que, mais uma vez, poderia trazer o produto dos Estados Unidos.

Leis mais sobre Petrobras e combustíveis nas pág. 2 e 3

Postos falam em racionalismo seletivo com defasagem de preços

RIO DE JANEIRO A defasagem entre os preços internos dos combustíveis e a cotação internacional levou a pressão de setores por reajustes da Petrobras, principalmente no caso do diesel, que se descolou das cotações internacionais do petróleo nas últimas semanas.

Distribuidoras e importadores ressaltam para o risco de restrições no abastecimento em regiões mais dependentes de importações, como o Nordeste. Para os postos, está havendo um "racionalismo seletivo" na oferta dos produtos.

De acordo com a Abicom (Associação Brasileira dos Importadores de Combustíveis), nesta quinta (5) o preço médio do diesel nas refinarias brasileiras estava R\$ 1,59 abaixo da paridade de importação, que simula quanto custaria trazer o produto dos Estados Unidos.

Na gasolina, a defasagem é menor: de R\$ 0,80 por litro. Ainda assim, maior valor desde o início de março, um dia antes dos mega-aumentos promovidos pela Petrobras para acompanhar a alta do petróleo após o início da Guerra da Ucrânia.

Nos 56 dias após os últimos reajustes, a defasagem no preço do diesel subiu R\$ 1,34 por

litro, já na gasolina, a alta acumulada é de R\$ 0,40 por litro. A empresa diz que a defasagem em todos os pilos de importação no país.

A Petrobras diz que não repassa imediatamente ao consumidor as volatilidades internacionais, mas o longo período de defasagens preocupa o mercado, já que parte da demanda de gasolina e diesel nos postos é atendida por produtos importados.

As importações são feitas pela Petrobras, por grandes distribuidoras de combustíveis e por empresas independentes, que fornecem também para distribuidoras de menor porte.

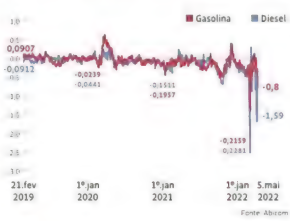
Os dois primeiros grupos conseguem diluir as perdas nos altos volumes de venda, mas empresas menores dizem que prejuízos na compra de produtos importados podem gerar dificuldades financeiras.

O presidente da Fecomerc (Federação do Comércio Varejista de Combustíveis e Lubrificantes), Paulo Miranda, diz que a situação provoca um "racionalismo seletivo" no setor, ao reduzir o poder de competição das empresas menores.

"Distribuidoras pequenas, que têm compra muito me-

Defasagem média em relação à paridade de importação

Quando a linha está acima de 0, a empresa está vendendo mais caro do que a paridade de importação. Quando está abaixo, o preço de venda pela estatal está mais barato, em R\$ por litro



Distribuidoras pequenas não conseguem fazer a importação, pagando mais caro e misturando com produtos que compram da Petrobras aqui. Então, acabam aliadas do processo

Paulo Miranda presidente da Fecomerc

nor das refinarias, não conseguem fazer a importação, pagando muito mais caro e misturando com produtos que compram da Petrobras aqui", diz Miranda. "Então acabam aliadas do processo".

O mercado espera que a Petrobras tome a decisão por reajustes em breve.

"Considerando o modelo de governança, acreditamos que um aumento de preço pode ocorrer a curto prazo", escreveram, em relatório, os analistas Bruno Amorim, João Frizzo e Guilherme Costa Martins, do Goldman Sachs.

Na avaliação deles, as elevadas margens de refino aliadas a ganhos resultando a estatal na venda de combustíveis, mas a elevada defasagem pode desencorajar importadores a complementar a oferta dos produtos.

Entre 2016 e 2021, dizem, cerca de 22% do mercado brasileiro de diesel foi atendido com produtos importados. Na gasolina, a importação respondeu, em média, por 13% da oferta nesse período.

Os últimos reajustes promovidos pela Petrobras levaram à demissão do segundo presidente da companhia durante o governo Bolsonaro, o gene-

ral Joaquim Silva e Luna, dando o início a um conturbado processo de mudança de comando na estatal.

Se substituído, José Mauro Coelho, assumiu defendendo a política de preços dos combustíveis, conceito que ele usou para ele foi justamente o risco de desabastecimento do mercado por falta de importações privadas dos produtos.

A escalada dos preços dos combustíveis tem sido um dos principais alvos de preocupação do presidente Jair Bolsonaro (PL) e o oficial do fôto, em eleições anteriores, a estatal já foi chamada a colaborar com o governo: em 2022, suspendeu reajustes de gás de botijão após críticas do deputado federal, e em 2021, teve diversos pedidos de reajustes negados pelo então ministro da Fazenda, Guido Mantega. NP

mercado

PAINEL S.A.

Joana Cunha
joana@siglopubli.com.br

Nem tudo são flores

A disparada no preço das flores às vésperas do Dia das Mães provocou uma queda de braço entre floriculturas e produtores. O receio de que a melhor data de vendas no ano seja um fracasso virou um grande debate no setor nesta quinta-feira (5). Quem cultura e leilão em Holambra (SP) afirma que se trata apenas de equilíbrio entre oferta e demanda, mas os varejistas defendem que é preciso negociar porque o desequilíbrio atual no mercado tem raízes na pandemia.

ADUO Renato Olpitz, diretor do Ibrafor, que representa os produtores, diz que até a semana passada, a escassez de flores não era um assunto de grande preocupação no setor, mas maio trouxe uma retomada mais forte das festas e casamentos, elevando a tensão na demanda. "Muitos floristas e decoradores se programaram e compraram antecipado. Mas teve alguns que deixaram para uma última hora", afirma.

PÉTALA A florista Raquel Franzini, que administra um perfil de rede social que divulga manifestações dos dois lados do debate, diz que o aumento das compras gerou algumas variedades. "Se torna impraticável um florista conseguir margem de lucro com um valor de flor assim, e um produtor promete alguma coisa a cliente em uma festa que vai acontecer muito tempo depois", afirma Franzini.

ESPUMA O sabão em pó vem chamando a atenção entre os produtores afetados pelo desequilíbrio nos estoques diante da inflação e de outros fatores que o setor enfrenta, como a operação-padrão da Receita.

VARAL Indicadores de ruptura nas gôndolas, que medem a falta do produto no ponto de consumo, mostram uma piora de 12,7% em fevereiro para 32% em abril, segundo a Neogrid, que acompanha a cadeia de suprimentos.

SEGURANÇA A Agrishow, que movimentou mais de R\$ 1 bilhão na semana passada, foi alvo de determinação da Justiça para interromper serviços de desmontagem da feira. A 6ª Vara do Trabalho de Ribeirão Preto atendeu a um pedido do Ministério Público do Trabalho e determinou a paralisação de atividades nas instalações elétricas em altura na estrutura do evento.

JORNADA A decisão aconteceu após um acidente com um trabalhador na montagem de estandes. "Ao fazer a manutenção de um transformador, no alto de um poste, ele foi vítima de eletrocussão, levando à amputação de uma de suas mãos", diz o MPT. O órgão fala em falta de cinto de segurança e instalações elétricas com partes energizadas expostas.

com Andressa Motter e Paulo Ricardo Martins

INDICADORES

| JUROS | | | |
|------------------------------|--------------------------------------|--------|--------|
| | Var. em % em relação ao mês anterior | Mínimo | Máximo |
| Adi | 77,1 | 8,00 | 8,43 |
| Adi | 1.903,98 | | |
| De 1.903,98 até 2.826,65 | | | |
| De 2.826,65 até 3.751,05 | | | |
| De 3.751,05 até 4.684,88 | | | |
| De 4.684,88 até 5.618,71 | | | |
| De 5.618,71 até 6.552,54 | | | |
| De 6.552,54 até 7.486,37 | | | |
| De 7.486,37 até 8.420,20 | | | |
| De 8.420,20 até 9.354,03 | | | |
| De 9.354,03 até 10.287,86 | | | |
| De 10.287,86 até 11.221,69 | | | |
| De 11.221,69 até 12.155,52 | | | |
| De 12.155,52 até 13.089,35 | | | |
| De 13.089,35 até 14.023,18 | | | |
| De 14.023,18 até 14.957,01 | | | |
| De 14.957,01 até 15.890,84 | | | |
| De 15.890,84 até 16.824,67 | | | |
| De 16.824,67 até 17.758,50 | | | |
| De 17.758,50 até 18.692,33 | | | |
| De 18.692,33 até 19.626,16 | | | |
| De 19.626,16 até 20.560,00 | | | |
| De 20.560,00 até 21.493,83 | | | |
| De 21.493,83 até 22.427,66 | | | |
| De 22.427,66 até 23.361,50 | | | |
| De 23.361,50 até 24.295,33 | | | |
| De 24.295,33 até 25.229,16 | | | |
| De 25.229,16 até 26.163,00 | | | |
| De 26.163,00 até 27.096,83 | | | |
| De 27.096,83 até 28.030,66 | | | |
| De 28.030,66 até 28.964,50 | | | |
| De 28.964,50 até 29.898,33 | | | |
| De 29.898,33 até 30.832,16 | | | |
| De 30.832,16 até 31.766,00 | | | |
| De 31.766,00 até 32.699,83 | | | |
| De 32.699,83 até 33.633,66 | | | |
| De 33.633,66 até 34.567,50 | | | |
| De 34.567,50 até 35.501,33 | | | |
| De 35.501,33 até 36.435,16 | | | |
| De 36.435,16 até 37.369,00 | | | |
| De 37.369,00 até 38.302,83 | | | |
| De 38.302,83 até 39.236,66 | | | |
| De 39.236,66 até 40.170,50 | | | |
| De 40.170,50 até 41.104,33 | | | |
| De 41.104,33 até 42.038,16 | | | |
| De 42.038,16 até 42.972,00 | | | |
| De 42.972,00 até 43.905,83 | | | |
| De 43.905,83 até 44.839,66 | | | |
| De 44.839,66 até 45.773,50 | | | |
| De 45.773,50 até 46.707,33 | | | |
| De 46.707,33 até 47.641,16 | | | |
| De 47.641,16 até 48.575,00 | | | |
| De 48.575,00 até 49.508,83 | | | |
| De 49.508,83 até 50.442,66 | | | |
| De 50.442,66 até 51.376,50 | | | |
| De 51.376,50 até 52.310,33 | | | |
| De 52.310,33 até 53.244,16 | | | |
| De 53.244,16 até 54.178,00 | | | |
| De 54.178,00 até 55.111,83 | | | |
| De 55.111,83 até 56.045,66 | | | |
| De 56.045,66 até 56.979,50 | | | |
| De 56.979,50 até 57.913,33 | | | |
| De 57.913,33 até 58.847,16 | | | |
| De 58.847,16 até 59.781,00 | | | |
| De 59.781,00 até 60.714,83 | | | |
| De 60.714,83 até 61.648,66 | | | |
| De 61.648,66 até 62.582,50 | | | |
| De 62.582,50 até 63.516,33 | | | |
| De 63.516,33 até 64.450,16 | | | |
| De 64.450,16 até 65.384,00 | | | |
| De 65.384,00 até 66.317,83 | | | |
| De 66.317,83 até 67.251,66 | | | |
| De 67.251,66 até 68.185,50 | | | |
| De 68.185,50 até 69.119,33 | | | |
| De 69.119,33 até 70.053,16 | | | |
| De 70.053,16 até 70.987,00 | | | |
| De 70.987,00 até 71.920,83 | | | |
| De 71.920,83 até 72.854,66 | | | |
| De 72.854,66 até 73.788,50 | | | |
| De 73.788,50 até 74.722,33 | | | |
| De 74.722,33 até 75.656,16 | | | |
| De 75.656,16 até 76.590,00 | | | |
| De 76.590,00 até 77.523,83 | | | |
| De 77.523,83 até 78.457,66 | | | |
| De 78.457,66 até 79.391,50 | | | |
| De 79.391,50 até 80.325,33 | | | |
| De 80.325,33 até 81.259,16 | | | |
| De 81.259,16 até 82.193,00 | | | |
| De 82.193,00 até 83.126,83 | | | |
| De 83.126,83 até 84.060,66 | | | |
| De 84.060,66 até 84.994,50 | | | |
| De 84.994,50 até 85.928,33 | | | |
| De 85.928,33 até 86.862,16 | | | |
| De 86.862,16 até 87.796,00 | | | |
| De 87.796,00 até 88.729,83 | | | |
| De 88.729,83 até 89.663,66 | | | |
| De 89.663,66 até 90.597,50 | | | |
| De 90.597,50 até 91.531,33 | | | |
| De 91.531,33 até 92.465,16 | | | |
| De 92.465,16 até 93.399,00 | | | |
| De 93.399,00 até 94.332,83 | | | |
| De 94.332,83 até 95.266,66 | | | |
| De 95.266,66 até 96.200,50 | | | |
| De 96.200,50 até 97.134,33 | | | |
| De 97.134,33 até 98.068,16 | | | |
| De 98.068,16 até 99.002,00 | | | |
| De 99.002,00 até 99.935,83 | | | |
| De 99.935,83 até 100.869,66 | | | |
| De 100.869,66 até 101.803,50 | | | |
| De 101.803,50 até 102.737,33 | | | |
| De 102.737,33 até 103.671,16 | | | |
| De 103.671,16 até 104.605,00 | | | |
| De 104.605,00 até 105.538,83 | | | |
| De 105.538,83 até 106.472,66 | | | |
| De 106.472,66 até 107.406,50 | | | |
| De 107.406,50 até 108.340,33 | | | |
| De 108.340,33 até 109.274,16 | | | |
| De 109.274,16 até 110.208,00 | | | |
| De 110.208,00 até 111.141,83 | | | |
| De 111.141,83 até 112.075,66 | | | |
| De 112.075,66 até 113.009,50 | | | |
| De 113.009,50 até 113.943,33 | | | |
| De 113.943,33 até 114.877,16 | | | |
| De 114.877,16 até 115.811,00 | | | |
| De 115.811,00 até 116.744,83 | | | |
| De 116.744,83 até 117.678,66 | | | |
| De 117.678,66 até 118.612,50 | | | |
| De 118.612,50 até 119.546,33 | | | |
| De 119.546,33 até 120.480,16 | | | |
| De 120.480,16 até 121.414,00 | | | |
| De 121.414,00 até 122.347,83 | | | |
| De 122.347,83 até 123.281,66 | | | |
| De 123.281,66 até 124.215,50 | | | |
| De 124.215,50 até 125.149,33 | | | |
| De 125.149,33 até 126.083,16 | | | |
| De 126.083,16 até 127.017,00 | | | |
| De 127.017,00 até 127.950,83 | | | |
| De 127.950,83 até 128.884,66 | | | |
| De 128.884,66 até 129.818,50 | | | |
| De 129.818,50 até 130.752,33 | | | |
| De 130.752,33 até 131.686,16 | | | |
| De 131.686,16 até 132.620,00 | | | |
| De 132.620,00 até 133.553,83 | | | |
| De 133.553,83 até 134.487,66 | | | |
| De 134.487,66 até 135.421,50 | | | |
| De 135.421,50 até 136.355,33 | | | |
| De 136.355,33 até 137.289,16 | | | |
| De 137.289,16 até 138.223,00 | | | |
| De 138.223,00 até 139.156,83 | | | |
| De 139.156,83 até 140.090,66 | | | |
| De 140.090,66 até 141.024,50 | | | |
| De 141.024,50 até 141.958,33 | | | |
| De 141.958,33 até 142.892,16 | | | |
| De 142.892,16 até 143.826,00 | | | |
| De 143.826,00 até 144.759,83 | | | |
| De 144.759,83 até 145.693,66 | | | |
| De 145.693,66 até 146.627,50 | | | |
| De 146.627,50 até 147.561,33 | | | |
| De 147.561,33 até 148.495,16 | | | |
| De 148.495,16 até 149.429,00 | | | |
| De 149.429,00 até 150.362,83 | | | |
| De 150.362,83 até 151.296,66 | | | |
| De 151.296,66 até 152.230,50 | | | |
| De 152.230,50 até 153.164,33 | | | |
| De 153.164,33 até 154.098,16 | | | |
| De 154.098,16 até 155.032,00 | | | |
| De 155.032,00 até 155.965,83 | | | |
| De 155.965,83 até 156.899,66 | | | |
| De 156.899,66 até 157.833,50 | | | |
| De 157.833,50 até 158.767,33 | | | |
| De 158.767,33 até 159.701,16 | | | |
| De 159.701,16 até 160.635,00 | | | |
| De 160.635,00 até 161.568,83 | | | |
| De 161.568,83 até 162.502,66 | | | |
| De 162.502,66 até 163.436,50 | | | |
| De 163.436,50 até 164.370,33 | | | |
| De 164.370,33 até 165.304,16 | | | |
| De 165.304,16 até 166.238,00 | | | |
| De 166.238,00 até 167.171,83 | | | |
| De 167.171,83 até 168.105,66 | | | |
| De 168.105,66 até 169.039,50 | | | |
| De 169.039,50 até 169.973,33 | | | |
| De 169.973,33 até 170.907,16 | | | |
| De 170.907,16 até 171.841,00 | | | |
| De 171.841,00 até 172.774,83 | | | |
| De 172.774,83 até 173.708,66 | | | |
| De 173.708,66 até 174.642,50 | | | |
| De 174.642,50 até 175.576,33 | | | |
| De 175.576,33 até 176.510,16 | | | |
| De 176.510,16 até 177.444,00 | | | |
| De 177.444,00 até 178.377,83 | | | |
| De 178.377,83 até 179.311,66 | | | |
| De 179.311,66 até 180.245,50 | | | |
| De 180.245,50 até 181.179,33 | | | |
| De 181.179,33 até 182.113,16 | | | |
| De 182.113,16 até 183.047,00 | | | |
| De 183.047,00 até 183.980,83 | | | |
| De 183.980,83 até 184.914,66 | | | |
| De 184.914,66 até 185.848,50 | | | |
| De 185.848,50 até 186.782,33 | | | |
| De 186.782,33 até 187.716,16 | | | |
| De 187.716,16 até 188.650,00 | | | |
| De 188.650,00 até 189.583,83 | | | |
| De 189.583,83 até 190.517,66 | | | |
| De 190.517,66 até 191.451,50 | | | |
| De 191.451,50 até 192.385,33 | | | |
| De 192.385,33 até 193.319,16 | | | |
| De 193.319,16 até 194.253,00 | | | |
| De 194.253,00 até 195.186,83 | | | |
| De 195.186,83 até 196.120,66 | | | |
| De 196.120,66 até 197.054,50 | | | |
| De 197.054,50 até 197.988,33 | | | |
| De 197.988,33 até 198.922,16 | | | |
| De 198.922,16 até 199.856,00 | | | |
| De 199.856,00 até 200.789,83 | | | |
| De 200.789,83 até 201.723,66 | | | |
| De 201.723,66 até 202.657,50 | | | |
| De 202.657,50 até 203.591,33 | | | |
| De 203.591,33 até 204.525,16 | | | |
| De 204.525,16 até 205.459,00 | | | |
| De 205.459,00 até 206.392,83 | | | |
| De 206.392,83 até 207.326,66 | | | |
| De 207.326,66 até 208.260,50 | | | |
| De 208.260,50 até 209.194,33 | | | |
| De 209.194,33 até 210.128,16 | | | |
| De 210.128,16 até 211.062,00 | | | |
| De 211.062,00 até 211.995,83 | | | |
| De 211.995,83 até 212.929,66 | | | |
| De 212.929,66 até 213.863,50 | | | |
| De 213.863,50 até 214.797,33 | | | |
| De 214.797,33 até 215.731,16 | | | |
| De 215.731,16 até 216.665,00 | | | |
| De 216.665,00 até 217.598,83 | | | |
| De 217.598,83 até 218.532,66 | | | |
| De 218.532,66 até 219.466,50 | | | |
| De 219.466,50 até 220.400,33 | | | |
| De 220.400,33 até 221.334,16 | | | |
| De 221.334,16 até 222.268,00 | | | |
| De 222.268,00 até 223.201,83 | | | |
| De 223.201,83 até 224.135,66 | | | |
| De 224.135,66 até 225.069,50 | | | |
| De 225.069,50 até 226.003,33 | | | |
| De 226.003,33 até 226.937,16 | | | |

| IMPOSTO DE RENDA | | | |
|--------------------------|--------------------------------|-----------------|--------|
| | Alíquota, em % sobre o imposto | Dedução, em R\$ | |
| Até 1.903,98 | | | |
| De 1.903,98 até 2.826,65 | | 15 | 142,80 |
| De 2.826,65 até 3.751,05 | | 15 | 354,80 |
| De 3.751,05 até 4.684,88 | 22,5 | 636,13 | |
| De 4.684,88 até 5.618,71 | 27,5 | 869,36 | |

De 5.618,71 até 6.552,54

De 6.552,54 até 7.486,37

De 7.486,37 até 8.420,20

De 8.420,20 até 9.354,03

De 9.354,03 até 10.287,86

De 10.287,86 até 11.221,69

De 11.221,69 até 12.155,52

De 12.155,52 até 13.089,35

De 13.089,35 até 14.023,18

De 14.023,18 até 14.957,01

De 14.957,01 até 15.890,84

De 15.890,84 até 16.824,67

De 16.824,67 até 17.758,50

De 17.758,50 até 18.692,33

De 18.692,33 até 19.626,16

De 19.626,16 até 20.560,00

De 20.560,00 até 21.493,83

De 21.493,83 até 22.427,66

De 22.427,66 até 23.361,50

De 23.361,50 até 24.295,33

De 24.295,33 até 25.229,16

De 25.229,16 até 26.163,00

De 26.163,00 até 27.096,83

De 27.096,83 até 28.030,66

De 28.030,66 até 28.964,50

De 28.964,50 até 29.898,33

De 29.898,33 até 30.832,16

De 30.832,16 até 31.766,00

De 31.766,00 até 32.699,83

De 32.699,83 até 33.633,66

De 33.633,66 até 34.567,50

De 34.567,50 até 35.501,33

De 35.501,33 até 36.435,16

De 36.435,16 até 37.369,00

De 37.369,00 até 38.302,83

De 38.302,83 até 39.236,66

De 39.236,66 até 40.170,50

De 40.170,50 até 41.104,33

De 41.104,33 até 42.038,16

De 42.038,16 até 42.972,00

De 42.972,00 até 43.905,83

De 43.905,83 até 44.839,66

De 44.839,66 até 45.773,50

De 45.773,50 até 46.707,33

De 46.707,33 até 47.641,16

De 47.641,16 até 48.575,00

De 48.575,00 até 49.508,83

De 49.508,83 até 50.442,66

De 50.442,66 até 51.376,50

De 51.376,50 até 52.310,33

De

Mercado dá alerta de tumulto à vista

Virada financeira nos Estados Unidos deve afetar um Brasil que mal fica de pé

Vinicius Torres Freire

Journalista, foi secretário de Redação da Folha. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

É provável que tenhamos muito dinheiro preocupante nos próximos meses. O Banco Central americano e os donos do dinheiro do mundo parecem não ter ideia do que será de inflação e taxa de juros. Em um mundo que vive de salários deprimidos, se vive, que discute o golpe e a eleição crucial desta ação, essa conversa de juros nos EUA parece um luxo. Não é. Temos tomado uns aperitivos do problema, como nesta quinta-feira (5) de dólar subindo 2,4% e a Bolsa perdendo o res-

tinho do avanço do ano, abalada pelo tom americano. É fácil perceber o problema que é um dólar mais caro. Mas tem mais. Se os donos do dinheiro não têm noção do destino das taxas de juros nos EUA, do ritmo em que vão subir as dívidas e o mercado financeiro serão mais frequentes os também acentuados (a volatilidade aumentará). Entre outros problemas, não é um ambiente propício para colocar dinheiro em negócio de risco, como no Brasil. Mas tem mais. Em junho, começa a diminuir

o total de dinheiro que o Fed, o BC deles, tem emprestado para o governo e, na maior parte restante, para financiamento imobiliário. Assim como o fez entre 2008 e 2014, desde 2020 o Fed comprava títulos de dívida do governo e imobiliário (o que contava a taxa de juros desses financiamentos). Tem quase US\$ 5 trilhões "empresados" (quase 37% do PIB, ante 18% do PIB antes da epidemia, e 66% do PIB antes da crise de 2008). O BC dos EUA, na prática, subsidiava o governo e a com-

pra de imóveis, além de inflar o preço das ações, graças a tanto dinheiro barato. Acabou a sopa. Não se sabe bem que bicho vai dar, mas é improvável que tal enxugamento não provoque a adição adicional das taxas de juros e redução de demandas de imóveis e outros ativos. Bolsas e títulos de dívida com preços caindo diminuem a riqueza, mais um motivo para a economia desacelerar. Juro mais alto nos EUA e mais risco quer dizer, em tese, dólar mais alto por aqui. Um dólar mais barato era a esperança de

redução mais rápida da inflação (mas não acontece). Para piorar, o preço das commodities (petróleo, grãos) não dá resfresco nos últimos 15 dias, desde quando o dólar chegou a mínimos de ano. Há sinais de que a inflação continuou a acelerar, como o IPC da Fipe de abril (preços na cidade de São Paulo) ou pesquisas como o PMI da Sô-P (que tenta antecipar resultados da atividade econômica). Por falar em Fipe, o índice composto de abril (que junta todas as atividades econômicas) apontou crescimento relevante. É possível que mais gente tenha arrumado algum trabalho, embora o salário médio continue de miséria, em boa parte por causa da inflação. Medidas do governo contínuo para evitar que a economia volte a encolher, mas tem efeito provisório. Esse ambiente de quase estagnação controlada é ameaçado pela inflação

acima de 10% ao ano até setembro, taxas de juros em alta e incertezas mundiais (dos EUA à China de crescimento claudicante por causa de lockdowns). O tamanho do tumulto americano passou a ser um incerto mais forte nessa sopa de incerteza. As guerras do "Oriente" (de Putin contra a Ucrânia) e da China contra a Covid e seus desequilíbrios econômicos ajudam a derrubar o "Occidente". Tudo isso e a virada financeira e política em terra certa. Vamos ter surtos adicionais de problemas econômicos. A questão agora é evitar uma epidemia em 2023.

vinicius.torres@folha.com.br

Governo, Congresso e empresas pressionam estados por ICMS

Governadores são acusados de driblar lei que baixaria preços de combustíveis

Nicola Pamplona e Fábio Pupo

RIO DE JANEIRO E BRASÍLIA. Os governadores voltaram a sofrer pressão da classe política por causa da tributação cobrada sobre combustíveis. Congresso, Ministério da Economia e empresas criticam os valores praticados pelos estados, que são acusados de driblar uma lei recém sancionada para não baixar as alíquotas. No caso das empresas, dis tribuidoras e postos de combustíveis reclamam que estados contornam o congelamento do ICMS cobrando a diferença entre a alíquota fixa e os preços mais elevados nas bombas.

No Paraná, empresas conseguiram uma liminar contra a secretaria de Fazenda. Em Santa Catarina, postos dizem que a cobrança aumenta os preços nas bombas. O setor teme que, com a possibilidade de novos reajustes, outros estados passem a adotar a estratégia.

O congelamento de ICMS foi anunciado em setembro para tentar reduzir a pressão sobre os preços dos combustíveis. Inicialmente, valeria por seis meses, mas em março os governadores prorrogaram a medida até o fim de junho. Os estados congelaram o valor de referência usado para o cálculo do imposto, que é baseado no PMPF (preço médio ponderado ao consumidor final), revisado a cada 15 dias de acordo com pesquisa de preços nos postos.

Com a medida, o valor do PMPF em reais por litro dei-



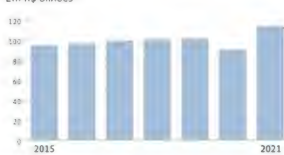
POSTOS JÁ MOSTRAM PREÇO DA GASOLINA COM DUAS CASAS DECIMAIS

Nova regra para a exibição dos valores de combustíveis começa a valer em todo o país a partir deste sábado (7) e se aplica também aos visores das bombas

Avulso Gomes/Folhapress

Arrecadação de ICMS sobre petróleo e combustíveis

Em R\$ bilhões*



*Compilado pelo IPCA | Fonte: Confaz

xou de acompanhar as altas nas bombas. Mas em alguns estados, o imposto pode ser cobrado também pela MVA (marque de valor agregado), que está relacionada ao preço real de venda dos produtos.

As legislações determinam a cobrança do maior valor entre os dois, e os preços mais altos nas refinarias e importações, o MVA passou a valer mais que o PMPF. Nas importações que chegam pelo Paraná, a diferença entre os dois chegou a bater R\$ 0,20 por litro.

Em Santa Catarina, o sindicato dos postos questiona a cobrança de um complemento de ICMS sobre a diferença entre o preço de bomba e o preço do PMPF congelado em setembro de 2021. No setor de combustíveis, o imposto é recolhido na refinaria, em um modelo conhecido como substituição tributária.

O governo do estado afirma que esse tipo de cobrança ocorre desde antes do congelamento do ICMS. "Se em 2021, foram devolvidos R\$ 168.602,272,12 em restituição com efetiva transferência de crédito", diz em nota. Quando o imposto cobrado na refinaria é maior que o preço final, diz a secretaria de Fazenda, o estado devolve o dinheiro.

Para tentar simplificar a cobrança do imposto estadual sobre os combustíveis, o Congresso aprovou em março, com apoio do governo federal, lei que determina a cobrança de uma alíquota única em reais por litro, que valeria para todos os estados.

No caso do diesel, um modelo de transição deveria começar a valer em abril, com a cobrança de uma alíquota equivalente à média dos últimos

Com a cobrança pelo MVA, o Sindicato (Sindicato das Empresas Distribuidoras de Combustíveis e Lubrificantes) e importadores foram à Justiça para garantir a alíquota congelada.

Ojuiz Eduardo Lourenço Baia, da Secretaria Unificada das Ações de Fazenda Pública da Justiça de Curitiba, disse em sua liminar que a aplicação do MVA "enjaia desrespeito ao que restou assentado pelo Confaz (Conselho Nacional de Política Fazendária) e acarreta ofensa à segurança jurídica".

O governo do Paraná diz que o uso do MVA foi temporário, respeitando o regulamento do ICMS no estado, e suspenso após entendimento do Confaz, em 13 de abril, sobre o uso do PMPF enquanto durar o congelamento.

Em Santa Catarina, o sindicato dos postos questiona a cobrança de um complemento de ICMS sobre a diferença entre o preço de bomba e o preço do PMPF congelado em setembro de 2021. No setor de combustíveis, o imposto é recolhido na refinaria, em um modelo conhecido como substituição tributária.

O governo do estado afirma que esse tipo de cobrança ocorre desde antes do congelamento do ICMS. "Se em 2021, foram devolvidos R\$ 168.602,272,12 em restituição com efetiva transferência de crédito", diz em nota. Quando o imposto cobrado na refinaria é maior que o preço final, diz a secretaria de Fazenda, o estado devolve o dinheiro.

Para tentar simplificar a cobrança do imposto estadual sobre os combustíveis, o Congresso aprovou em março, com apoio do governo federal, lei que determina a cobrança de uma alíquota única em reais por litro, que valeria para todos os estados.

No caso do diesel, um modelo de transição deveria começar a valer em abril, com a cobrança de uma alíquota equivalente à média dos últimos

mos 6 meses. Mas os estados driblaram a determinação ao fixar uma alíquota máxima de R\$ R\$ 1,006 por litro, com possibilidade de descontos para manter a alíquota atual.

A estratégia foi alvo de críticas do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG). Em ofício enviado ao ministro da Economia, Paulo Guedes, que preside o Confaz, Pacheco disse que o modelo adotado não atende às expectativas do consumidor e a determinação do legislador.

Em resposta a Pacheco, o Ministério da Economia afirmou nesta quinta-feira (5) que a lei que diminuiu o ICMS e seus objetivos neutralizados dos pela decisão tomada pelos estados. Para a pasta, isso levou à não redução do imposto do ICMS no valor potencial de até R\$ 2,30 por litro.

O texto do ministério cita, inclusive, que a avaliação da pasta sobre o tema é a mesma externada por Pacheco. Apesar de o presidente do Senado ter enviado a reclamação a Guedes, a pasta afirma que a reunião sobre a decisão foi convocada pelos secretários estaduais e que o ministério tem direito a voto nas deliberações. Segundo a pasta, Guedes chegou a alertar os conselheiros sobre a possível frustração da decisão pelo não atendimento dos objetivos da lei. Segundo a nota, o ministro "seguir a disposição para discussão e avaliação de propostas de alteração da legislação de combustíveis no país".

A escalada dos preços dos combustíveis após o período mais duro da pandemia contribuiu para turbinar a caixa dos estados. Em 2021, a arrecadação de ICMS com petróleo e combustíveis chegou a R\$ 113,9 bilhões, em valores corrigidos pela inflação.

Em uma alta de 12,4% em relação ao verificado em 2019. Em 2020, com a queda nos preços e no consumo, a receita com ICMS somou R\$ 92,2 bilhões, também em valores corrigidos.

Gratuidade de bagagem será mantida, dizem senadores a governo federal e empresas aéreas

Renato Machado

BRASÍLIA. O governo federal e as empresas aéreas defendem nesta quinta (5), em audiência no Senado, que a proibição da cobrança da tarifa para despachar bagagem é "um remédio errado" para a redução dos preços das passagens. No entanto, se depararam com uma forte reação dos senadores, que indicaram que vão manter a gratuidade. As companhias afirmam que a nova regra deve provocar a extinção da tarifa mais barata para quem viaja apenas com bagagens de mão. A discussão se deu em audi-

ência sobre a medida provisória que altera regras do setor aéreo. Participaram diretores de alto escalão do Ministério da Infraestrutura, da Anac (Agência Nacional de Aviação Civil), do Ministério da Economia e do sindicato que representa as empresas aéreas. A MP deve ser votada pelos senadores nas próximas semanas. Na Câmara, foi aprovado um diploma que proíbe a cobrança para despachar bagagem de até 23 quilos em voos nacionais e de uma mala de até 30 quilos nas viagens internacionais.

O presidente da Abear (Associação Brasileira de Em-

presas Aéreas), Eduardo Savioz, afirmou que a proibição da cobrança significaria um retrocesso para o setor, já que a prática de cobrar pelo despacho de bagagens "alinha o Brasil ao planeta".

Governo federal e a Anac afirmaram que alargar a regra das bagagens não é a medida correta para solucionar a alta dos preços das passagens aéreas, que chegam a crescer como "estratosféricas". Um dos argumentos dos que defendem a cobrança é o que isso traz mais segurança jurídica para os investidores e abre espaço para a entrada de novas compa-

as aéreas, principalmente as chamadas ultra-low costs.

"Eu sempre falo nos tribunais: a segurança jurídica no Brasil só é vista para o investidor. Ninguém fala em segurança jurídica para o consumidor. [Diziam] 'tira isso que vai entrar as low costs, vai baixar o preço'. Onde está o preço que baixou?", disse Walter Faia, advogado do Idei (Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor).

O líder do PSD, Nelsoninho Trad (MS), afirmou que as empresas aéreas receberam os maiores pacotes de ajuda do governo federal e do Congresso durante a pandemia.

AVISO IMPORTANTE

A Arcano Administração Financeira Ltda. tomou ciência de que algumas pessoas vêm sendo contactadas através de WhatsApp e ligações telefônicas por pessoas que se dizem seus representantes ou prepostos e oferecem empréstimos. Contudo, a Arcano informa que não oferece empréstimos, e seu nome está sendo utilizado sem autorização. Tais contatos são feitos por pessoas mal-intencionadas com o objetivo de obtenção de valores mediante fraude. Caso tenha recebido ligação, mensagem ou e-mail com esse conteúdo, não forneça seus dados pessoais e bloqueie o remetente para sua segurança. Caso tenha cedido seus dados e/ou efetuado transferências bancárias, procure as autoridades policiais e faça o registro da ocorrência.

mercado

Aversão ao risco derruba Bolsas e faz dólar subir 2,3%, para R\$ 5,01

Mercados reavaliam impacto da alta dos juros nos EUA; Nasdaq tem desvalorização de 5%

Lucas Bombana

SÃO PAULO Após o bom humor tomar conta dos mercados no pregão passado com a perspectiva de que o apertamento monetário nos EUA não seria tão agressivo como alguns estavam esperando, a aversão ao risco voltou a dar as cartas nesta quinta-feira (5).

O dia foi marcado por quedas expressivas das ações nas Bolsas dos EUA e no Brasil, com o dólar voltando a se fortalecer ante o real.

Após iniciar a sessão passada em alta e inverter de tendência na esteira da decisão do Federal Reserve (Fed), o banco central dos Estados Unidos, para fechar em queda de 1,2%, o dólar voltou a ganhar força no mercado local.

Com alta acima de 2% desde a manhã, a valorização da moeda norte-americana se intensificou no início da tarde e chegou a se aproximar dos 5%. No fechamento da sessão, o dólar comercial marcava valorização de 2,28%, cotado a R\$ 5,015 para venda.

Já a Bolsa de Valores brasileira, que fechou na véspera com ganhos de 1,7%, retomou a tendência negativa dos dias anteriores. O Ibovespa encerrou nesta quinta em queda de 2,81%, aos 105.324 pontos.

O movimento está alinhado com o observado no mercado americano — o S&P teve perdas de 3,57%, enquanto o Dow Jones terminou o pregão em baixa de 3,12%. O Nasdaq cedeu 4,99%, maior baixa da Bolsa americana de tecnologia desde 11 de junho de 2022, quando caiu 5,27%.

A aversão também foi marcada por fortes perdas no mercado de criptomoedas. O Bitcoin registrou desvalorização de 5,4%, negociado na faixa dos US\$37 mil, com o desconforto crescente dos investidores sobre a real capacidade dos criptoativos de apresentarem uma boa performance em cenários de juros mais altos.

“Mesmo após um Fed mais duro do que o esperado, o mercado deve seguir cauteloso ante o ambiente desafiador ao crescimento, com as quedas de China e Alemanha divulgadas na virada”, afirma o quarto para hoje [quinta], reforçando esta visão”, diz Victor Beyruti Guglielmi, economista da Dice Investimentos, que relatará.

Havia no mercado até então uma percepção crescente entre os agentes de que o BC americano poderia passar a elevar os juros em 75 pontos percentual, diante da



Venda de suvenires na frente da Bolsa de Valores de NY, cujo índice Dow Jones recuou 3,12% Spencer Platt/Getty Images/ABP

Analistas questionam efetividade do aumento dos juros

Eduardo Cuculo A sinalização do BC de que a taxa básica de juros deverá subir além dos atuais 12,75% ao ano levou ao questionamento das causas e das formas de se lidar com uma inflação que poderá superar o limite da meta pelo terceiro ano consecutivo em 2023. Para alguns analistas, a alta da inflação não é apenas uma questão de oferta e nem um fenômeno temporário,

persistência da pressão inflacionária na região. Presidente do Fed, Jerome Powell afirmou após a decisão que a autoridade monetária não considera uma alta mais forte dos juros americanos neste momento.

A declaração do dirigente, contudo, não parece ter sido suficiente para fazer com que os mercados descartassem por completo a necessidade de um apertamento monetário mais agressivo.

“A inflação do BC de que a taxa básica de juros deverá subir além dos atuais 12,75% ao ano levou ao questionamento das causas e das formas de se lidar com uma inflação que poderá superar o limite da meta pelo terceiro ano consecutivo em 2023. Para alguns analistas, a alta da inflação não é apenas uma questão de oferta e nem um fenômeno temporário,

Bolsa, dólar e juros em 2022



mas também um problema de demanda e de expectativas que continuam a piorar. Pelos princípios do regime de metas que vigora na maioria dos países, reduzir o índice de preços seria a melhor forma de garantir também uma retomada mais rápida do crescimento e do emprego.

Para outros, não há política monetária, no Brasil ou em qualquer outro país, que seja capaz de colocar a inflação e as expectativas em linha com metas de inflação extremamente baixas para um mundo que sofre uma sequência inédita de choques de oferta que pode se estender por aí da mais tempo.

Na quarta-feira (4), o Copom (Comitê de Política Monetária) elevou a taxa básica de juros em mais 1 ponto percentual e afirmou que ante a necessidade de novo aumento em junho, porém de menor magnitude. As taxas dos contratos no mercado financeiro apontam para uma Selic de 13,25% ao final do ano, mas diversos analistas já falam em algo em torno de 14%.

Uma avaliação quase unânime é que o Copom não tem mais como evitar um estouro da meta de inflação pelo segundo ano seguido, em 2022.

A questão é se novos aumentos de juros podem ou não evitar que a carestia se prolongue também por 2023. As projeções do mercado para o índice de preços no Brasil estão em 7,9% neste ano e 4,4% no próximo — sendo que o teto da meta é de 5% e 4,25%, respectivamente.

O BC projeta inflação de 7,3% para 2022 e 3,4% para 2023 (próxima do centro da meta de 5,25% para o próximo ano). José Francisco de Lima Gonçalves, professor do Departamento de Economia da FEA-USP, afirma que é inútil o BC continuar elevando os juros, pois não há retração de demanda que compense os choques de oferta e seja capaz de levar a uma queda persistente da inflação.

Ele avalia ser inevitável um estouro da meta neste e no próximo ano, com uma inflação acima de 5% em 2023. “É difícil que, na prática, o Brasil e diversos países já trabalharam com um sistema de metas móveis, embora isso não possa ser admitido publicamente. Nenhum banco central quer dizer isso, que não tem meta. Você diz que tem, mas que vai demorar [para chegar nela]”, diz o economista citando as manifestações de autoridades monetárias em outros países.

José Julio Senna, ex-diretor do Banco Central e pesquisador do FGV Ibre, afirma que a política monetária é um instrumento que sempre mostrou resultado no combate à inflação e que desta vez não será diferente, apesar das incertezas que tornam difícil projetar quando o índice de preços irá desacelerar e até onde os juros terão de subir.

Ele afirma que os países desenvolvidos — que não vivem um surto inflacionário há 40 anos — estão sendo mais cautelosos no combate à inflação para não aborrecer a recuperação da economia nesses dois anos de pandemia.

No caso brasileiro, Senna diz que o histórico inflacionário obrigou o Copom a iniciar o processo de aumento de juros mais cedo, mas que não há espaço para os juros irem muito além do patamar atual, algo que já foi sinalizado pelo próprio BC.

Simone Bess, professora do Departamento de Economia da Unicamp, afirma que o BC adota uma política monetária equivocada, que não ajuda na contenção da inflação e tem efeitos deletérios sobre a economia. Para ela, a alta de preços se deve em grande parte a uma política de preços equivocada da Petrobras. Uma decisão governamental para aliviar a tributação de preços administrados também seria mais eficaz.

“Não há evidência de que sorremos mais ‘hawkish’”, ou leve a uma trajetória de inflação mais suave. Tudo isso que está acontecendo com os preços das commodities nenhum dia teria sido conseguido controlar”, afirma.

Bradesco lucra R\$ 6,8 bi no 1º trimestre, alta de 4,7%; índice de inadimplência aumenta

Lucas Bombana

SÃO PAULO O Bradesco teve um lucro líquido recorrente de R\$ 6,8 bilhões no primeiro trimestre de 2022, o que corresponde a um crescimento de 4,7% na comparação com o mesmo período do ano passado, e 3,8% em relação ao trimestre imediatamente anterior, segundo balanço divulgado nesta quinta-feira (5).

A carteira de crédito do banco chegou a R\$ 83,45 bilhões em maio, o que equivale a uma expansão de 1,3% em bases anuais e de 2,7% na margem.

Segundo o Bradesco, foi registrado crescimento de dois dígitos em praticamente todos os produtos, tanto para pessoas físicas quanto para jurídicas, com destaque para

ra as operações de cartão de crédito, crédito pessoal, consignado, financiamento imobiliário, crédito rural, conta garantida e CDC.

“Estamos satisfeitos com as entregas deste primeiro trimestre. O mundo é outro, está em transformação, e, nesse contexto, são intensas as mudanças globais na política monetária, no câmbio e na inflação. Isso gera volatilidade. Nossa decisão é focar a escala, o investimento em tecnologia, inovação rigorosa no controle dos orçamentos”, afirmou Octavio de Lazzari Junior, presidente-executivo do Bradesco, em nota.

Apesar do aumento da Selic, a originadora de crédito mantém boa dinâmica, pois as pessoas voltaram ao consumo”, disse Lazzari.

O índice de inadimplência de 3,2% no encerramento do primeiro trimestre deste ano superou as taxas de março de 2021 (2,5%) e de dezembro (2,8%).

Entre as pessoas físicas, a taxa de atrasos superior a 90 dias alcançou 4,4% em março de 2022, ante 3,5% em março de 2021.

Raio-X | Bradesco
Fundação 1943, em Marília (SP)
Lucro líquido no 1º tri de 2022 R\$ 6,8 bilhões
Agências 2.948
Funcionários 87.488
Cientes 75,8 milhões
Principais concorrentes Itaú Unibanco, Santander, Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal

de 2021 e 3,8% em dezembro do ano passado.

Entre as micro, pequenas e médias empresas, o índice de inadimplência foi de 3,5%, ante 2,6% há um ano e 3,4% no final de 2021. Já entre as grandes empresas, o percentual ficou em 0,4%, ante 0,4% em março do ano passado e 0,3% em dezembro.

“Em comparação com os períodos que antecederam a pandemia, estamos com índices menores, mesmo com o crescimento expressivo da carteira de crédito, o que demonstra nossa boa gestão de riscos”.

A PDD (Provisão para Devedores Duvidosos) totalizou R\$ 8,8 bilhões no primeiro trimestre, crescimento de 23,7% em bases anuais e de 12,9% em bases mensais.

Unificação de cartório online passa na Câmara e vai ao Senado

BRASÍLIA A Câmara aprovou nesta quinta-feira (5) uma medida provisória que obriga os cartórios a criar uma plataforma unificada para oferecer à população serviços digitais até o final de 2023, quando termina o prazo para implementação do Serp (Sistema Eletrônico de Registros Públicos).

A medida provisória também determina que os cartórios deverão aceitar cartões de crédito e débito como meio de pagamento. O texto base foi aprovado por 259 a 64. Os deputados rejeitaram sugestões de modificação às MP, que, agora, vai para o Senado. O texto precisa ser votado até o 1º de junho para não perder validade.

Segundo a Secretaria de Política Econômica, o objetivo da medida provisória é agilizar a vida de pessoas e

empresas que, hoje, são obrigadas a fazer todos os procedimentos presenciais, mesmo nos mais de 13 mil cartórios existentes no país.

A MP cria o Serp, que tem como missão “unificar os atos e procedimentos dos serviços de cartórios para a população possa acessar os pela internet. Não há prazo para que os cartórios tenham o sistema, mas o sistema poderá ser possível enviar e receber documentos e títulos, expedir certidões e fornecer informações eletronicamente. O texto cria uma central nacional de registros de títulos e documentos públicos, que guardará os dados de atos praticados em todo o país.

A MP prevê que o sistema será operado nacionalmente por pessoa jurídica sem fins lucrativos. **Danielle Brant e Ildiana Tomazelli**

Telsinc Comércio de Equipamentos de Informática Ltda. | CNPJ 01.096.059/0001-98
DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS DE 31 DE DEZEMBRO DE 2021 E 2020 (Informações em reais - R\$) emitidas segundo o método de custo de aquisição

[illegible][illegible]

mercado



A economista Luiza Botelho de Souza, 32, que é vegetariana e passou a substituir produtos

Inflação da feira faz vegetariano pesquisar mais e mudar cardápio

Preços de legumes e verduras dispararam sob efeito de problemas climáticos e custos de produção altos

Leonardo Vieceli

RIO DE JANEIRO Substituir frutas, legumes e verduras, pesquisar mais os preços e reduzir idas a restaurantes. Em tempos de carestia dos alimentos, essas medidas passaram a fazer parte da rotina da economista Luiza Botelho de Souza, 32.

A moradora de São Paulo é vegetariana, uma das camadas de consumidores mais atingidas pela inflação de hortifruti, que ganhou força nos primeiros meses de 2022.

"Você tem a sensação de que o dinheiro compra cada vez menos. Então, faz substituições de produtos. As vezes tenta trocar uma hortifruti por uma verdura que custa menos", aponta Luiza, que é vegetariana há 12 anos.

"Comer fora também ficou mais caro. Sem dúvida, estou saindo menos de casa hoje".

Um dos preços de alimentos que mais assustaram a consumidora foi o da cenoura. Em 12 meses até abril, o item acumulou inflação de 195% no país, segundo o IPCA-15.

"A cenoura é meu alimento preferido, mas dei uma segunda nas compras recentemente", diz Luiza.

No IPCA-15, calculado pelo IBGE, o tomate também registrou alta superior a 100% em 12 meses. Até abril, a disparada foi de 17,48%.

Abobrinha (86,8%), melão (63,26%), repolho (59,38%), melancia (52,64%) e pimentão (52,64%) também escaparam da carestia.

Morango (46,79%), alface (46,22%), tomate (40,33%) e batata inglesa (39,68%) são outros alimentos com avanços expressivos no mesmo período.

"Comparar preços de um produto é um processo que o consumidor vegetariano já fazia. Agora, há um incremento. Mais do que comparar preços de um produto em locais diferentes, há uma busca por novas escolhas, por alimentos que estejam mais baratos", diz Ricardo Laurindo, presidente da SVT (Sociedade Vegetariana Brasileira).

"Por exemplo, se antes vo-

Preços de frutas, legumes e hortaliças dispararam no país

Inflação acumulada em 12 meses, até abr.22, em %



Fonte: IPCA-15/IBGE

Você tem a sensação de que o dinheiro compra cada vez menos. As vezes tenta trocar uma hortifruti por uma verdura que custa menos

Luiza Botelho de Souza, economista, vegetariana

é comia mais laranja, vai à casa para comer mais mexerica [tangerina]. Tem produtos com características similares".

Para ele, entre os alimentos, a inflação do tomate foi a que mais chamou a atenção.

"Em vez de comprar oito, a gente compra dois ou três agora. A gente dança conforme me a dança da inflação". Com a pressão no bolso, a influenciadora digital vegana Amanda Goulart, 27, também intensificou a procura por preços mais em conta e buscou substituir alimentos quando possível.

"Procuro consumir mais frutas e verduras da estação para ter preços mais acessíveis, além de não desperdiçar comida", afirma Amanda, que é moradora de Florianópolis.

"Não deixei de consumir, mas, antes, usava mais a ce-

noura nas receitas. Hoje, reduzi. Busco os nutrientes em outros alimentos".

A disparada de frutas, legumes e verduras reflete uma combinação de fatores, indica o pesquisador Felipe Siragatti, do centro de estudos FGV Agro.

Um deles é o clima adverso entre o final de 2021 e o começo de 2022. O Sul amargou períodos de seca, e houve chuvas fortes em áreas do Sudeste e do Nordeste.

Os fenômenos extremos castigaram plantações, reduzindo a oferta de parte dos alimentos. Com menos mercadorias no mercado, houve pressão sobre os preços finais. Enquanto isso, os custos de produção continuaram elevados, e os gastos com o transporte das mercadorias entre o campo e a cidade subiram de

vido à alta dos combustíveis, diz Siragatti. "Aumento dos custos de produção combinado com problemas climáticos forçou os preços dos alimentos para cima. A inflação dos combustíveis também não deu trépoço", afirma.

"É difícil fazer projeções para os preços. Os custos de produção vão permanecer elevados. Em termos de clima, é preciso torcer para que não se repita o que aconteceu com o tomate e a cenoura".

No resultado acumulado nos primeiros quatro meses do ano há um crescimento de 11% nos desembarques, com 37 milhões de toneladas descarregadas, de acordo com o porto de Paranaguá.

O insumo é essencial para a agricultura, e o Brasil é altamente dependente de for-

neceiros estrangeiros para suprir sua demanda. A possibilidade de escassez tem pressionado o presidente Jair Bolsonaro (PL), que tem no agro uma de suas principais bases eleitorais.

No fim de semana, o presidente declarou que "mais de 30 navios com fertilizantes estão a caminho da Rússia para o Brasil, resultado da viagem" que fez em fevereiro a Moscou, de acordo com a Agência Brasil.

"Nossa agricultura não para", disse Bolsonaro.

No entanto, os dados do porto de Paranaguá, por onde passam cerca de 25% de todos os fertilizantes importados pelo Brasil, mostram que o problema não está na falta de navios, mas na de espaço de armazenagem.

E pela gestão dos fluxos de entrada e saída desses estoques nos armazéns de responsabilidade de importadores e da indústria de fertilizantes.

"A Rússia continua carregando fertilizantes para o Brasil. Essa queda [em abril] tem a ver com armazena-

Falta de espaço reduz desembarque no principal porto de fertilizantes

Luiz Antonio Cintra

SÃO PAULO O volume de fertilizantes desembarcados em Paranaguá, o principal porto de entrada do produto no Brasil, vem caindo desde fevereiro, quando eclodiu a Guerra da Ucrânia.

Segundo o porto, o problema não tem a ver com escassez de insumos vindos da Rússia, mas sim com a falta de espaço para armazenagem nos terminais privados e a corrida dos importadores para garantir o produto.

Em fevereiro, foi importado 1,3 milhão de toneladas de fertilizantes pelo porto localizado no litoral paranaense. Já em março, esse volume caiu para 886 mil toneladas. O dado mais recente, de abril, mostra que a tendência de queda se manteve, com recuo para 699,2 mil toneladas.

Além da queda em termos absolutos, o mês de abril também se destaca como o primeiro, desde novembro, a registrar um recuo no volume importado em comparação com abril do ano passado — queda de 31%.

No período de seis meses, a maior taxa de crescimento foi registrada em fevereiro, com incremento de 40% sobre 2021. Essa alta, no entanto, já perdeu ritmo em março, quando os desembarques foram apenas 15% maiores que em março de 2021.

No resultado acumulado nos primeiros quatro meses do ano há um crescimento de 11% nos desembarques, com 37 milhões de toneladas descarregadas, de acordo com o porto de Paranaguá.

O insumo é essencial para a agricultura, e o Brasil é altamente dependente de for-

neceiros estrangeiros para suprir sua demanda. A possibilidade de escassez tem pressionado o presidente Jair Bolsonaro (PL), que tem no agro uma de suas principais bases eleitorais.

No fim de semana, o presidente declarou que "mais de 30 navios com fertilizantes estão a caminho da Rússia para o Brasil, resultado da viagem" que fez em fevereiro a Moscou, de acordo com a Agência Brasil.

"Nossa agricultura não para", disse Bolsonaro.

No entanto, os dados do porto de Paranaguá, por onde passam cerca de 25% de todos os fertilizantes importados pelo Brasil, mostram que o problema não está na falta de navios, mas na de espaço de armazenagem.

E pela gestão dos fluxos de entrada e saída desses estoques nos armazéns de responsabilidade de importadores e da indústria de fertilizantes.

"A Rússia continua carregando fertilizantes para o Brasil. Essa queda [em abril] tem a ver com armazena-

gem, e com as condições do mercado. Não temos espaço aqui na retroárea [terminais privados] para receber essa carga. E também houve uma compensação porque em um mês se importou mais, e agora, para compensar, caiu a importação [mensal]", diz Luiz Fernando Garcia, presidente do porto.

Por causa da dificuldade de descarregar em Paranaguá, alguns poucos navios têm optado por seguir viagem até o porto de Rio Grande (RS), onde não tem falta do espaço nos armazéns.

O custo dessa operação varia conforme a carga e as condições contratuais da importação. Já o maior movimento de entrada ocorreu em fevereiro, quando foram registradas 78 embarcações. E o menor número, de 50, ocorreu em abril.

"O que segue acontecendo é a antecipação das compras de fertilizantes. Esses números decorrem ainda da perspectiva de embargos econômicos belarussita final do ano passado, e do início da Guerra da Ucrânia, lembrando que quase um mês antes da guerra já havia aquele anúncio de paralisação da invasão, aquelas imagens todas", diz Garcia.

Para o presidente do porto, os importadores compraram volumes acima das necessidades atuais para garantir a entrega dos produtos, que apresentaram forte valorização desde o ano passado.

"Há um desarranjo na logística [portuária] por causa dessas antecipações. Temos uma capacidade de armazenar [nos terminais privados] de 3,5 milhões, e está tudo cheio. Está chegando em um volume maior do que quando o destino às vezes", diz Garcia.

De acordo com o presidente do porto paranaense, uma parcela menor dos desembarques dos últimos dias já inclui encomendas posteriores ao início da guerra, que ele estima levar entre dois e três meses para ser encomendada e a entrega em um porto brasileiro.

Na terça (3), havia 14 navios em fila, abastecidos com 426 mil toneladas de fertilizantes, aguardando para descarregar, movimento considerado normal pela administração do porto.

Desembarque de fertilizantes em Paranaguá (PR)

Volume desembarcado, mês a mês, em milhares de toneladas



Variação sobre mesmo mês do ano anterior, em %

Fonte: Porto de Paranaguá

mercado



Linha de produção da Caa Chery em Jacareí (SP); unidade monta os modelos Tiggo 3x e Arrizo 6 Pro

Caa Chery encerrará produção em Jacareí e deve demitir 485

Montadora diz que unidade será remodelada para produzir híbridos e elétricos

Cristiane Gerena

SÃO PAULO A Caa Chery vai encerrar suas atividades em Jacareí (80 km de SP) e deve deixar 485 funcionários desempregados, segundo número informado pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos na tarde desta quinta-feira (5).

De acordo com Weller Gonçalves, presidente do sindicato, a montadora informou que demitirá todos os trabalhadores de sua linha de produção, somando 375 cortes, e também deve desligar 50% dos funcionários do setor administrativo, colocando na rua 15 profissionais. Os outros 115 do setor deverão ser realocados. Mais cedo, logo após o anúncio da unidade, o sindicato estimava 600 demissões.

A Caa, que anunciou o encerramento temporário das atividades da fábrica nesta quinta, não detalhou o número de demissões. Segundo a montadora, a fábrica passará por mudanças para produção de veículos híbridos e elétricos.

O encerramento das atividades está sendo debatido entre o sindicato e a empresa. A entidade tenta negociar com a companhia em busca de minimizar o impacto dos cortes na região. Inaugurada em 2014, a fábrica da Chery em Jacareí foi a primeira da montadora fora da China e produz os ve-

ículos Tiggo 3x e Arrizo 6 Pro. Em nota, a Caa Chery afirma que a unidade será remodelada e confirma que haverá demissões para que possa fazer as adequações necessárias. "Atenta às demandas globais em relação à mobilidade sustentável, a montadora assume o compromisso com o Brasil e seus consumidores de eletrificar todos os modelos de seu portfólio até o fim de 2023", afirma.

Além da unidade de Jacareí, a empresa tem outra fábrica, em Anápolis (GO), onde são montados modelos da Hyundai e Chery. A compra de 56,7% da Chery pela Caa foi feita em 2017, por US\$ 5 bilhões na época (cerca de R\$ 12,26 bilhões na cotação atual).

Segundo a montadora, a produção será intensificada em Anápolis. A meta de produção de 10 mil unidades neste ano está mantida. Quanto aos funcionários, a Caa confirmou a intenção de encerrar o processo de lay off (interrupção temporária do contrato de trabalho). "Nós não concordamos com o fechamento da Caa Chery e, nesse sentido, a gente precisa fazer um grande debate da desindustrialização do nosso país, especialmente, na região do Vale do Paraíba, diz Gonçalves.

O sindicato fará assembleia nesta sexta (6) com os trabalhadores e deve iniciar uma campanha contra o fechamento. Além disso, uma proposta deverá ser debatida em reunião com a Caa na próxima terça-feira (10). A intenção

é manter os trabalhadores em local, colocá-los em lay off de junho a outubro e garantir mais três meses de estabilidade de outubro a janeiro, para o assunto voltar a ser debatido.

A pandemia afetou a produção das montadoras no Brasil, que tem se recuperado aos poucos. Em 2021, o sindicato diz que a produção da unidade de Jacareí foi de 14 mil veículos. Em março deste ano, a Caa Chery foi uma das que anunciaram lay-off. Ao todo, a medida atingiu 450 de cerca de 725 funcionários da época.

Segundo dados do setor, as vendas de veículos leves e pesados em abril mostraram sinais de melhora com a comercialização de 17.856 unidades no último mês, alta de 0,3% em relação a março, que teve dois dias úteis a mais. A média diária de emplacamentos passou de 690 para 775 unidades por dia no período.

Nos últimos anos, com a crise econômica, o fechamento de unidades da Ford marcou o fim de uma era de produção. Em 2019, a montadora anunciou o encerramento de suas atividades na unidade de São Bernardo do Campo (ABC).

Um ano depois, foi a vez de os funcionários de Taubaté receberem a notícia do fim das atividades e, em 2021, a montadora anunciou o encerramento de sua produção no Brasil.

Fábrica surgiu em cenário difícil e jamais atingiu capacidade de produção

ANÁLISE

Eduardo Sodré

SÃO PAULO O fechamento da fábrica do grupo Caa Chery em Jacareí (interior de São Paulo) é o desfecho de uma história que parecia promissora. O primeiro capítulo ocorreu há 13 anos, quando o mercado automotivo nacional registrava seguidos recordes de vendas e de produção.

A construção foi confirmada em maio de 2009, mas a inauguração ocorreu em agosto de 2014, resultado de um investimento de US\$ 400 milhões. A previsão era produzir 150 mil carros por ano.

Mas muita coisa mudou entre o anúncio da unidade e o início da fabricação dos carros. Em outubro de 2011, a sobretaxa do IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados), que visava frear a chegada de modelos importados ao mercado brasileiro, travou as importações.

O impacto foi grande para a marca chinesa: o carro mais barato do Brasil na época momentaneamente era o Chery QQ, lançado em abril de 2011 por a partir de R\$ 22,9 mil. Era uma cópia do sul-coreano Daewoo Matiz, que em alguns mercados foi vendido como Chevrolet Spark.

Apesar do preço, as vendas não decolaram. Além de ser uma importação, o compacto era inferior aos concorrentes nacionais e importados, como o também chinês JAC J1. A Chery oferecia outros modelos, a exemplo do utilitário compacto Tiggo 2 e do diminuto Face. O Hatch Celer chegou em 2012, e dois anos depois, viria a ser o primeiro veículo nacional da montadora.

Com as restrições aos importados e os estímulos para a produção nacional que vieram com o programa Inovar-Auto, a fábrica continuava a ser promissora. Mas, ao ser inaugurada, o mercado já submergia em meio à crise econômica e a empresa vivia em guerra com o Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e Região.

Poucos meses após o início da produção, as linhas de montagem foram paralisadas por uma greve. Os trabalhadores reivindicavam melhores salários. Outras interrupções ocorreram ao longo de 2015 e 2016, enquanto toda a indústria automotiva registrava prejuízos bilionários no país.

Tudo indicava que o fim estava próximo, até que o grupo Caa assumiu sua operação, em novembro de 2017.

Foi previsto um investimento de US\$ 2 bilhões para reativar a marca, rebatizada como Caa Chery.

Mas a estratégia incluía a produção de modelos em Anápolis (GO), onde o grupo Caa já montava carros da sul-coreana Hyundai. E os veículos de maior rentabilidade vieram de lá, como a linha Tiggo nas carrocerias SX 7 e 8.

A unidade de Jacareí ficou com os ossos da linha Arrizo e os SUV compactos Tiggo 2 e Tiggo 3x. Estava, portanto, com produtos menos lucrativos e muito distante das metas sonhadas na época do anúncio da fábrica.

As 150 mil unidades previstas no passado foram revistas para 50 mil logo após o grupo Caa assumir as operações. O melhor resultado ocorreu em 2021, quando foram montados 14 mil veículos.

Os carros de hoje são muito melhores do que os Chery importados na década passada, mas as dificuldades só aumentaram. Além de registrar baixos volumes de venda, os Chery montados em Jacareí sofrem com a falta de peças resultante da pandemia de Covid-19.



Textoy corta pessoal em fábrica de SP por falta de partes, diz sindicato

Famosa na década de 1990, a fabricante de consoles e jogos eletrônicos Textoy demitiu trabalhadores da fábrica de Taubaté (SP), alegando falta de componentes eletrônicos, segundo o Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco e Região. De acordo com a entidade, o número de desligados passa de 200 — praticamente a totalidade dos funcionários da planta, segundo o sindicato.

Na quarta-feira (4), a fabricante confirmou, em nota enviada à imprensa, que a demissão de funcionários em suas atividades na unidade paulista, que funcionava há cerca de dois anos, mantendo apenas a produção na unidade de Manaus.

Google oferecerá endereço digital a moradores de Paraisópolis

DIAS MELHORES

Gustavo Soares

SÃO PAULO O Google firmou uma parceria com a American startup de engas Favelas Brasil Xpress para fornecer endereços digitais aos mais de 100 mil habitantes de Paraisópolis, zona sul de São Paulo. A ideia é permitir que pessoas e comércio que não têm endereços bem definidos recebam um código de localização, de modo a aumentar a eficiência logística e ampliar o acesso a serviços básicos.

A iniciativa foi anunciada nesta quinta (5) em evento no pavilhão Gio Favelas. A meta, diz a empresa, é gerar 4.000 endereços até junho e mais 30 mil até o fim deste ano.

O mapeamento será feito com o Plus Code, código universal de geolocalização cria-

do pelo Google que resume conteúdos em pontos cardeais e com precisão de 3 m.

A ferramenta é gratuita e de código aberto (open source) — qualquer pessoa pode descobrir o Plus Code que endereça pelo site da plataforma. O código que representa a sede do Gio das Favelas, por exemplo, é o 97HIF+MX.

A gente fez isso com a intenção de que todos os moradores da comunidade possam falar 'eu estou aqui' e compartilhar seus endereços usando o Plus Code", disse Newton Neto, diretor de parcerias do Google para América Latina.

Embora não cobre pelo serviço, a expansão da empresa para novas regiões significa maior geração de dados locais e receita com anúncios personalizados. Em 2019, o Google anunciou iniciativa similar para moradores de áreas rurais.



Placa com Plus Code, código universal de geolocalização criado pelo Google, é fixada em casa de moradora na favela de Paraisópolis, na zona sul de São Paulo

Ícone do varejo, Mesbla volta só com venda online

SÃO PAULO A marca Mesbla está de volta. Um dos ícones do varejo de moda do Brasil nos anos 1970, 1980 e 1990 agora retorna na versão online, como um marketplace — um shopping virtual, que revende produtos de terceiros (os sellers).

Antes voltada para vestimenta, acessórios, acessórios, a nova Mesbla agora vende eletrodomésticos, celulares, eletrodinâmicos, móveis, artigos de casa e decoração, perfumaria, brinquedos, livros e até peças automotivas. São cerca de 250 mil produtos no endereço mesbla.com.

A iniciativa partiu dos irmãos Marcel e Ricardo Vilas. Especialista em logística, Marcel foi funcionário da Mesbla, que fechou em 1999. Daniele Madureira

[illegible]

mercado

Cenário de inflação e juro

Economia continua estagnada, e keynesianismo eleitoral de Bolsonaro tem fôlego curto

Nelson Barbosa

Professor da FGV e da UnB, ex-ministro da Fazenda e do Planejamento (2015-2016). É doutor em economia pela New School for Social Research

No início de fevereiro, antes da invasão da Ucrânia, quando a expectativa média do mercado era que o aumento de juro para a Selic subia de 12%, escrevi neste espaço: "Torço para que a Selic pare mesmo em treze e 12%, como acha o mercado, mas temo que o combo Otan-Rússia-Bolsonaro elevará o nosso juro básico para algo entre 12% e 13% até maio".

Infelizmente, meu temor se confirmou. Na quarta-feira (4), o Comitê de Política Monetária elevou a Selic para 12,75% e disse que vem mais, que ha-

verá novo aumento, provavelmente para 13,25% em junho. Chegou a hora de atualizar minha bola de cristal.

Comçando pelo calendário, restam cinco reuniões do Copom neste ano: junho, agosto, setembro, outubro e novembro. Serão três decisões sobre juro antes da eleição, uma entre o primeiro e segundo turno, e a última em dezembro.

Combinando o calendário econômico e político, o Copom parece querer encerrar o ciclo de aperto monetário até agosto, para atravessar o perio-

do mais intenso da campanha eleitoral sem criar fatos negativos para o governo. Seria que ele conseguirá? Depende dos choques econômicos nos próximos meses e da magnitude da elevação de juro em junho e agosto.

Comçando pelos choques, acho que podemos ser menos pessimistas sobre a inflação brasileira por quatro motivos. Primeiro, a maior parte do choque no preço do petróleo já aconteceu. Se não houver escalada militar na Ucrânia (seja esse em um "se" significativo), as cotações de petró-

leo tenderão a se estabilizar ou até cair um pouco, diminuindo a inflação mundial.

Em segundo lugar, o banco central dos EUA (Fed) finalmente reagiu ao aumento da inflação e deve elevar o juro substancialmente (para padrões internacionais) até o fim do ano. Por enquanto, o Fed diz que Selic deles (Fed Funds) subirá para algo entre 2,5% e 3%, mas acho que será mais. Como a inflação de lá está em mais de 8% ao ano, sem sinal de queda rápida e economia ainda muito aquecida, provavelmente a

Fed Funds subirá para mais de 3% ainda neste ano, o que geralmente puxa a inflação de commodities para baixo.

Tercceiro, olhando para dentro, espero que os preços de alguns alimentos em natura comecem a desacelerar no meio do ano, puxando nossa inflação para baixo. Sei que isso não aconteceu em 2021, mas 2021 foi ponto fora da curva devido aos gargalos produtivos pós-Covid. A reversão à média de longo prazo é inevitável.

Por fim, também do lado doméstico, o keynesianismo eleitoral de Bolsonaro tem fôlego curto. Nossa economia continua estagnada, com crescimento zero do PIB per capita, desemprego alto e salário real em queda. A inflação de 12,75% é de desaceleração da economia brasileira no segundo semestre, o que, por sua vez, segura a inflação.

Em contraposição aos qua-

tro fatores acima, há dois grandes riscos para a queda da inflação brasileiro em 2022.

Do lado externo, o conflito pode se acirrar ainda mais na Ucrânia, e guerra é sempre inflacionária.

Do lado interno, Bolsonaro já disse que não aceita perder a eleição e, caso isso aconteça, a crise política na transição de governo tende a elevar a taxa de câmbio, o que é tradicionalmente inflacionário no Brasil. Espero que a crise na Ucrânia não piore e que, caso derretido, Bolsonaro aceite o resultado sem criar muita confusão. Nesse cenário, a Selic subirá para 13,25% em junho, como o Copom já telegrafou, e aumentará mais um pouco em agosto, para 13,75% ou 14%. A partir de então, a Selic tende a ficar estável até dezembro, quando sabermos o resultado das ações do BC e dos votos da população.

João, Samuel Pessoa | Sete, Marcos Vasconcelos | Tizer, Nizan Guanes, Cecilia Machado | Jua, Helio Beltrão | Jui, Cida Bento, Solange Srouf | Sete, Nelson Barbosa | São, Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan



O estudante e gamer Matheus Lobo, que passou a jogar quase exclusivamente pelo celular. Ney Nunes/Folhapress

Celular se isola como principal plataforma de gamers no Brasil

Mais barato que console, smartphone é opção de 48,3% dos entrevistados

TEC

Daniela Arcanjo

SÃO PAULO Em 2018, a mesa-gamer do estudante Matheus Lobo, 22, teve um upgrade.

Após seis meses de economia, ele substituiu seu computador básico, que usava para trabalhar, por um com processador, placa de vídeo e memória maiores — componentes que são chave para um bom desempenho nos jogos.

Era o início da instalação dos sonhos: computador com duas ou mais telas, diferentes controles, fones de ouvido com cancelamento de ruído, mouse de alta precisão. Quatro anos depois, a mesa-gamer virou uma mesa de cabeceira: é ali que ele deixa as luvas de dedo, o cooler mobile (espécie de mini ventilador para resfriar o computador) e o controle onde acopla o smartphone.

"Em 2020, meu computador quebrou, e a manutenção era extremamente cara. Não achei viável. Com o preço da manutenção, eu poderia comprar um celular melhor". Desde então, Matheus joga quase exclusivamente pelo celular. O comportamento é uma

tendência mundial: em 2021, o mercado de jogos em plataformas móveis (celulares e tablets) movimentou US\$ 93,2 bilhões (R\$ 470 bilhões), 52% de todo o faturamento do setor. Segundo relatório da NewZoo, é um aumento de 7,3% em relação ao ano anterior.

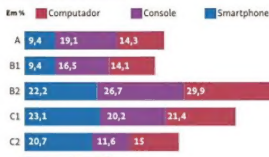
O Brasil, que segundo levantamento da FGV tem mais smartphones do que pessoas, segue o mesmo rumo. De acordo com a Pesquisa Games Brasil, feita com 13.051 entrevistados entre fevereiro e março, 48,3% dos entrevistados que jogavam preferiam o celular, aumento de 6,7 pontos percentuais em relação ao levantamento do ano passado. Desse, 33,4% declaram jogar em dispositivos móveis todo dia; 70,7% dos que preferem mobile se consideram casuais.

Matheus, fã de games no celular desde o jogo da cabriola, viu o mercado se expandir nos últimos anos. Com isso, embora tenha migrado para o mobile por uma questão financeira, hoje está na plataforma por escolha.

Ele acha mais fácil mostrar novidades para os amigos e dar play em qualquer lugar, e quase não liga o Xbox Seri-

Perfil dos gamers brasileiros por plataforma

Divisão em classes sociais



Quanto você gastou em equipamentos para jogos ao longo do último ano?



Fontes: Pesquisa Game Brasil 2022

es X que está na sua sala. "Geralmente, os jogos que estão saindo para console estão saindo para celular", justifica.

Foram várias as companhias que entraram na disputa por esse público desde que a francesa Gameloft lançou "Spider-Man Unlimited", um dos mais famosos para celular, em 2014, e se tornou pioneira em produtos com narrativas e personagens mais complexos para a plataforma. O "Fortnite", famoso jogo de estratégias da Epic Games, por exemplo, pode ser jogado de qualquer plataforma — a mesma conta pode ser usada em computador, console ou celular e carrega o progresso do jogador. Já o "League of Legends", maior sucesso da Riot Games, tem a sua versão para mobile desde 2020.

Há ainda os que são completamente voltados para smartphone, como "Pokémon GO". O objetivo do jogo, febre em 2016, é a captura das famosas criaturas do desenho, que aparecem na câmera do celular por meio de realidade aumentada.

No Brasil, a Wildlife Studios é a principal empresa de games focada no mercado mobile. É a única do setor entre os unicórnios — apelido das startups com valor de mercado superior a US\$ 1 bilhão.

Há 17 anos no mercado, o presidente-executivo da distribuidora Level Up, Gláucio Marques, diz que o desenvolvimento dos games mobile teve um salto nos últimos três anos, acompanhando a evolução e popularização dos celulares — e pegando carona na digitalização da pandemia.

"Em relação a negócios, a gente vê uma grande oportunidade", diz o executivo. A aposta, para ele, é no mercado de maior resiliência, de modo geral, no console ou computador a experiência é mais rica, com gráficos melhores, mais interação e eventualidade. "Com a internet a cabo, mais rapidez."

Em 2018, 14% dos acessos à plataforma de jogos da empresa de Marques era mobile. Em março deste ano, a proporção já era responsável por 52% dos acessos, guiada que provocou mudanças na equipe. Dos 186 funcionários contratados desde 2019, 45% foram para áreas ligadas a serviços para a celular ou tablet.

"A minha mãe de 79 anos nunca havia jogado e, há 5 anos, depois que comprou o primeiro smartphone, passou a jogar diariamente e investe nisso", conta Marques.

À próxima grande mudança, aposta ele, será a quinta geração de rede de celulares. "O 5G vai potencializar esse crescimento para produtos melhores. Agora, precisamos ver em quanto tempo a população em geral vai ter acesso. Assim como o público com celulares melhores, é um nicho", afirma.

"Quando você vai a plataformas como console e com-

putador, a experiência de games é elitizada", afirma Carlos Silva, sócio da casa Games & D, que representa 38% dos jogadores de console e 41% dos de computador, e 59% dos jogadores de smartphone e tablet.

A diferença de custo ficou ainda mais evidente após o início da pandemia, quando a interrupção das cadeias globais de suprimentos desartou uma crise no mercado de microchips — componente essencial para eletrônicos.

O dólar passando os R\$ 5, numa alta de 24% desde o fim de 2019, também não ajudou quem comprar importados.

O levantamento aponta que 67,5% dos entrevistados gastaram menos de R\$ 1.250 no último ano em equipamentos para jogos, valor bem abaixo dos cerca de R\$ 2.300 necessários para adquirir um Xbox Series S, console mais barato da nova geração.

O mesmo fenômeno é observado no investimento da experiência: 61,6% dos entrevistados dizem ter gasto em jogos no último ano menos de R\$ 200 — preço de um jogo de primeira linha da Nintendo no Brasil.

A diversidade no celular abarca também gênero. Mulheres são 65,4% entre os jogadores, cenário que se inverte no console, onde 63,9% são homens. No computador, o público masculino representa 58,9% dos jogadores.

A análise de redes sociais Shestaphany Andrade, que descobriu o mundo dos games com "Super Mario" e "Donkey Kong" na Super Nintendo dos anos 1990, tem se dedicado a cada vez mais ao celular. Começou com jogos mais básicos, incluindo o conhecido quebra-cabeças "Candy Crush", e chegou, em 2017, a estabelecer o "Free Fire", game de ação do estúdio Garena.

Hoje, aos 27 anos, ela parou de jogar de grupo e passou a jogar "PlayerUnknown's Battlegrounds", ou PUBG, em campeonatos amadores, parte dos diversos eventos voltados só para jogadores de celular. A Mobile Pro League Battle-Spring deste ano, competição profissional do game ao qual Shestaphany se dedica, teve um pico de 44,33 espectadores, segundo o eSport Charts.

Embora seja uma entusiasta da praticidade do celular, Shestaphany ainda joga por outras plataformas. "A impressão é que eu estou jogando no PC ou no console, é bem maior. Os gráficos hoje em dia são bons no smartphone, mas, quando você vai jogar algo, mesmo jogo em uma versão para computador, tem uma grande diferença. Parece que você se teletransporta para dentro do jogo".

Brasil Revistas

Entre em nosso Canal no Telegram.

Acesse t.me/BrasilRevistas



Tenha acesso as principais revistas do Brasil.

Distribuição gratuita, venda proibida!